

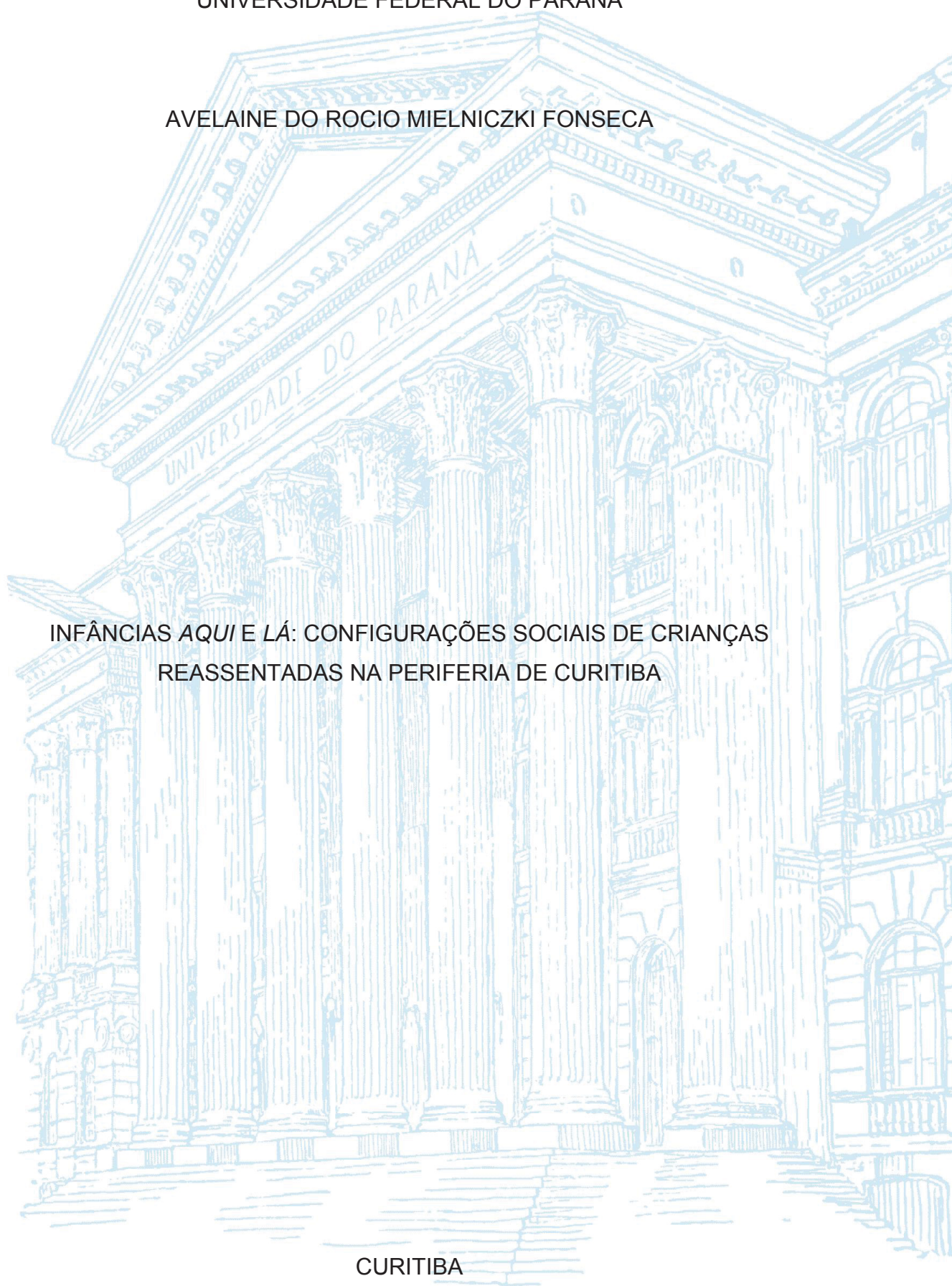
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

AVELAINE DO ROCIO MIELNICZKI FONSECA

INFÂNCIAS AQUI E LÁ: CONFIGURAÇÕES SOCIAIS DE CRIANÇAS
REASSENTADAS NA PERIFERIA DE CURITIBA

CURITIBA

2019



AVELAINE DO ROCIO MIELNICZKI FONSECA

INFÂNCIAS *AQUI* E *LÁ*: CONFIGURAÇÕES SOCIAIS DE CRIANÇAS
REASSENTADAS NA PERIFERIA DE CURITIBA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação: Diversidade, Diferença e Desigualdade Social.

Orientadora: Profa. Dra. Valéria Milena Rohrich Ferreira

CURITIBA

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584

Fonseca, Avelaine do Rocio Mielniczki.

Infâncias aqui e lá : configurações sociais de crianças reassentadas
na periferia de Curitiba / Avelaine do Rocio Mielniczki Fonseca. –
Curitiba, 2019.
188 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Valéria Milena Rohrich Ferreira

1. Habitação popular – Aspectos sociais – Curitiba (PR). 2. Crianças.
3. Comportamento das crianças – Avaliação. 4. Relações humanas na
infância. 5. Assentamentos humanos – Curitiba (PR). I. Título. II.
Universidade Federal do Paraná.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO -
3000018001P0


TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **AVELAINE DO RÓCIO MIELNICZKI FONSECA**, intitulada: **INFÂNCIAS AQUI E LÁ: CONFIGURAÇÕES SOCIAIS DE CRIANÇAS REASSENTADAS NA PERIFERIA DE CURITIBA**, sob orientação da Profa. Dra. VALÉRIA MILENA ROHRICH FERREIRA, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no título de defesa. A obtenção do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as diligências e correções solicitadas pela banca, e ao pleno atendimento das demais regulamentações do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 26 de Setembro de 2019.


VALÉRIA MILENA ROHRICH FERREIRA
Presidente da Banca Examinadora


VANIA CARVALHOS DE ARAÚJO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPIRITO SANTO)


JOÃO PAULO PÓCOLI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ)

Dedico esse trabalho a minha Mãe, Joana, que sempre, diante dos percalços da vida, busca forças para seguir adiante.

A minha filha Evelyn, mulher que me inspira a cada dia.

A meu filho Vandir, pela sua alegria pela vida e pela paixão que tem por estudar.

A meu filho Gabriel, sempre determinado em suas escolhas e que desde seu nascimento me fez repensar a minha condição de “mulher”.

A meu marido Vandir pelo companheirismo e paciência no momento de ausência.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à professora Valéria Milena Rohrich Ferreira, por todos os momentos de conversas e orientações. Sempre com muito entusiasmo, respeito e ética, participou ativamente desta pesquisa, indicando novos autores e trazendo reflexões a partir de seu olhar eliasiano em relação tanto aos dados quantitativos quanto aos qualitativos.

Agradeço, também, a todos os participantes do nosso Grupo de Estudos TECI (Território, Educação e Cidade). Em especial Sônia e Marcia, pelas leituras, reflexões e sugestões de rever encaminhamentos em alguns capítulos desta dissertação.

Agradeço a todas as crianças e familiares que, com seus relatos, muito contribuíram na elaboração desta pesquisa. Foi em função delas que conheci outros espaços da cidade de Curitiba. E, pelo olhar delas, foi possível reconhecer outros lugares da cidade, a cidade “real”, pois a cidade “turística”, mesmo que fisicamente não tenham tido acesso, já foi apresentada pelos meios de comunicação.

Também agradeço aos professores João, Sueli e Vânia pelas contribuições trazidas no momento da qualificação. Com isso, foi possível refletir e rever alguns encaminhamentos em relação a autores e objetivos e, assim, ampliou-se significativamente o olhar para os dados e fundamentação teórica.

Agradeço aos professores e colegas da linha Educação: Diversidade, Diferença e Desigualdade Social, que muito contribuíram para meu crescimento pessoal e acadêmico com suas pesquisas e discussões durante as disciplinas de forma especial às professoras Angela e Lucimar.

Agradeço a minha prima Solange, por despertar em mim o desejo e a possibilidade de ingressar no mestrado. Com isso, ampliaram-se meus laços de amizades nas pessoas da Grasi, Flávia, Marcia, Sônia, Rojanira e Paulo. E, ainda, reforçou laços com pessoas que me acompanharam por esses anos de estudos. E, mesmo na ausência de nossos encontros (trilhas, caminhadas e churrascos), marcaram presença por palavras e incentivos.

Às minhas irmãs Alda, Aldia e Albanin e aos meus sobrinhos, meus agradecimentos pela paciência nos encontros de família, nos quais, muitas vezes, o assunto que predominava, de minha parte, eram relacionados à minha pesquisa e a frase que mais ouviam era “preciso estudar”.

Por fim, agradeço à Prefeitura Municipal de Curitiba pela concessão da licença para estudo. Isso foi fundamental na qualidade e concretização desta pesquisa.

Todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer. Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas.

(ELIAS, 1994, p. 27)

RESUMO

Nesta pesquisa, objetivou-se analisar as mudanças que ocorrem nas redes de interdependência de crianças em processo de remoção-reassentamento quando mudam de bairro. Buscou-se compreender as aproximações e diferenças em relação à moradia, lazer, cultura, família, amizades, espaços de brincadeira e vizinhança nos bairros de origem e atual, a partir do olhar das próprias crianças. Os referenciais teóricos que contribuíram para a pesquisa foram: Elias (sociologia), Sarmiento, Qvortrup e outros (sociologia da infância), Rolnik (arquitetura e urbanismo), entre outros. A pesquisa foi realizada em um conjunto habitacional na periferia de Curitiba a partir de metodologia qualitativa. Aconteceu em dois momentos, o primeiro, chamado de “INFÂNCIAS AQUI”, foi realizado com dezenove crianças, que falaram sobre suas relações com os espaços do bairro. E, na sequência, mais especificamente com seis crianças, que mostram tanto o bairro atual quanto, em um segundo momento, denominado na pesquisa de “INFÂNCIAS LÁ”, os bairros antigos de moradia. Ao analisar as redes de interdependência das crianças reassentadas, constata-se que elas são influenciadas não apenas pelas políticas de habitação popular, mas também por suas condições econômicas, espaciais e culturais. O avanço do complexo financeiro-imobiliário impacta diretamente no direito à cidade, sendo as crianças as mais prejudicadas. A construção de conjuntos habitacionais populares, nas periferias é marcada pela exclusão e distribuição de capital social e cultural. As crianças trazem aspectos significativos sobre as relações sociais nos diferentes espaços dos bairros. Suas redes são permeadas por relações de poder (pessoas e instituições) nas figuras da Companhia de Habitação Popular (COHAB), da Prefeitura de Curitiba, do político, do líder comunitário, da síndica, da mãe e do pai. Com o reassentamento, elas sofreram interferência em suas relações afetivas, ruptura e conquista de novos laços de amizade. A relação com a família ampliada é, em alguns casos alterada, e, na divisão do trabalho doméstico, as meninas dedicam mais tempo que os meninos. São elas também que têm mais responsabilidade com os cuidados dos irmãos, sobrinhos e de pessoas mais velhas. O medo está presente em diferentes situações: dormir no chão com ratos, de pessoas gritando, medo de policiais, armas e de traficantes. A situação de moradia, que já não era adequada, com a mudança, não melhorou. Elas foram prejudicadas em suas redes de interdependência, pois estão em uma região onde não há comércios, espaços de lazer (praças e parques) nem escola próxima. Em relação a espaços de cultura (teatro, museu e cinema), elas não tiveram acesso em nenhum dos bairros por onde andaram desde o nascimento. Conclui-se que a configuração social das crianças da pesquisa é a de completa negação de seus direitos.

Palavras-chave: Infância. Reassentamento. Habitação popular. Configurações. Redes de interdependência.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the changes that occur in children interdependence networks when they change neighborhood due to removal-relocation. It also aimed to comprehend similarities and differences regarding culture, living, leisure, family, friendship, playing spaces and neighborhood between the neighborhood of origin and the current one through children's point of view. The theoretical framework that contributed to this research were: Elias (sociology), Sarmiento, Qvortrup et al. (sociology of childhood), Rolnik (architecture e urban planning), among others. The research was carried out in a housing development in the periphery of the city of Curitiba, State of Paraná, Brazil, based on a qualitative methodology. The research was divided in two moments: the first, called "CHILDHOODS HERE", was carried out with nineteen children, they shared about their relationship with the spaces of the neighborhood; and the second, denominated "CHILDHOODS THERE", in which six children showed the current neighborhood as well as the previous ones. Throughout the analysis of the interdependence networks of relocated children, it can be perceived that they are influenced not only by low-income housing policies but also by their economic, spatial, and cultural conditions. The increasing of real estate and financial complex impacts directly in the right to the city, being the children the most harmed ones. The construction of low-income housing development in the peripheries is marked by exclusion and distribution of social and cultural capital. Children bring significant aspects regarding social relations in different spaces of the neighborhoods. Their networks are pervaded by power relations (people and institutions) in the figures of the low-income housing development company (COHAB), of the City Hall, of the politician, of the community leader, of the syndic, of the mother and the father. Children, due to relocation, suffered interference in their affective relations as well as rupture and achievement of new friendships. Extended family relationship is, in some cases, altered and the girls expend more time than the boys within the domestic labor division. They are also responsible for the care of the siblings, nephews and elderly people. The fear is present in different situation, such as: sleeping in the floor with rats, people yelling, fear of cops, guns and drug dealers. The living situation that was inadequate, after they move it was not improved. The children were harmed in their interdependence networks because they are in a region where there is no commerce, leisure spaces (squares and parks) nor a close school. Regarding culture spaces (theatre, museum and cinema), they did not have access in any of the neighborhoods they lived since they were born. It is possible to conclude that social configuration of the researched children is one of complete denial of their rights.

Keywords: Childhood. Relocation. Low-income housing development. Configurations. Interdependence networks.

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

BNH	- Banco Nacional de Habitação
CEI	- Centro Municipal de Educação Integral
CMEI	- Centro Municipal de Educação Infantil
COHAB	- Companhia de Habitação Popular de Curitiba
EM	- Escola Municipal
FCP	- Fundação Casa Popular
IAP	- Instituto de Aposentadoria e Pensões
IPPUC	- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
MCMV	- Programa Minha Casa Minha Vida

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MAPA DOS BAIRROS DE ORIGEM DAS 19 CRIANÇAS.....	34
FIGURA 2 – BANQUINHA DE DOCES DO IGOR	74
FIGURA 3 – A) PETECA. B) FUTEBOL C) JOGO DE TAMPINHAS. D) LUTA.	78
FIGURA 4 – ESCALANDO / ELÁSTICO	80
FIGURA 5 – CALÇADOS	81
FIGURA 6 – PARQUINHO	87
FIGURA 7 – IGREJA E CAMPINHO	88
FIGURA 8 – LOCAL ONDE FICAVA A CASA DA AVÓ/ PRIMA E VIZINHOS.....	90
FIGURA 9 – A) LOCAL DA TERCEIRA MORADIA; B) RUA DA TERCEIRA MORADIA VISTA DA ESQUERDA PARA DIREITA; RUA DA TERCEIRA MORADIA VISTA DA DIREITA PARA ESQUERDA E C) RUA DE FRENTE PARA A TERCEIRA MORADIA	92
FIGURA 10 – ESPAÇOS DE BRINCADEIRAS.....	94
FIGURA 11 – ESPAÇOS DE LAZER DO “AQUI” E DO “LÁ” DE LAURA – A) RIO DAS VÁRZEAS – BAIRRO SANTA CÂNDIDA B) PRAÇA – BAIRRO TATUQUARA – C) PRAÇA – BAIRRO PINHEIRINHO.....	98
FIGURA 12 – SÍNTESE DOS ESPAÇOS FREQUENTADOS E RELAÇÕES SOCIAIS DE LAURA	100
FIGURA 13 – ESPAÇOS E BRINCADEIRAS	108
FIGURA 14 – MINI DISTRIBUIDORA	111
FIGURA 15 - GUINHO SE BALANÇANDO	112
FIGURA 16 – CAMINHO DA ESCOLA - PORTÃO DE ENTRADA DA ESCOLA....	113
FIGURA 17 – CAMPINHO DE FUTEBOL VISTO DE CIMA.....	114
FIGURA 18 – CAMINHANDO NA TRILHA.....	115
FIGURA 19 - <i>ONDE BRINCA DE CASINHA / ALI É A TV</i>	116
FIGURA 20 - RIO ATUBA/ RESTOS DE CASAS.....	118
FIGURA 21 – LOCAL DA MORADIA ANTIGA	119
FIGURA 22 – BRINCANDO DE ESCORREGAR COM PAPELÃO	121
FIGURA 23 – ESPAÇOS DE LAZER DO “AQUI” E “LÁ” DOS IRMÃOS INGRID, MARIANA E GUINHO – A /B) PRAÇA NO BAIRRO ALTO; C) PRAÇA DA LIBERDADE NO BAIRRO ALTO E C) PARQUE RIO DAS VÁRZEAS NO SANTA CÂNDIDA	126

FIGURA 24 – SÍNTESE DOS ESPAÇOS FREQUENTADOS E RELAÇÕES SOCIAIS DOS IRMÃOS INGRID, MARIANA E GUINHO	125
FIGURA 25 – CAMINHO PARA IGREJAS – A) AINDA EM CURITIBA. B) PONTE NA DIVISA ENTRE CURITIBA E ALMIRANTE TAMANDARÉ. D) RUA APÓS PASSAR A PONTE	132
FIGURA 26 –VISTA DO CONJUNTO NA PERSPETIVA DO OUTRO MUNICÍPIO	133
FIGURA 27 – PONTE PRÓXIMA A CASA DA TIA/ RUA ONDE EMILI TINHA MORADO	136
FIGURA 28 – ANTIGA CASA/ LOCAL DE FESTAS E COMEMORAÇÕES	138
FIGURA 29 – LUGAR ONDE BRINCAVA E QUE TINHAM CASAS QUE FORAM RETIRADAS/ BRINCAVA NO RIO	141
FIGURA 30 – A PONTE	142
FIGURA 31 – LUGAR BEM PRÓXIMO DA ANTIGA MORADIA QUE O TIO DISSE QUE FOI FECHADO DE PROPÓSITO.....	144
FIGURA 32 – PRAÇAS DO “LÁ” DA EMILI.....	150
FIGURA 33 – SÍNTESE DOS ESPAÇOS FREQUENTADOS E DA REDE DE RELAÇÕES SOCIAIS DO “AQUI” E “LÁ” DA EMILI	151
FIGURA 34 – BRINCADEIRAS E ESPAÇOS DE BRINCADEIRAS/ VISTA DOS CONJUNTOS DO ESPAÇO ONDE BRINCAM.....	157
FIGURA 35 – LOCADORA E LOJA DE FERRO VELHO	161
FIGURA 36 – CANCHA AO LADO DA ESCOLA NO BAIRRO PAROLIN.....	162
FIGURA 37 – PRIMEIRA CASA – VALTER.....	163
FIGURA 38 – SEGUNDA CASA – VALTER.....	163
FIGURA 39 – PISTA DE SKATE.....	164
FIGURA 40 – ESPAÇO ONDE SE PAGA E PEGA O LANHE	164
FIGURA 41 – ESPAÇOS DE LAZER (PRAÇAS E PARQUES) DO “AQUI” E “LÁ” DE VALTER	167
FIGURA 42 – SÍNTESE DOS ESPAÇOS FREQUENTADOS E RELAÇÕES SOCIAIS DE VALTER	169

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – RESUMO SOBRE A PRODUÇÃO DE DADOS.....	33
QUADRO 2 – PERCURSO DOS LUGARES DE MORADIA DESDE O NASCIMENTO	35
QUADRO 3 – RESUMO SOBRE VISITAS AOS BAIRROS DE ORIGEM – INFÂNCIAS “LÁ”	68
QUADRO 4 – RESUMO DAS CAMINHADAS NO BAIRRO ATUAL – Infâncias “AQUI”	69

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – POPULAÇÃO, HABITAÇÃO E HOMICÍDIOS DO “AQUI” E DO “LÁ” DA LAURA	82
TABELA 2 – NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS DE INDÚSTRIA/COMÉRCIO EM RELAÇÃO (%) AO TOTAL DE POPULAÇÃO E RENDIMENTO MENSAL MEDIANO DO “AQUI” E DO “LÁ” DOS BAIRROS DA LAURA	82
TABELA 3 – ÁREAS DE OCUPAÇÃO IRREGULAR 2005/2010 DO “AQUI” E DO “LÁ” DA LAURA	83
TABELA 4 – ESPAÇOS DE CULTURA E ÁREAS VERDES DO “AQUI” E DO “LÁ” DA LAURA	84
TABELA 5 – POPULAÇÃO, HABITAÇÃO E HOMICÍDIOS DOS BAIRROS DO “AQUI” E “LÁ” DOS IRMÃOS INGRID, MARIANA E GUINHO.....	101
TABELA 6 – ESTABELECIMENTOS DE INDÚSTRIA/COMÉRCIO E RENDIMENTO MENSAL MEDIANO DO “AQUI” E DO “LÁ” DOS IRMÃOS INGRID, MARIANA E GUINHO	102
TABELA 7 – ÁREAS DE OCUPAÇÃO IRREGULAR 2005/2010 DOS BAIRROS DO “AQUI” E DO “LÁ” DOS IRMÃOS INGRID, MARIANA E GUINHO ..	102
TABELA 8 – ÁREAS VERDES PARQUES E PRAÇAS DO “AQUI” E DO “LÁ” DOS IRMÃOS INGRID, MARIANA E GUINHO	103
TABELA 9 – POPULAÇÃO, HABITAÇÃO E HOMICÍDIOS DO “AQUI” E DO “LÁ” DE EMILI.....	126
TABELA 10 – ESTABELECIMENTOS DE INDÚSTRIA/COMÉRCIO E RENDIMENTO MENSAL MEDIANO DO “AQUI” E DO “LÁ” DE EMILI	126
TABELA 11 – ÁREAS DE OCUPAÇÃO IRREGULAR 2005/2010 DO “AQUI” E DO “LÁ” DE EMILI.....	127
TABELA 12 – ÁREAS VERDES, PARQUES E PRAÇAS DO “AQUI” E DO “LÁ” DE EMILI.....	128
TABELA 13 – POPULAÇÃO, HABITAÇÃO E HOMICÍDIOS DO “AQUI” E DO “LÁ” DO VALTER.....	152

TABELA 14 – ESTABELECIMENTOS DE INDÚSTRIA/COMÉRCIO E RENDIMENTO MENSAL MEDIANO DO “AQUI” E DO “LÁ” DO VALTER	153
TABELA 15 – ÁREAS DE OCUPAÇÃO IRREGULAR 2005/2010 DO “AQUI” E DO “LÁ” DO VALTER	153
TABELA 16 – ESPAÇOS DE CULTURA E LAZER DO “AQUI” E DO “LÁ” DO VALTER	154

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	METODOLOGIA DA PESQUISA E ENTRADA NO CAMPO.....	29
3	ESPAÇO E MORADIA POPULAR: ASPECTOS POLÍTICOS, HISTÓRICOS E ECONÔMICOS NA CONFIGURAÇÃO DAS CIDADES	39
3.1	NORBERT ELIAS E AS CONFIGURAÇÕES SOCIAIS EM DIFERENTES TEMPOS HISTÓRICOS	39
3.2	TERRITÓRIOS E PODER: CONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS DO DIREITO À CIDADE A MERCANTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS	46
3.3	POLÍTICAS DE HABITAÇÃO POPULAR NO BRASIL: UM BREVE CONTEXTO DAS ÚLTIMAS DÉCADAS.....	57
4	“AQUI” E “LÁ”: ESPAÇOS DE INFÂNCIA E REDES DE INTERDEPENDÊNCIA	68
4.1	INFÂNCIAS “AQUI”: AS 19 CRIANÇAS UM BREVE CONTEXTO	70
4.2	ALGUNS DADOS SOBRE A COMPOSIÇÃO DA REDE DE INTERDEPENDENCIA DE LAURA	81
4.2.1	Laura, a menina que organizava a casa com a mãe	85
4.2.2	Laura: infâncias “AQUI”: bairro Santa Cândida.....	86
4.2.3	Laura: infância “LÁ”: bairro Pinheirinho.....	90
4.2.4	Laura e ainda a Infância “LÁ”: bairro Tatuquara	95
4.3	ALGUNS DADOS SOBRE A COMPOSIÇÃO DAS REDES DE INTERDEPENDENCIA DOS IRMÃOS INGRID, MARIANA E GUINHO	101
4.3.1	Gostavam de brincar de escorregar no gramado com papelão	104
4.3.2	Ingrid Infância “AQUI”: bairro Santa Cândida	108
4.3.3	Guinho Infância “AQUI”: bairro Santa Cândida	110
4.3.4	Mariana Infância “AQUI”: bairro Santa Cândida	113
4.3.5	Ingrid, Guinho e Mariana Infâncias “LÁ”: Bairro Alto.....	116
4.4	CONTEXTUALIZANDO OS BAIRROS DO “AQUI” E DO “LÁ” DE EMILI.....	126
4.4.1	Emili, a menina que ajudava a cuidar dos três sobrinhos	128
4.4.2	Emili Infância “AQUI”: bairro Santa Cândida.....	130
4.4.3	Emili e Infância “LÁ”: bairro Parolin	134
4.5	CONTEXTUALIZANDO OS BAIRROS DO “AQUI” E DO “LÁ” DE VALTER	152
4.5.1	Valter, o menino que queria ser <i>youtuber</i>	154

4.5.2	Valter: infância “AQUI”: bairro Santa Cândida	155
4.5.3	Valter: infância “LÁ”: bairro Vila Hauer.....	159
4.5.4	Valter, ainda Infância “LÁ”: bairro Butiatuvinha.....	162
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
	REFERÊNCIAS	176
	ANEXO 1 – AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA PELA SECRETARIA	
	MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO	182
	ANEXO 2 – AUTORIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS PARA A PARTICIPAÇÃO NA	
	PESQUISA	183

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa as configurações sociais de um grupo de crianças e sua relação com processos de moradia, antes e após o processo de remoção e reassentamento na periferia de Curitiba. Nesta pesquisa o termo remoção é compreendido “como o processo de retirada da população de suas casas e ou terras, ocorrendo de forma pacífica [...] ou de forma forçada” (LEÃO; LIMA, 2016, p. 36) e o termo reassentamento como a “transferência de pessoas de seu local de origem para algum assentamento planejado.” (LEÃO; LIMA, 2016, p. 36).

Nesse sentido, a pesquisa tem por objetivo investigar o que muda nas configurações sociais (ELIAS, 2008) de crianças que sofreram alterações em seus territórios pelo processo de remoção e reassentamento, analisando, especificamente, a relação criança-território, a partir de seu próprio olhar. Para isso, foram realizadas visitas com as crianças aos antigos bairros de moradia, nesta pesquisa chamados de “INFÂNCIAS LÁ” e no atual bairro de moradia, no Santa Cândida, chamado de “INFÂNCIAS AQUI”.

O bairro Santa Cândida está localizado na periferia norte da cidade de Curitiba, região onde foram construídos, em 2014, onze conjuntos de habitação popular, com total de mil unidades, constituídos por casas, sobrados e apartamentos. As obras foram realizadas pela Companhia de Habitação Popular de Curitiba (COHAB)¹ com recursos do programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV)² do governo federal.

As moradias, casas e apartamentos, naquele momento, foram destinados a dois segmentos da sociedade. O primeiro para famílias que estavam cadastradas na COHAB, com renda máxima de R\$ 1.600 reais. Já o segundo, para famílias que moravam em áreas consideradas de risco social e ocupações irregulares³. As

¹ A Companhia de Habitação Popular de Curitiba (COHAB), sociedade de economia mista criada em maio de 1965, tem como acionista majoritária a Prefeitura de Curitiba. A Companhia é responsável pela execução da política habitacional do município de Curitiba e tem competência para atuar também na Região Metropolitana.

² Programa criado em 2009 pelo Governo Federal que buscava facilitar a conquista da casa própria pelas famílias de baixa renda. As concessões de benefícios eram feitas por faixas de renda e consistiam nas modalidades: Urbana, Entidades e Rural.

³ Os termos ocupação e invasão são utilizados com frequência em notícias de ocupação de terras rurais e urbanas por famílias empobrecidas. Nesta pesquisa, optou-se pelo uso do termo ocupação, descrito por Almeida (2006), como posse legalizada de algo (abandonada ou ainda não apropriada).

famílias que se encontravam nesta situação foram removidas de vinte e três diferentes áreas da região de Curitiba, conforme dado da Agência de Notícias da Prefeitura de Curitiba, e transferidas para o conjunto habitacional pela COHAB.

O conjunto habitacional mencionado nesta pesquisa está localizado na periferia de Curitiba, no bairro Santa Cândida, divisa com os municípios de Colombo e Almirante Tamandaré. Conforme dados do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), com base no Censo Demográfico do IBGE de 2010, realizado quatro anos antes dos reassentamentos, o bairro Santa Cândida tinha uma população de 32.808 habitantes, sendo que destes 21,12% eram crianças e adolescentes de 0 a 14 anos. Já em relação à quantidade de moradias, o bairro contava com 11.343 unidades com 2,89 habitantes por domicílio.

Ao analisar outros dados do IPPUC a respeito dos equipamentos urbanos localizados no Santa Cândida, verificou-se que existem poucos e básicos equipamentos em relação ao total da população do bairro. Neste bairro se encontram: cinco Escolas Municipais (EM) e destas, duas atendem em período integral (conhecidas como Centro Municipal de Educação Integral – CEI); três Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs); dois Centros de Educação Infantil – creches conveniadas (CEIs); e duas Unidades de Saúde (US).

Já sobre os dados referentes a equipamentos culturais e de lazer na cidade de Curitiba, pode-se dizer que existem 45 teatros, 31 museus e 14 cinemas, no entanto no bairro Santa Cândida não existe nenhum destes equipamentos. A grande maioria deles está localizado em bairros mais próximos da região central. Com relação a praças e parques, na cidade de Curitiba, são 352 praças e 22 parques, mas no Santa Cândida, das 6 praças que existem no bairro, nenhuma fica próxima ao conjunto habitacional e apenas um pequeno parque a uma distância de mais de 2 km.

Nesta pesquisa foi possível evidenciar que os equipamentos básicos que já estavam em funcionamento não foram suficientes para atender ao grande número de famílias que chegaram para morar no conjunto habitacional⁴. Sendo assim, por

Sentido de trabalho, de labor, de emprego de força intelectual ou física para auferir renda ou para produção de algo.

⁴ Refere-se ao total de onze conjuntos habitacionais construídos na região do bairro Santa Cândida e, por questões éticas, esta nomenclatura será utilizada de forma genérica, não evidenciando-se nenhum em específico.

falta de vagas nas escolas mais próximas, algumas famílias tiveram que matricular seus filhos em escolas localizadas em outras regiões.

Uma das escolas localizava-se no bairro Alto da Glória, região próxima ao centro de Curitiba, a aproximadamente 10 km do local onde as famílias foram reassentadas. Já a outra estava localizada no bairro de moradia, Santa Cândida, a uma distância aproximada de 4,5 km. Conforme relato de algumas destas famílias, no momento em que receberam as moradias, foi feito um acordo com o poder público e, assim, as crianças matriculadas na escola que ficava no bairro Alto da Glória, teriam vaga e transporte garantidos pelo município. Esse mesmo acordo foi feito com as famílias que tinham filhos matriculados no ensino médio na Escola Estadual mais próxima ao conjunto habitacional.

No entanto, esse mesmo acordo não se estendeu para o grupo de crianças matriculadas na escola integral mais próxima ao conjunto habitacional, mas que, apesar de ser a mais próxima, localizava-se a uma distância aproximada de 2,5 km. As duas outras escolas mencionadas no acordo atendiam apenas em períodos regulares.

Esta situação gerou conflitos entre as famílias e o poder público no sentido de se entender por que as crianças do 6º ao 9º anos de escola regular estadual tinham direito ao transporte enquanto as crianças do 1º ao 5º ano da escola integral não, sendo que as escolas estavam localizadas a menos de 300 metros uma da outra.

Enquanto isso, na ausência de escola integral mais próxima ao conjunto habitacional, dificuldade na mobilidade das crianças até a escola, além de questões financeiras, algumas famílias levavam seus filhos com seus próprios carros e outras se organizavam em caronas, já outras famílias dependiam de transporte público⁵, mas a maioria das crianças, com idades entre cinco e treze anos, se deslocava a pé percorrendo aproximadamente 2,5 Km até a escola.

Conforme dados da escola integral, ao final de 2014 aproximadamente 70 crianças moradoras do conjunto habitacional estavam matriculadas nesta instituição. Já em 2016 esse número aumentou para 160 crianças e em 2018 eram aproximadamente 250 crianças. No entanto, foi só em 2016, depois de muita

⁵ A mãe de um dos alunos relatou o acordo que tinha feito com o cobrador de ônibus para que seu filho passasse por baixo da roleta quando utilizava o transporte público até a escola.

negociação e pressão popular, que o município assumiu a responsabilidade pelo transporte das crianças matriculadas nessa instituição de educação integral.

Desta forma, observa-se que as famílias reassentadas vivenciavam situações alarmantes que afetavam em especial às crianças, ferindo seus direitos básicos, como descritos no Capítulo IV do Estatuto da Criança e do Adolescente:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes: I- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; V- acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência.

Além disso, é possível perceber que outros direitos assegurados na Constituição Federal também foram negligenciados, conforme descrito no Capítulo II: Dos direitos Sociais, Art. 6º: “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e a infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição”.

Nesse sentido, com relação ao direito à saúde, foi observada a demora na finalização da Unidade de Saúde mais próxima do conjunto habitacional. As obras para construção deste equipamento foram iniciadas no ano de 2012 e tinham prazo de entrega previsto para o ano de 2013. No entanto, só em janeiro de 2018 é que foram finalizadas as obras e a comunidade passou a ser atendida nesta unidade, portanto, após quatro anos da inauguração do conjunto habitacional.

Em julho de 2014, durante evento realizado para entrega de 480 unidades de moradias, parte do total de 1000 unidades, o prefeito Gustavo Fruet, que na época participou do evento, falou para moradores e autoridades presentes:

Além da casa própria, a Prefeitura preocupou-se também com a infraestrutura e com os equipamentos comunitários. Na área dos conjuntos vamos construir, em parceria com o governo federal, uma creche e uma escola municipal. Além disso, os moradores terão uma unidade de saúde nas proximidades e, no futuro, poderão contar com o Hospital da Zona Norte, que devemos licitar em breve. (Fonte Agência de notícias de Curitiba)

Essa fala não deixa de comprovar que primeiro a prefeitura participou na colocação das famílias nas moradias e só bem depois finalizou um dos equipamentos básicos necessários, a Unidade de Saúde. Uma das moradoras,

durante a pesquisa de campo, relatou que, enquanto aguardava a finalização desta Unidade de Saúde mais próxima, devido a questões de saúde das filhas gêmeas de três meses e questões financeiras, teve que ir a pé até outra unidade que ficava no mesmo bairro. Para isso, contou com a ajuda da irmã de onze anos de idade. Juntas percorreram uma distância entre ida e volta de aproximadamente 10 km para o atendimento.

A partir disso, observa-se o descaso na garantia de outros direitos considerados sociais, os quais essas famílias não tiveram acesso, que vão desde a falta de equipamentos básicos (de educação e de saúde), a outros importantes (de cultura, e de lazer etc.), portanto, tiveram acesso à casa própria, mas esse acesso não garantiu outros direitos sociais. Acrescenta-se também que no bairro Santa Cândida é possível encontrar comércios em geral como lojas e mercados, no entanto, esses ficam distantes dos conjuntos habitacionais. Diante desta constatação, em agosto de 2018 a prefeitura lançou a integração da estação-tubo⁶ Fernando de Noronha, da linha Santa Cândida/Capão Raso com a rua da cidadania do bairro Boa Vista, onde as pessoas que moram nos conjuntos podem fazer compras nas lojas e no Armazém da Família, pagando apenas uma passagem do trajeto por um período de duas horas.

Já em relação a equipamentos de lazer, conforme relatos de moradores durante a pesquisa de campo havia um projeto para a instalação de uma academia ao ar livre no entorno dos conjuntos habitacionais, mas até o momento esse projeto não foi concretizado. Na cidade de Curitiba tais academias “têm como objetivo, incentivar aos cidadãos a prática de exercícios físicos e garantir uma melhor qualidade de vida da população e também propiciando maior convívio da vizinhança” (CURITIBA, 2018).

Mas, o que todo esse contexto descrito acima tem a ver com a pesquisadora desta investigação? Conheci de perto todo esse contexto descrito acima, pois atuava como pedagoga e articuladora pedagógica na escola de tempo integral da Rede Municipal de Educação de Curitiba (RME), na qual foram matriculadas crianças moradoras dos conjuntos habitacionais.

Essa situação me mobilizou a um aprofundamento sobre as vivências destas famílias reassentadas, em especial ouvir as próprias crianças sobre essa questão.

⁶ A estação-tubo refere-se a pontos de embarque do transporte coletivo de Curitiba.

Tive interesse por compreender quem elas eram, de onde vinham e em que essa mudança implicava em suas configurações sociais. Sobre o termo “configurações sociais”, Elias (2008), um sociólogo alemão, explicava que este termo pode ser entendido a partir do exemplo de um jogo de cartas, no qual o esquema de cada jogo muda conforme o grupo e depende do total de ações dos indivíduos nas relações que sustentam uns com os outros.

Nesse sentido, conforme o autor, para compreendermos a nossa própria vida em sociedade, é preciso “uma visão mais realista das pessoas que, através das suas disposições e inclinações básicas são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras” (ELIAS, 1970, p. 15), assim, são constituídas as configurações sociais e as teias de interdependência como famílias, escolas, cidades e classes sociais. As relações sociais estão sujeitas a tensões e forças sociais que “são de fato forças exercidas pelas pessoas, sobre outras pessoas e sobre elas próprias.” (ELIAS, 1970, p. 17).

Nessas configurações, queria conhecer as histórias de vida e as dificuldades que as famílias e as crianças reassentadas estavam enfrentando no novo local de moradia, estas pareciam estar relacionadas, a princípio, com a adaptação a um bairro sem estrutura adequada, casas pequenas, distante de escolas, de creches, de áreas de lazer, e de locais seguros para brincar, uma vez que não conheciam a região.

Portanto, o interesse para desenvolver esta pesquisa surgiu a partir de todo este contexto e, ainda, pode ser dividido em dois momentos. O primeiro foi o fato de, pela primeira vez, ter tido contato com famílias e crianças que tinham sido reassentadas e o segundo foi ter participado, como ouvinte, na disciplina “Educação, Cidade e Desigualdades Sociais”, ministrada pela professora Valéria Milena Rohrich Ferreira, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE-UFPR), no segundo semestre do ano de 2016.

A partir destes momentos de estudo, foi possível compreender de forma mais ampla algumas questões sociais e espaciais que estavam presentes tanto em meu cotidiano pessoal quanto no profissional. E, dessa forma, surgiram inquietações para entender como os problemas relacionados à nova moradia (remoções, reassentamentos e moradias irregulares) interferiam na vida das crianças, em suas configurações sociais.

Pensar na relação das crianças com a cidade, a partir de suas próprias experiências, dentro de suas realidades sociais e a partir dos seus relatos, provocou-me a refletir sobre a minha condição de profissional da educação. Tendo isto presente, passei a compreender que a escola é um microterritório vivenciado pelas crianças, porém há também uma infinidade de outros microterritórios que fazem parte da vida de cada uma delas e nós, profissionais da educação, por diversas razões, ainda temos dificuldade em perceber e lidar com tais realidades vivenciadas pelas crianças.

Vivemos em sociedades desiguais e essas desigualdades afetam diretamente as crianças e suas infâncias nas cidades. A falta de moradias para populações mais pobres ou moradias inadequadas nas grandes cidades é um argumento utilizado para justificar as remoções e reassentamentos de certas crianças e famílias que moram em determinadas regiões. Mas, também, se observam outras situações que culminam com essa prática, como a edificação de novas obras públicas, a assim chamada “revitalização” urbana, a realização de megaeventos, os assentamentos sobre áreas consideradas de risco social e a valorização de terrenos pelo campo imobiliário. Além de questões de infraestrutura, as remoções e reassentamentos afetam diretamente o direito à cidade.

Sendo assim, na perspectiva de entender a configuração social da criança na cidade, exige-se uma amplitude de conhecimentos no sentido de compreender as redes nas quais as crianças se encontram, que são amplas e diferenciadas. Neste sentido, pensando com Elias (1970), não é possível entender os problemas da sociedade a partir da noção de um indivíduo isolado, ou seja, não é possível analisar uma criança separada de suas redes. A vida social de cada criança é carregada de múltiplos acontecimentos, com variados sujeitos e significados.

Por outro lado, cada criança encontra-se em uma posição dentro das redes de interdependência que não é tão fácil alterar. Elias (1994) afirma que há uma ordem invisível comum nas formas de vida que não é percebida e “oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamentos possíveis” haja vista que a criança nasce em uma estrutura social que já foi produzida antes de seu nascimento, sendo tal estrutura bem definida e que funciona de forma muito dinâmica.

Dito de outra forma, no domínio da experiência, o ser humano singular é gerado e formado por outros seres humanos, nasce em um conjunto de pessoas que

viviam num tempo anterior a ele: “todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existiam antes dele para poder crescer”. (ELIAS, 1994, p.26). Para Elias, uma das condições essenciais da existência humana é a participação da multiplicidade de pessoas inter-relacionadas ao mesmo tempo. E é na sociedade, na relação com outras pessoas, que a criança se desenvolve psicologicamente como indivíduo mais complexo (ELIAS, 1994, p.27).

Assim, ainda para esse autor, analisar as possibilidades de liberdade de escolha das pessoas dentro de suas redes dependerá, em muitos aspectos, de se analisar o ponto onde o indivíduo nasce e cresce na teia humana, as relações e funções dos pais e a escolarização que recebe. E é preciso lembrar que, por mais diversa que seja a relação entre as pessoas, grupos e as funções que exercem, os seres humanos estão sempre na dependência uns dos outros.

Neste campo de análise, ainda sobre a criança e a sociedade, é possível apreender como campos específicos das ciências sociais vêm pesquisando as crianças. Para o sociólogo Qvortrup (2010), há mais de duas décadas que elas se tornaram foco nos estudos da sociologia da infância e, assim, passou-se a definir um campo que estuda as crianças, considerando-as como agentes sociais produtoras de culturas. Desse modo, as crianças são percebidas “como agentes sociais cuja ação modifica/transforma os mundos sociais nos quais estão inseridas. (QVORTRUP, 2010, 631). É preciso, portanto, dar visibilidade à infância e escutar as crianças.

A sociologia da infância compreende que os termos infância e criança não são permutáveis. Conceituar infância e criança requer uma avaliação dos parâmetros sociais existentes em determinada época, como os econômicos, políticos, sociais, culturais e tecnológicos. Conforme destacado por Qvortrup, (2010) é a interação entre esses parâmetros que resulta na produção das configurações sociais, incluídos outros grupos etários e as relações entre eles.

O campo da sociologia considera a infância como um fenômeno social, ou seja, como uma categoria na estrutura social, e isso ampliou significativamente o conhecimento sobre as relações sociais das crianças com seus pares e também delas nas relações com os adultos. A infância se modifica ao longo da história ao mesmo tempo em que permanece enquanto categoria em constante mudança e continuidade.

Para Lopes (2008), há a necessidade de refletir-se sobre a infância como um espaço de encontro entre os diferentes indivíduos e setores que devem investigar as crianças em seus territórios de influência para que, assim, “possamos percebê-las como pessoas que não estão deslocadas no espaço e tempo, mas como alguém real, que brinca, se diverte, está na escola ou não, está no campo, nas lavouras, nas fábricas, nas ruas” (LOPES, 2008, p. 80). Ainda de acordo com Lopes, para fortalecer essas ideias em relação às crianças, deve-se “compreendê-las como agentes produtores do espaço que gestam e dão significados às suas espacialidades, construindo lugares, territórios e paisagens.” (LOPES, 2008, p. 68).

Nesse sentido, conforme Elias (2012) “a reflexão mais profunda sobre a necessidade das crianças é, no fundo, o reconhecimento do seu direito de serem compreendidas e apreciadas em seu caráter próprio e este também é um direito humano” (ELIAS, 2012, p. 469). Ainda de acordo com Elias, descobrir a criança significa “denominar como uma necessidade que as crianças têm de viver sua própria vida, uma maneira de viver, em muitos sentidos, distinta do modo de vida dos adultos, apesar da sua interdependência com estes.” (ELIAS, 2012, p. 469).

Para Elias (2012), há uma mudança na representação de autoridade, demonstrações formais de respeito que evidenciavam a dominação dos pais sobre os filhos. Gradativamente, há uma redução da dominação paternal no tratamento com as crianças, isso quer dizer que se tem diminuído a desigualdade na relação entre pais e filhos.

Já quando se problematiza o campo da infância com questões relacionadas aos territórios, outras questões importantes surgem. Para Lopes (2008), as territorialidades infantis são campo de reflexão da geografia da infância, no sentido de que a infância abrange espaços de negociações que envolvem as culturas de criança e dos lugares que são determinados pelos adultos e instituições para as crianças. Neste sentido conforme Ferreira (2016) o território é “um espaço usado e qualificado pelos sujeitos, sendo definido pelas relações.” (FERREIRA, 2016, p. 179).

Já o espaço urbano é um artefato social em contínuo “processo de transformação, que é produzido e reproduzido por meio da reorganização espacial provocada pela própria sociedade.” (FERREIRA, 2016 p. 179). Desta forma para Kowarick (1979), não se pode analisar o problema habitacional de forma isolada, é

necessário levar em conta os processos socioeconômicos e políticos e o conjunto de contradições específicas que deles derivam.

Já Rolnik (2015), professora da Faculdade de arquitetura e Urbanismo da USP, analisou como, em escala global, o complexo imobiliário-financeiro tem influenciado nas políticas habitacionais e também nas políticas urbanas. Em sua obra “Guerra dos lugares, a colonização da terra e da moradia na era das finanças” (2015), a autora revela formas com as quais grupos ligados ao campo econômico, em vários países, incluindo o Brasil, praticam seu poder por meio da legislação urbana, da iniciativa imobiliária e do mercado de terras. Para a autora, portanto, o controle e a distribuição desigual do espaço urbano são produto do planejamento urbano e da regulação urbanística mantida pelo poder econômico. A autora aponta que há uma crise global de insegurança no monopólio da terra, que interfere diretamente na vida de milhões de pessoas no planeta e acarreta processos de remoções massivas.

A insegurança pela posse da terra manifesta insurgências, conflitos e violência em diversas partes do planeta e diz respeito a “[...] processos globais e ao mesmo tempo profundamente locais de disputa pelos territórios [...]” (ROLNIK, 2015 p. 16). Mas, pensar sobre a cidade, é pensar também que ela tem uma realidade sociocultural múltipla, complexa e em transformação, com situações e possibilidades de estilos de vida cujas interpretações de mundo ocorrem simultânea e continuamente, nas quais: “o mundo urbano é sempre plural, atravessado por múltiplas diversidades e desigualdades, contemporaneidades e não contemporaneidades [...], ao mesmo tempo.” (IANNI 2000, p. 135). Assim, se fixam as relações, os percursos e os arranjos que organizam, acionam e transformam o mundo. Nessas situações, a cidade revoluciona e inventa inusitadas e surpreendentes formas do espaço e do tempo, “da duração e da memória, do presente e do pretérito, do próximo e do remoto, da desterritorialização e reterritorialização, da realidade e da virtualidade”. (IANNI, 2000, p. 135)

Para Elias, as formações sócio-históricas não podem ser concebidas como se tivessem sido planejadas e criadas “tal como agora se apresentam ao observador retrospectivo, por diversos indivíduos ou organismos.” (ELIAS, 1994, p.13). Uma configuração tem dentro dela aspectos históricos que são determinados pela estrutura das sociedades. Desta forma, entende-se que a configuração social acerca da moradia é um processo de longa data, que se difere nas diferentes sociedades

“bem como nas diferentes épocas históricas de uma mesma sociedade.” (ELIAS, 1994, p. 28).

Nessa perspectiva, pensar sobre a questão da moradia nas cidades, especificamente no contexto brasileiro e na trajetória de suas políticas sociais, é algo muito recente. Ainda no final do século XIX e início do XX essa questão tinha pouca visibilidade na agenda governamental. No período da República Velha (1899-1930), por exemplo, a pouca legislação que existia sobre isso e as medidas governamentais sobre habitação popular não consideravam “a melhoria das condições de residência das classes de baixa renda como seu principal objetivo.” (AZEVEDO, 1988, p. 107).

Por outro lado, Bonduki (1994) chama a atenção para o fato de que a produção em larga escala de conjuntos habitacionais pelo Estado se intensificou a partir da criação das carteiras prediais dos Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAPs), que ocorreu em 1937. Posteriormente, também teve importância a instituição da Fundação da Casa Popular (FCP), que ele considerou uma iniciativa relevante dos governos populistas sobre habitação popular. Sobre essa fundação, Azevedo (1988) afirma que é somente a partir dela, em 1946 “[...] que se institucionaliza a primeira agência de nível nacional voltada exclusivamente para a construção de casas populares para as classes de baixa renda” e, somado a isso, o surgimento, vinte anos depois, do Banco Nacional de Habitação (BNH), mas, como instrumento criado para dar mais garantia e segurança ao governo por meio do discurso da casa própria (AZEVEDO, 1988, p. 108).

Na história recente de políticas de habitação, Costa (2014) aponta que desde o fechamento do Banco Nacional de Habitação (BNH), em 1986, permanece a dificuldade de trabalhadores assalariados que ganham até três salários mínimos adquirir um imóvel no mercado imobiliário formal e “nesse sentido, o problema habitacional brasileiro concentra-se no grupo de trabalhadores assalariados que não possuem recursos materiais e financeiros para obter sua própria habitação.” (COSTA, 2014 p.01). Diante disso, como subterfúgio, muitas famílias passaram a habitar em locais precários como favelas, morros, loteamentos irregulares e outros.

A trajetória brasileira da política de habitação é marcada há décadas pelo número elevado de falta de moradia para a população de baixa renda. O objetivo das soluções habitacionais vem de períodos antigos somados às necessidades das classes mais baixas e “[...] tiveram, ao longo de seu percurso, mudanças que

acabaram desviando o atendimento para classes de renda média” (MARGUTI, 2018, p.119).

Assim, tendo em vista todas essas questões descritas acima, sobre as crianças, a cidade, a habitação popular e as mudanças que causam nas suas vidas as remoções e reassentamentos, e, ainda, a forma como tudo isso interfere nas suas redes de interdependência, lança-se o seguinte problema de pesquisa: que mudanças ocorrem nas redes de interdependência de crianças em processo de remoção-reassentamento, quando mudam de bairro? Como modificam suas vivências, mobilidade, redes de amizades brincadeiras, usos do bairro?

Os objetivos específicos que nortearam esta pesquisa foram:

- Cartografar os espaços utilizados pelas crianças nos diferentes bairros e conhecer de que forma vivenciam/vivenciavam a partir de visitas e conversas.
- Analisar as redes de interdependência, aproximações e diferenças em relação à moradia, lazer, cultura, família, amizades, espaços de brincadeira e vizinhança nos bairros de origem e atual.
- Comparar o uso dos espaços dos bairros de origem com o atual, pelas crianças verificando o que muda nas redes de interdependência dos espaços com a mobilidade espacial.
- Sintetizar as configurações sociais das infâncias das crianças reassentadas a partir das redes de interdependência.

Sendo assim, essa pesquisa está organizada em cinco capítulos. O primeiro constitui-se desta introdução em que se discutiu em termos amplos conceitos como os de configurações sociais, infância e criança, mercantilização dos espaços e políticas de habitação popular no Brasil. No segundo capítulo, chamado Metodologia da pesquisa e entrada no campo, descreve-se o processo metodológico utilizado na pesquisa e a entrada em campo de pesquisa. No terceiro capítulo, Espaço e moradia popular: aspectos políticos, históricos e econômicos na configuração das cidades discute-se as configurações sociais a partir do sociólogo Norbert Elias (2008), destacando-se a multiplicidade de pessoas inter-relacionadas no que o autor chama de Sociedade dos Indivíduos (1994). Além disso, também são desenvolvidos

outros conceitos essenciais da pesquisa, a partir dos campos da sociologia, da geografia e das políticas de habitação popular no Brasil e em Curitiba, a saber: redes de interdependência, configuração, espaço, território, reassentamentos, intervenções urbanas, segregação espacial e valorização imobiliária.

O quarto capítulo, “AQUI” e “LÁ”: espaços de infância e redes de interdependência, primeiramente, apresenta-se um breve contexto das dezenove crianças participantes da primeira parte da pesquisa. Em seguida, em duas partes, apresentam-se os espaços do “AQUI” e do “LÁ” das crianças participantes da segunda parte da pesquisa. A primeira parte, a partir de dados socioeconômicos, discute-se: O que os dados quantitativos nos revelam? Enquanto na segunda, a partir de dados qualitativos, discute-se: O que os dados qualitativos demonstram? A partir disso, apresenta-se a formação das redes de interdependência das crianças participantes, no segundo momento da pesquisa. As considerações finais procuram responder ao problema de pesquisa, relacionando os dados empíricos com os dados teóricos trazidos pelos capítulos apresentados nesta pesquisa.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA E ENTRADA NO CAMPO

Até há pouco tempo, os investigadores, quando pesquisavam aspectos da infância, preferiam questionar adultos, como pais ou professores, sobre as vidas das crianças, em vez de questionarem as próprias crianças. (SCOTT, 2005)

Neste capítulo, procurou-se descrever a entrada no campo da pesquisa, os desafios na realização de pesquisa com crianças fora do ambiente da escola e a metodologia utilizada nesta pesquisa.

Partindo do objetivo de compreender que mudanças ocorrem nas redes de interdependência de crianças que foram removidas de seus bairros de origem até seu reassentamento. No que diz respeito à relação delas com seus territórios, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa. Conforme esta perspectiva, “um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada.” (GODOY, 1995, p.20). Dessa forma, a pesquisa qualitativa permite uma proximidade com os campos da pesquisa e com os sujeitos participantes.

Esta pesquisa buscou uma proximidade com um grupo de crianças e, por meio de conversas, objetivou entender a relação delas com os espaços novos e antigos de moradia, lugares por onde moraram antes de estarem no bairro Santa Cândida e sua relação com o atual espaço de moradia. Sendo assim, neste estudo, se denominou Infâncias “AQUI” para o bairro Santa Cândida, local onde as crianças moravam no momento da pesquisa e infâncias “LÁ” para os outros bairros onde já tinham morado antes de serem reassentadas no bairro Santa Cândida. Para a realização desta investigação, além das conversas com as crianças, foram realizadas também conversas com as famílias, observações e visitas aos bairros. Já como instrumentos de registro foram utilizados, diário de campo, gravador e máquina fotográfica. Assim, procurou-se, no decorrer da pesquisa, descrever de maneira o mais densamente possível o cotidiano das crianças da pesquisa, para assim, poder compreender suas redes de interdependência e realizar uma análise processual, requisito fundamental para se chegar a uma análise configuracional.

Em uma primeira aproximação com o problema de pesquisa, optou-se inicialmente por ouvir crianças da escola pública da rede municipal, de tempo integral, na qual a pesquisadora desta investigação trabalhava como pedagoga na

época do reassentamento. Assim, foi realizada uma pesquisa exploratória, com 187 (cento e oitenta e sete) crianças de quartos e quintos anos da referida escola. Respeitando as questões éticas de pesquisa com crianças, procedeu-se em primeiro lugar, com o processo de autorização junto à Secretaria Municipal de Educação de Curitiba (SME)⁷. Em seguida, foi realizado contato com a escola e apresentada a proposta da pesquisa. Após esse momento, foi perguntado para as crianças se gostariam de participar e, assim, solicitada a autorização dos pais.

Nesta pesquisa exploratória, foi aplicado um questionário aberto com questões referentes ao bairro atual e o bairro de origem das crianças, sobre o que mais gostavam de fazer no bairro atual e no anterior e o que menos gostavam. Neste momento, o objetivo maior era saber quantas crianças moravam nos condomínios e suas primeiras impressões sobre a mudança para lá. Constatou-se que, do total de crianças que responderam ao questionário, 38 (trinta e oito) haviam sido reassentadas e suas impressões, no que se referia ao bairro, variavam entre gostar e não gostar do bairro.

No entanto, percebeu-se que continuar a pesquisa a partir da escola se mostrou pouco eficaz para responder ao problema da pesquisa. Nesse sentido, diversas perguntas mais íntimas sobre a situação econômica, familiar etc., poderiam ser constrangedoras e produzir um silenciamento por parte das crianças, por não quererem se expor neste espaço. Sendo assim, decidiu-se ir ao próprio local de moradia das crianças.

Sobre o a escolha e o trabalho de campo, Neto (1994) destaca que este “se apresenta com uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo” (NETO, p.51). Nesse sentido, as expectativas e as fronteiras existentes no cotidiano social concedem ao pesquisador amplos procedimentos e descobertas. Assim, depois da pesquisa exploratória, os próximos passos foram os seguintes:

Em um primeiro momento, após o contato com a síndica de um dos conjuntos habitacionais onde algumas crianças reassentadas moravam, foi

⁷ No segundo semestre de 2017 foi enviado o projeto de pesquisa, conforme orientações da pessoa responsável pelo do setor da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba que recebe e autoriza a realização da pesquisa. Após quinze dias, obteve-se a autorização para entrar em contato com a escola selecionada e apresentar a proposta, bem como os passos da pesquisa.

apresentada a ela a proposta da pesquisa com algumas crianças do conjunto. Nesse momento, a síndica se colocou à disposição para fazer a ponte entre a pesquisadora e as famílias. No primeiro contato, dentro das dependências do conjunto habitacional, foi apresentada para cada uma das famílias a proposta da pesquisa. Diante disso, e resguardadas as questões éticas de pesquisa, após o consentimento delas para a participação das crianças, foi assinado um termo de consentimento livre e esclarecido.

É relevante destacar que, após o consentimento das famílias, o mais importante foi explicar às crianças a proposta da pesquisa e obter a concordância ou não delas em participar da pesquisa. Também foi explicado, em diferentes momentos, que, se durante o período da pesquisa, não tivessem mais vontade de continuar, não teria problema. Essa retomada aconteceu em vários momentos, no dia da massinha, no jogo de “cama de gato” e nos momentos de conversas no campo de futebol (momentos estes que serão melhor explicados mais à frente no texto). Um menino de oito anos foi à única criança que ora se aproximava e ora se distanciava nos momentos de conversas, mas gostava de estar sempre próximo ao grupo participante e, mesmo assim, não desistiu.

O número de crianças participantes na pesquisa foi aumentando conforme elas iam observando as conversas no campo de futebol e algumas das crianças que já participavam traziam amigos. Assim, 19 crianças moradoras dos conjuntos participaram no primeiro momento desta pesquisa.

Desde o primeiro contato com esse grupo crianças, meninos e meninas com idades entre 7 e 14 anos, sempre foi decidido por eles como seriam as conversas, se em grupos ou individual, onde e como aconteceriam. No primeiro encontro, que aconteceu nas dependências do conjunto habitacional, em que sete crianças participaram, após explicar sobre o que conversaríamos, uma delas sugeriu que, naquele dia, poderia ser individual, pois talvez alguma criança não se sentisse à vontade para falar, ou seja, elas é que organizaram como seria o dia da pesquisa.

E, assim, elas se organizaram em uma sequência para conversarmos e, a cada conversa encerrada, essa criança chamava a próxima que estava brincando no campo de futebol. Desse modo, a cada encontro, depois que combinávamos sobre o que conversaríamos, as crianças decidiam quem queria participar e se seria individual ou em grupos. A partir destas conversas em que as crianças narravam situações e explicavam sobre como eram os espaços do bairro atual e do antigo e

faziam comparações entre o “AQUI” e o “LÁ”, é que surgiu o interesse em conhecer de perto o que tinham vivenciado.

O segundo momento da pesquisa aconteceu, então, após as algumas crianças demonstrarem interesse pela proposta de me acompanhar até o bairro que tinham morado antes do reassentamento no bairro Santa Cândida. Assim que a criança confirmava que tinha interesse, eu ia até o apartamento ou casa onde morava no conjunto habitacional e explicava aos responsáveis sobre o objetivo desta visita, que era de as crianças poderem mostrar como era o bairro onde tinham morado.

Assim que os responsáveis autorizavam, em seguida era agendado um dia e horário conforme disponibilidade deles para acompanhar a visita. Fizemos o mesmo procedimento para caminharmos nas proximidades do conjunto habitacional, no bairro atual. As crianças que participaram, no segundo momento da pesquisa, foram aquelas que brincavam por mais tempo no campo de futebol. Apenas uma das sete que tiveram a proposta, não aceitou e justificou que não tinha nada para ver onde morava, pois a prefeitura havia derrubado a sua casa e restavam apenas entulhos. A partir desse momento denominou-se “AQUI” para as narrativas dos espaços do atual bairro e “LÁ” para as narrativas dos espaços do antigo bairro.

Os diálogos sobre o “AQUI” aconteceram nas dependências do conjunto habitacional, no campo de futebol do lado de fora do conjunto habitacional, nos trajetos e espaços que as crianças mostravam durante as visitas nas proximidades do bairro e divisa com o município de Almirante Tamandaré. As conversas sobre o “LÁ” aconteceram durante o trajeto até os bairros visitados (crianças, familiares e pesquisadora) e enquanto caminhávamos pelos bairros das antigas moradias. Os momentos de visitas e caminhadas do “AQUI” e “LÁ” aconteceram em diferentes horários e dias (dias da semana e finais de semana), conforme as famílias se organizavam.

Nos momentos das visitas do “LÁ” tive o privilégio de ser guiada tanto pelas crianças, durante os trajetos, quanto pelos seus familiares a lugares da cidade os quais eu não conhecia. No início pensei em colocar os endereços dos trajetos no Sistema Global de Posicionamento (GPS), no entanto fui surpreendida quando durante a organização para a primeira visita a família não sabia dizer qual era o endereço. Foi aí que decidi que se as crianças ou o adulto que nos acompanhava saberiam me levar até lá, eles seriam o meu GPS.

Abaixo segue o quadro no qual sintetizo os momentos da pesquisa.

QUADRO 1 – RESUMO SOBRE A PRODUÇÃO DE DADOS

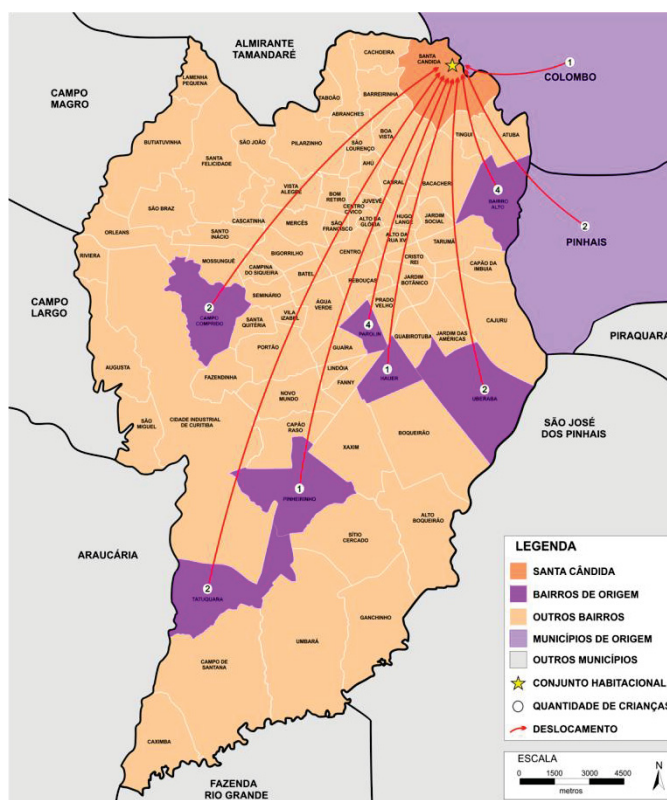
	Pesquisa exploratória/conversa na escola.	Primeiro momento O “AQUI” .	Segundo momento O “AQUI” e o “LÁ”
Período da produção de dados	Agosto/2017	Outubro/2017 a março/2018	Dezembro/2017 a setembro/2018
Total de crianças	187	19	6
Total de bairros/ou município de origem	Na escola	7 bairros (Bairro alto, Parolin, Pinheirinho, Hauer, Tatuquara, Uberaba, Campo Comprido e Butiatuvinha). 3 municípios (Curitiba, Colombo e Pinhais)	6 bairros de origem visitados (Pinheirinho, Tatuquara, Bairro Alto, Parolin, Vila Hauer e Butiatuvinha).
Metodologia	Questionários para 6 turmas de 4º e 5º ano. Desenho com as crianças sobre o que mais gostavam no bairro e o que menos gostavam.	Conversas com as famílias e com as crianças em diferentes espaços dentro e fora dos conjuntos habitacionais.	-Conversas individuais em grupos com (crianças e famílias). -Visitas (6) e caminhadas nos bairros de origem com trajetos a esses espaços guiados pelas crianças e familiares (pesquisadora, criança e um adulto responsável). -Visitas e caminhadas nos arredores do bairro atual (criança e pesquisadora) nas igrejas, mercado, escolas, praça, balança anexa ao parque, farmácia, casa da avó, lugar proibido, casas e apartamentos nos conjuntos habitacionais e uma trilha próxima aos conjuntos. conjunto.
Total /horas	Sete dias com total de 30h na escola.		Foram 27 o total de idas ao campo da pesquisa entre o “AQUI” e o “LÁ”. Total de horas: aproximadamente 60 h.

FONTE: Autora (2018)

No primeiro momento da pesquisa, nas primeiras conversas, foi possível mapear os bairros onde moravam as 19 (dezenove) crianças antes de virem para o

bairro Santa Cândida. Nesse levantamento, observou-se que vieram de sete bairros diferentes e também de dois municípios próximos da capital. A quantidade de crianças distribuídas por bairros e municípios era o seguinte: Bairro Alto (4), Parolin (4), Pinheirinho (1), Vila Hauer (1), Uberaba (2), Campo comprido (2), Tatuquara (2) e dos Municípios de Pinhais (2) e Colombo (1).

FIGURA 1 – MAPA DOS BAIRROS DE ORIGEM DAS 19 CRIANÇAS



FONTE: Basílio (2019).

No segundo momento da pesquisa, após as conversas e visitas aos bairros de origem, foi possível observar o percurso dos lugares onde as seis (6) crianças moraram desde o nascimento até o reassentamento no conjunto habitacional Jatobá, no Santa Cândida. No quarto capítulo, apresenta-se todo o processo percorrido pelos bairros de Curitiba com as crianças e seus familiares, conforme síntese do quadro a seguir. É possível observar no quadro 2, a seguir, que os três irmãos e a Emili⁸ moraram em um mesmo bairro desde que nasceram até serem

⁸ Por questões éticas, nesta pesquisa todos os nomes de crianças e adultos são fictícios.

reassentados para o bairro atual, já a Laura e o Valter passaram por dois bairros antes do reassentamento.

QUADRO 2 – PERCURSO DOS LUGARES DE MORADIA DESDE O NASCIMENTO

Bairro de Origem	Pinheirinho	Bairro Alto	Parolin	Tatuquara	Butiatuvinha	Vila Hauer	Bairro Atual/Santa Cândida
Laura	X			X			X
Ingrid, Guinho e Mariana		X					X
Emili			X				X
Valter					X		X

FONTE: Autora (2018)

Esta pesquisa teve como desafio conviver com crianças em um espaço de encontro de crianças em momentos de lazer. Assim, surgiram inquietações de como, enquanto pesquisadora, “me comportar”, o que fazer e como ganhar a confiança das crianças e, além disso, como não ser invasiva e como abordar as questões de forma ética e respeitosa.

Diante destas inquietações, tudo passou a ser tecido a partir das observações e conversas com as famílias e com as crianças. Nesse processo, no primeiro contato, observou-se uma quantidade maior de crianças brincando no campo de futebol, espaço que fica do lado de fora do conjunto habitacional. Essa quantidade era maior em relação às que circulavam nos espaços internos do condomínio que, em geral, eram crianças menores acompanhadas por adultos.

Nesse dia, foi no campo de futebol que algumas das crianças que aceitaram participar da pesquisa, tiveram o primeiro contato comigo. Surgiu, assim, uma nova inquietação enquanto pesquisadora, o receio em ter de “competir com a bola e o campo de futebol”. Nesse momento, pensei na necessidade de estratégias que atraíssem as crianças para as futuras conversas. Diante disso, após as primeiras conversas com as crianças participantes da pesquisa foi combinado que nos encontros iríamos fazer uma brincadeira ou atividade diferente a cada dia. A primeira sugestão das crianças foi fazer massinha de modelar caseira. Nesse momento novo aprendizado, aprender a se relacionar com a criança fora da instituição escolar. Foi visível, a partir da forma como elas se organizaram dentro do salão de festas do condomínio, que não havia necessidade de regras tão fechadas quanto eu

imaginava, além de ter que existir também certa flexibilidade para participação de outras crianças (3 e 4 anos), moradoras do conjunto habitacional, as quais não faziam parte da pesquisa, atendendo ao pedido das mães.

Assim, a “regra”, nessa situação, serviu para rever os objetivos que, naquele momento, era buscar uma aproximação com as crianças, o que deu certo. Já o segundo objetivo, que era conversar com elas individualmente, conforme combinado, não foi possível conforme evidenciado na fala de algumas crianças: “acho que hoje não vai dar para conversar”.

Eram dezesseis crianças e um adulto em um salão de festas pequeno, fazia muito eco, o que dificultou ainda mais o processo de ouvir e conversar. Outras crianças assinalaram para que as conversas individuais fossem do lado de fora do salão. No entanto, não foi possível pela preocupação com as crianças menores que participavam desse momento. Nesse processo, conforme destacado por Demartini “[...] se não conseguir estabelecer certo grau de intimidade, para que se crie certa abertura, não vai obter fala nenhuma, não vai obter resposta àquilo que está propondo.” (DEMARTINI, 2002, p.12). Então, aproveitamos para brincar de massinha e conversarmos sem maiores preocupações com gravação, perguntas previstas etc.

No segundo dia, as conversas aconteceram em uma calçada interna próxima a saída do conjunto. Jogamos cama de gato, e quem sabia ensinava para os que não conheciam o jogo, e as conversas fluíram naturalmente. Nesse momento, elas explicaram como foi construído o espaço do campo de futebol e a participação delas nessa organização, além de outros assuntos. No terceiro dia, como não havíamos combinado uma brincadeira levei duas peças de elástico para brincadeira de “pular elástico”. Era uma manhã de sábado e poucas crianças estavam brincando no campo de futebol.

Durante todo o tempo de observação e conversas convivi com crianças que participavam da pesquisa e outras não, mas que também utilizavam esse espaço, o campo de futebol, em momentos de lazer. Para as crianças que demonstravam curiosidade sobre minha presença ali, tinha de explicar a minha condição enquanto pesquisadora. E foi assim que muitas delas também decidiram participar.

A partir do terceiro encontro percebi que as crianças tinham mais interesse em nossas conversas do que pela brincadeira proposta. Visto isso, quando eu chegava e explicava sobre o assunto da conversa, elas já se organizavam em uma

sequência para participar. Assim, aguardavam a sua vez brincando no campo de futebol. Nesse dia, observei que o elástico ficou esquecido atrás da trave do campo próximo de onde conversávamos. Senti, nesse momento, um amadurecimento enquanto pesquisadora. Fora do ambiente escolar, o tempo desse espaço era diferente. Sendo assim, não fazia sentido pensar em levar algo diferente para chamar a atenção das crianças, elas estavam dispostas a participar e sem nada em troca.

Outro momento de reflexão foi o fato de ter tido contato direto e/ou indireto com algumas das crianças participantes da pesquisa, quando atuava como articuladora pedagógica⁹ na escola de tempo integral, a mais próxima dos condomínios. Durante as conversas, algumas crianças se referiam a mim como pedagoga mesmo que eu explicasse que essa era minha função dentro da escola, mas que naquele momento eu era pesquisadora. Além desse fato, outro que chamou a atenção foi quando a mãe de uma das crianças participantes, a qual havia conhecido ali no conjunto, pediu para eu conversar com a criança por ela ter faltado alguns dias de aula, devido ao seu aniversário.

Percebi, a partir dessa solicitação e em outros momentos com adultos, que as famílias não compreendiam esta diferença entre o papel de pedagoga e de pesquisadora, assim, quando necessário, explicava que ali eu estava trabalhando como pesquisadora. Com o passar do tempo, as crianças passaram a me chamar pelo nome e explicavam a minha presença ali no campo de futebol e em outros espaços dizendo: “essa é a pesquisadora que faz pesquisa com crianças”. Já os adultos sempre se referiram a mim como a “Professora”.

Demartini (2002) evidencia a importância nos dias atuais de nós educadores e cientistas sociais aprendermos a ouvir as crianças e os jovens com maior atenção referente aos intensos problemas que os atingem,

da violência que sobre eles recai e também na que, crescentemente, por eles têm sido geradas e como nós, educadores e cientistas sociais, não estamos conseguindo entender ou, principalmente não estamos conseguindo dialogar com crianças e jovens – até que ponto estamos escutando suas vozes, muitas vezes caladas? (DEMARTINI, 2002, p. 2).

⁹ Desde 2013, a função de articulador pedagógico, nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, se refere ao profissional formado em pedagogia. Entre outras funções, é responsável por integrar o trabalho desenvolvido no contraturno de escolas de tempo integral com o ensino regular.

Nesse sentido, uma questão central para Demartini (2002), seria pensar na abordagem dos relatos orais de crianças e suas infâncias. Sendo assim “a primeira coisa que merece atenção nessa discussão sobre a questão da infância e sobre os relatos é a reflexão sobre os conceitos de criança e infância”. (DEMARTINI, 2002, p. 4). Segundo a autora, não é possível tratar dos relatos de crianças pressupondo que todos eles são do mesmo universo.

Nessa perspectiva, para a autora uma condição essencial quando se investe nos relatos de crianças é conhecer a história e o grupo a que ela pertence e observar qual é a ligação dela no momento da pesquisa. A autora constata que há poucos estudos no campo da sociologia sobre crianças e muito do que já foi produzido é apresentado de forma genérica “como se todas as crianças, de todos os grupos, fossem iguais” (DEMARTINI, 2002, p. 9). Esta constatação evidencia a importância incontestável dos relatos das crianças nas pesquisas, são as suas falas e suas críticas que as fazem presentes na sociedade.

Além disso, há outros aspectos que se deve também observar, como o envolvimento das pessoas, de adolescentes e de crianças no próprio ato da entrevista, quer dizer, o querer participar da pesquisa ou não; é preciso explorar todos os significados embutidos, isto é, que significado é atribuído ao ‘querer’ ou ‘não querer’ participar das entrevistas. Isso, para nós pesquisadores é um dado fundamental. [...] Porque isso vai interferir nos resultados, no que se vai poder perceber a partir do que a criança está falando, sobre como ela se coloca as questões. Tudo isso é importante nesse processo de construção dos relatos orais (DEMARTINI, 2002, p.13).

Nesse sentido, compreende-se a importância do diário de campo, das anotações, das observações e relatos das crianças. São instrumentos que trazem contribuições significativas sobre suas percepções e forma com que se colocam.

3 ESPAÇO E MORADIA POPULAR: ASPECTOS POLÍTICOS, HISTÓRICOS E ECONÔMICOS NA CONFIGURAÇÃO DAS CIDADES

Que tipo de formação é essa, esta “sociedade” que compomos em conjunto, que não foi pretendida ou planejada por nenhum de nós, nem tão pouco por todos nós juntos? Ela só existe porque existe um grande número de pessoas, só continua a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e no entanto sua estrutura e suas grandes transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular.
(ELIAS, 1994 p.13)

Neste capítulo foram desenvolvidos os conceitos essenciais da pesquisa, a partir dos campos da sociologia, sociologia urbana e políticas de habitação popular, como: redes de interdependência, configuração, espaço, território, reassentamentos, intervenções urbanas, segregação espacial e valorização imobiliária.

3.1 NORBERT ELIAS E AS CONFIGURAÇÕES SOCIAIS EM DIFERENTES TEMPOS HISTÓRICOS

Elias parte do princípio de que não pode haver oposição entre indivíduo e sociedade e para tal utiliza o conceito de configuração, chamando a atenção justamente para a interdependência das pessoas (ELIAS, 1994). Em uma configuração social existem diferentes esferas: a econômica, a política, a educacional, entre outras. Tais esferas se cruzam e nelas “há um equilíbrio flutuante e elástico e um equilíbrio de poder.” (ELIAS, 1970, p. 143). A questão da moradia faz parte dessas forças de equilíbrio e poder dentro de uma configuração. Nesse sentido, compreender a maneira como vêm se construindo as políticas de habitação popular no Brasil e no mundo, bem como isso interfere nas configurações das crianças nas cidades pode dar pistas de como crianças vivenciam suas infâncias em diferentes territórios.

Não é possível falar da criança isolada, ela faz parte de seu ambiente, da sua família, do seu bairro, da sua escola, apresentando relações de interdependência. A forma como tem se configurado a distribuição e uso dos espaços para construção de moradias populares tem segregado populações nas periferias das grandes cidades. Dessa forma, o direito à cidade, ter acesso a

espaços e a equipamentos públicos de educação, saúde, lazer e cultura, interferem nas redes de interdependência das crianças.

Assim, o conceito de configurações sociais, descrito pelo sociólogo Norbert Elias (1970), pode auxiliar na compreensão do fenômeno social, da relação da criança com a cidade e na forma como as políticas de habitação popular têm sido pensadas nas últimas décadas. Para Elias (1970), sociólogo alemão, não é possível entender os problemas da sociedade a partir da noção do indivíduo singular. Segundo o autor, há um equívoco nas teorias sociológicas convencionais quando a concepção de pessoas é interpretada de forma genérica, como sinônimo de “sociedade” e ainda há uma negligência quando a concepção de pessoas é entendida como a de indivíduos isolados (ELIAS, 1970).

Nesse sentido, há limitações no campo da sociologia quando profissionais se dividem em suas teorias e hipóteses a respeito de sociedade, quando “aceitam sem quaisquer críticas uma das concepções pré-científicas sobre a pessoa, misturada com toda a espécie de juízos de valor e de ideias que lhe estão implícitas.” (ELIAS, 1970, p.140). Dessa forma, para o autor, evidencia-se que há uma desigualdade intelectual que fragmenta as concepções de pessoa, e delas na sociedade. Para Elias (1970, p.141):

Ao estudar a humanidade, é possível fazer incidir um feixe de luz primeiro sobre as pessoas singulares e depois sobre as configurações formadas por muitas pessoas separadas. Mesmo assim, a compreensão de cada um dos níveis será afetada, a não ser que ambos os aspectos sejam constantemente considerados. A utilização que hoje fazemos desses conceitos poderia levar-nos a acreditar que o ‘indivíduo’ e ‘sociedade’ denotam dois objetos que existem independentemente, enquanto, na verdade, se referem a dois níveis diferentes, mas inseparáveis do mundo humano.

Ainda de acordo com o autor, a circulação de novos conceitos com a intenção de revelar novas ideias pode dificultar determinados canais de comunicação, tanto dentro do próprio campo da sociologia quanto na sua relação com outras áreas. Nesse sentido, o autor afirma que a introdução do conceito de configuração pode contribuir para que não haja uma fragmentação e polarização do conceito de humanidade (ELIAS, 1970).

Para o autor, há uma dualidade de correntes de conceitos que representam diferentes sistemas de crenças e ideias sociais. O ponto de vista de ambas está na atribuição de valores que são dados pelos seguidores de cada lado. Enquanto um

lado atribui maior valor para o indivíduo outro atribui maior valor para a sociedade. Essas situações reforçam a ideia de dois valores diferentes que correspondem a dois objetos que existem isoladamente no conhecimento contemporâneo (ELIAS, 1970).

Desta forma, para Elias, o conceito de configuração visa rever os conceitos de indivíduo e de sociedade que ainda são concebidos de forma diferente e antagônica. Um exemplo trazido por Elias (1970), para melhor compreender o conceito de Configuração, é do jogo de cartas, em que pessoas se reúnem ao redor de uma mesa para jogar. Nesta configuração existe um modo de comunicação próprio do jogo que é estabelecido pelas redes de interdependência entre os jogadores e “neste caso o decurso tomado pelo jogo será obviamente o resultado das ações de um grupo de indivíduos interdependentes.” (ELIAS, 1970, p. 142). Elias complementa:

Por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto de jogadores, não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações nas relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrelaçado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou adversários. (ELIAS, 1970, p.142).

Nesse sentido, para Elias, o conceito de configuração pode ser aplicado tanto em pequenos grupos quanto em pequenas ou grandes sociedades de pessoas interdependentes. Outro exemplo de configuração trazido pelo autor é o de uma sala de aula formada a partir das relações de interdependência entre professor e aluno. No entanto, caso se pense em cadeias de interdependência que ligam os habitantes de um estado, cidade ou bairro, por exemplo, isso exige uma amplitude de conhecimentos no sentido de que as redes que os ligam são maiores e mais diferenciada. (ELIAS, 1970).

O autor assevera que “configurações tão complexas terão de ser abordadas indiretamente e compreendidas mediante uma análise dos elos de interdependência” (ELIAS, 1970, p.143). Portanto, para Elias, é devido a isso que a análise sociológica jamais poderá usar substantivos desumanizados como instrumentos de investigação. Assim, conceitos como estrutura, organização, economia e cultura não fazem referência a determinadas configurações de pessoas (ELIAS, 1970). E ainda:

Uma investigação que se restrinja ao comportamento de muitos indivíduos separados apenas permite um acesso limitado a problemas de estruturas sociais, de configurações mutáveis de pessoas, de distribuição de poder ou de equilíbrio de tensões nas configurações, ou a muitas outras questões especificamente sociológicas. (ELIAS, 1970, p.144).

O autor critica trabalhos de estatística, quando estes apenas se dedicam a analisar o comportamento de muitos indivíduos afastados uns dos outros, presumindo, de forma incondicional, uns como independentes dos outros (ELIAS, 1970). Para o autor, faltam modelos conceituais e amplos que tragam compreensão na forma de pensar tudo o que é experimentado na realidade do dia a dia. Assim, de forma racional, busca-se compreender como um grande número de indivíduos refaz e cria algo maior e diferente de um grupo de indivíduos isolados. Desta forma, é preciso investigar: “como é que eles formam uma ‘sociedade’ e como sucede a essa sociedade poder modificar-se de maneiras específicas, ter uma história que segue um curso não pretendido ou planejado por [...] indivíduos que a compõem” (ELIAS, 1994, p.16).

Para melhor exemplificar a “sociedade dos indivíduos” (1994), Elias faz uma analogia com uma passagem de Aristóteles, que alude à relação que as pedras têm com a casa, na medida em que não é possível compreender a disposição de uma casa pronta a partir da imagem de pedras isoladas. Muito menos inferi-la como uma somatória de pedras, sem levar em conta as características de cada uma das pedras. Elias (1994) acrescenta também a teoria de Gestalt, que pode explicar esse fenômeno, visto que “ensinou-nos primeiramente, que o todo é diferente da soma de suas partes, que ele incorpora leis de um tipo especial, as quais não podem ser elucidadas pelo exame de seus elementos isolados” (ELIAS, 1994, p. 16). Sendo assim, para Elias, não é possível entender a relação entre sociedade e indivíduo de forma isolada, assim como não se pode compreender a configuração das infâncias sem observar as esferas econômicas e políticas em que estão inseridas as crianças.

Ainda sobre a dicotomia entre indivíduo e sociedade, Elias (1994) analisa que existe uma polêmica nos debates pautados entre os que asseguram que a sociedade, em suas diferentes expressões, é o “meio” para se chegar a um “fim”, que é o bem-estar dos indivíduos. Enquanto outros asseguram menor “importância” ao bem-estar dos indivíduos em detrimento do “fim” inerente à vida individual. (ELIAS, 1994). O autor reforça que debates como esses não compreendem a

sociedade e a totalidade dos indivíduos como duas coisas que só podem ser possíveis juntas. E ainda:

[...] só pode haver uma vida comunitária mais livre de perturbações e tensões se todos os indivíduos dentro dela gozarem de satisfação suficiente; e só pode haver uma existência individual mais satisfatória se a estrutura social pertinente for mais livre de tensão, perturbação e conflito. (ELIAS, 1994, p.17)

Para o autor, percebe-se que não há projetos que proporcionem fim a essa dicotomia e o que se tem presente é apenas a solução de um à custa de outro:

Qualquer ideia que aluda a essa disputa, por mais remotamente que seja, é infalivelmente interpretada como uma tomada de posição a favor de um lado ou do outro, como uma apresentação do indivíduo enquanto 'fim' e da sociedade enquanto 'meio', ou uma visão da sociedade como 'o mais essencial', o 'objetivo mais alto', e do indivíduo como o 'menos importante', o 'meio'. (ELIAS, 1994, p. 18)

Dessa forma, em sua maioria, o pensamento que serve para justificar a sociedade ou o indivíduo se configura pela antítese, entre ser o mais importante ou ser a meta. Assim, as relações de interdependência entre ambos parecem não ter importância, algo sem sentido e que não vale a pena discutir (ELIAS, 1994).

Para o autor, ao ultrapassarmos por juízo de valores e afetos, a questão indivíduo-sociedade pode ser apresentada por uma nova perspectiva. Sendo assim, nesse processo é importante que consideremos, em um nível mais profundo, que “tanto os indivíduos quanto a sociedade conjuntamente formada por eles são igualmente desprovidos de objetivo. Nenhum dos dois existe sem o outro.” (ELIAS, 1994, p. 18). E, além disso, “não há dúvida de que cada ser humano é criado por outros que existiam antes dele; sem dúvida, ele cresce e vive como parte de uma associação de pessoas, de um todo social-seja este qual for.” (ELIAS, 1994, p. 19). Nesse sentido, observa-se que, na história da moradia nas últimas décadas, ela é cercada de tensões e relações de poder. Dessa forma, observa-se que há discrepâncias e intenções que são determinadas pelas posições e funções sociais de determinados indivíduos.

No entanto, no que tange às sociedades, elas não têm uma forma clara, não possuem bases para ser vistas ou tocadas de imediato no espaço. São “consideradas como totalidades, são sempre mais ou menos incompletas: de onde

quer que sejam vistas, continuam em aberto na esfera temporal em direção ao passado e ao futuro” (ELIAS, 1994, p. 20). Assim, para o autor, a sociedade se expressa em um movimento contínuo, que se desloca de forma mais rápida ou mais lenta nas configurações vivas, o que dificulta diferenciar um ponto fixo.

Em cada momento presente os indivíduos estão num movimento mais ou menos perceptível, visto quando se pensa no tumulto das ruas das grandes cidades, onde a maioria das pessoas não se conhece. Nesse movimento, por um lado, observa-se que “elas se cruzam aos trancos, cada qual perseguindo suas metas e projetos.” (ELIAS, 1994, p. 21), num ir e vir conforme lhes convém. Por outro lado, “[...] nesse tumulto de gente apressada, apesar de toda sua liberdade individual de movimento, há também, claramente, uma ordem oculta e não diretamente perceptível pelos sentidos.” (ELIAS, 1994, p. 21).

Nessa lógica, segundo o autor, existe uma certeza na perspectiva de que cada indivíduo, nesse universo de pessoas, faz parte de um determinado lugar com uma cama para dormir, uma mesa para as refeições e “até os famintos e sem teto são produtores e componentes da ordem oculta que subjaz à confusão.” (ELIAS, 1994, p.21). O resultado da função específica de cada indivíduo na sociedade, ele mesmo leva consigo ao passar pelas ruas, lembrando o que vive ou viveu, se tem ou não tem uma renda, seja ela alta ou baixa, podendo estar mais evidente ou mais oculta. Mesmo que o indivíduo queira, não pode simplesmente passar para outra função no momento que lhe convier (ELIAS, 1994).

Elias (1994) afirma que essa ordem invisível, comum nas formas de vida, não é percebida e “oferece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamentos possíveis.” (ELIAS, 1994, p.21), haja vista que o indivíduo já nasce em uma estrutura bem definida, que funciona de forma complexa, devendo conformar-se a ela, moldar-se de acordo com ela e, talvez, se desenvolver mais, com base nela. E, nesse contexto, “até sua liberdade de escolha entre as funções preexistentes é bastante limitada.” (ELIAS, 1994, p. 21).

A liberdade de escolha das pessoas depende de forma direta com o ponto onde o indivíduo nasce e cresce na teia humana, das relações e funções dos pais e conforme a escolarização que recebe. Considera-se também que isso, “esse passado, está diretamente presente em cada uma das pessoas que se movem apressadamente no bulício da cidade.” (ELIAS, 1994, p. 21). Diante disso, cada pessoa que cruza com outro desconhecido, e sem relação alguma em via pública,

“está ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos.” (ELIAS, 1994, p. 22).

O indivíduo vive e viveu desde tenra idade em uma rede de dependências, onde não lhe é permitido mudar no momento que desejar, porém é a própria estrutura que permite até onde pode mudar, são as relações móveis desse tecido humano que desempenham nele o seu caráter pessoal (ELIAS, 1994). O problema dessa questão é que:

[...] em cada associação de seres humanos, esse contexto funcional tem uma estrutura muito específica: numa sociedade feudal de guerreiros, é diferente da existente na cidade industrial de nossos dias e, acima disso tudo, é diferente nas comunidades nacionais da própria sociedade industrial. (ELIAS, 1994, p. 22).

Todavia, a estrutura básica de funções interdependentes que conferem um caráter específico ao padrão de cada sociedade não é produção de indivíduos particulares e nem depende somente das posições que eles ocupam. Nesse sentido,

o monarca absolutista ou o ditador, faz parte dele é representante de uma função que só é formada em relação a outras funções, as quais só podem ser entendidas em termos de estrutura específica e das tensões específicas desse contexto total (ELIAS, 1994, p.22).

No domínio da experiência, o ser humano singular é gerado e formado por outros seres humanos, nasce num conjunto de pessoas que viviam num tempo anterior a ele: “todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existiam antes dele para poder crescer.” (ELIAS, 1994, p. 26). Nesse sentido, para Elias, uma das condições essenciais da existência humana é a participação da multiplicidade de pessoas inter-relacionadas ao mesmo tempo. E é na sociedade, na relação com outras pessoas que a criança se desenvolve psicologicamente como indivíduo mais complexo (ELIAS, 1994).

Esse aspecto trazido pelo autor pode ser evidenciado também no impacto que as políticas de habitação popular têm na vida das crianças reassentadas. Evidencia-se, historicamente, no Brasil, que a questão de moradia popular está intimamente ligada a questões políticas e financeiras. Dessa forma, é possível observar que, em geral, os conjuntos habitacionais para classe de menor renda são construídos nas periferias ou regiões mais afastadas, próximas a divisa de outros municípios.

Essa configuração tem influência na rede de interdependência das crianças, quando se considera que a conquista da moradia está dissociada de equipamentos de lazer e cultura e de escola mais próxima. Além disso, os conjuntos habitacionais populares são construídos em regiões mais afastadas das cidades. Nesse sentido, é possível usar a ideia de configuração de Elias para pensar as configurações sociais de crianças nas periferias, morando em conjuntos habitacionais.

3.2 TERRITÓRIOS E PODER: CONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS DO DIREITO À CIDADE A MERCANTILIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Para o sociólogo Elias (1994), as sociedades não têm uma forma perceptível, marcadas em sua completude “são sempre mais ou menos incompletas: de onde quer que sejam vistas, continuam em aberto na esfera temporal em direção ao passado e ao futuro.” (ELIAS, 1994, p. 20). Nessa incompletude, as configurações sociais são tecidas por tensões no equilíbrio de poder de diferentes esferas (políticas, culturais, sociais, econômicas), ou seja, não é só uma delas que é responsável por uma determinada função, por exemplo, “o desenvolvimento das estruturas políticas e econômicas são dois aspectos absolutamente inseparáveis da evolução de toda relação funcional da sociedade.” (ELIAS, 1970, p.154).

Nas configurações relacionadas à moradia, muitas tensões ocorrem nas esferas econômicas e políticas, potencializando mudanças que têm a ver com o “potencial de poder de certas posições sociais (mais do que meras alterações de conjunto) entre os ocupantes dessa posição.” (ELIAS, 1970, p. 176). As configurações humanas podem ser compreendidas pela sua “inevitabilidade” (ELIAS, 1970, p. 181) e também quando se analisa grupos que se entrecruzam e que simultaneamente se opõem, exercendo poder uns sobre outros.

E, quando se pensa em moradia, pensa-se que esta não pode ser analisada de forma isolada, tem que ser pesada a partir da cidade. A moradia precisa ser compreendida como um bem social, assim como a cidade. Mas, como explica Lefebvre (2016), as cidades estão cada vez menos sendo consideradas em seu valor de uso e cada vez mais compreendidas no seu valor de troca, ou seja, “sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio.” (LEFEBVRE, 2016, p. 13).

Assim, a cidade pode se tornar um lugar perigoso quando o direito à moradia adequada entra em conflito com interesses imobiliários. Sobre essa questão da moradia, Kowarick (1979) analisa que não se pode ver o problema habitacional de forma isolada, é necessário levar em conta os processos socioeconômicos e políticos e o conjunto de contradições específicas que deles derivam. “Assim numa primeira instância é preciso verificar as modalidades produtivas a partir das quais a moradia é confeccionada.” (KOWARICK, 1979, p. 55).

Já Rolnik (2015), ao estudar sobre moradia popular, pesquisa o tema em diversos países e analisa a relação entre as condições de habitação, as políticas habitacionais, financeiras e a propriedade individual da terra. Aprofunda-se no problema de moradia e de como, em escala global, o complexo imobiliário-financeiro têm influência nas políticas habitacionais e também nas políticas urbanas. Desta forma, para a autora, o controle e a distribuição desigual do espaço urbano são produto do planejamento urbano e da regulação urbanística influenciada pelo campo econômico. A autora destaca:

Além da financeirização da moradia, [...] testemunhar processos massivos de remoção relacionados a implementação de grandes projetos e a contextos de reconstrução pós-desastres naturais. Uma visita ao Haiti, meses após o terremoto de 2010, assim como as missões nas Ilhas Maldivas e na Indonésia (atingida pelo tsunami de 2004) possibilitaram-me observar de perto situações extremas de vulnerabilidade socioespacial, nas quais as relações de posse são determinantes para definir- ou bloquear- direitos. (ROLNIK, 2015 p.13).

Foi o caso das Ilhas Maldivas, em 2009, que abrigaria um grande projeto de reconstrução pós-tsunami, ocorrido em 2004. No local foram construídas casas amplas, com três quartos e com boa infraestrutura, além de escolas, centros de saúde e de reciclagem de lixo. Após essa visita, a pesquisadora foi até a ilha que supostamente havia sido devastada e lá encontrou as casas em bom estado. Ali ela constatou uma estratégia do governo que há mais de dez anos tentava unificar a população de 300 mil habitantes, consolidando essa população em um número reduzido de ilhas, facilitando, assim, o fornecimento dos serviços públicos. “O modelo previa concentrar a população nativa em alguns locais e arrendar as demais ilhas para *resorts* turísticos, prática que já estava sendo feita com enorme sucesso graças às características paradisíacas do país-arquipélago.” (ROLNIK, 2015, p. 146).

Além dessas situações relacionadas a desastres naturais, a autora traz outras que apontam para uma crise global no monopólio da terra que interfere diretamente na vida de milhões de pessoas no planeta e acarreta em processos de remoções massivas. No Camboja, por exemplo, em 2008, houve a remoção de famílias, pelo governo local, reassentando-as a vinte quilômetros de onde estavam, em barracos e locais precários, que lembravam, segundo a autora, campos de refugiados. “Os despejos e confiscos podem ser violentos, incluindo incursões no meio da madrugada pela polícia ou militares.” (ROLNIK, 2015, p. 143). Segundo ela, havia uma estimativa da Anistia Internacional de que 150 mil pessoas sofriam ameaças de serem removidas. Os fatos que justificaram essas remoções foram as disputas por terra, confiscos e novos projetos de desenvolvimento.

No Brasil, em 2012, Rolnik acompanhou um caso de grande repercussão quando foi convidada pelo Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro para o lançamento do dossiê “Megaeventos e direito à moradia”. Junto, no evento, estava o presidente da Associação dos Moradores da Vila Autódromo, vila esta que resistiu e resiste ainda hoje às remoções. Relatando o caso a autora observou que:

todos os presentes à mesa falavam em direitos, denunciavam abusos, numa espécie de ‘contravoz’ ao uníssono que festejava a chegada de uma ‘revolução’ urbana que ocorreria graças a à ‘conquista’ do direito de sediar a Copa do Mundo e as olimpíadas na cidade. (ROLNIK, 2015, p. 147).

A autora destaca que, apesar da vila ter sido legalizada nos anos noventa, com concessão do governo do estado pelo direito de uso por 99 anos, desde 1996, a prefeitura, com diversos pretextos, tenta remover a comunidade. “[...] razões ambientais, área de risco, obras dos jogos, Pan-americanos e, agora, dos Jogos Olímpicos...a comunidade organizada, lutou na Justiça e nas ruas pela permanência no local.” (ROLNIK, 2015, p. 148).

É a partir dessas e outras visitas que formula a hipótese de que a supremacia da propriedade individual, escritura e registro em cartório, acima de todas as demais formas de relação com o território habitado, estabelece um dos instrumentos “[...] poderosos da máquina da exclusão territorial e de despossessão em marcha no contexto de grandes projetos, sejam eles de expansão da infraestrutura e desenvolvimento urbano, sejam de reconstrução pós-desastres.” (ROLNIK, 2015 p.13). Nessa lógica, na linguagem contratual, os vínculos com o

território são reduzidos à perspectiva do seu valor econômico e projeção de rendimentos futuros, para os quais a continuidade da propriedade individual é um requisito: “desta forma, enlaçam-se os processos de expansão da fronteira da financeirização da terra e da moradia com as remoções e deslocamentos forçados.” (ROLNIK, 2015 p.13).

Em várias regiões do Brasil é possível evidenciar de forma generalizada que as atividades econômicas levam à habitação como mercadoria. Desse modo, o atributo imobiliário, de forma geral, e a habitação privada configuram a nova fronteira da expansão do capital financeiro. Há uma convicção de que a oferta e alocação da terra urbana e da moradia podem uniformizar de forma racional a combinação de produtos financeiros ligados ao financiamento do espaço construído. Isso

[...] levou as políticas públicas a abandonar os conceitos de moradia como um bem social e de cidade como um artefato público e ainda as políticas urbanas rejeitam o dever de distribuição de riqueza como bem comum para aqueles com maiores dificuldades em acessar bens [...] para se transformarem em mecanismo de extração de renda, ganho financeiro e acumulação de riqueza. (ROLNIK, 2015, p. 14).

Desses mecanismos surgem desapropriações massivas de territórios que resultam na criação de pobres urbanos “sem lugar” e também “[...] novos processos de subjetivação estruturados pela lógica de endividamento, além de ter ampliado significativamente a segregação nas cidades.” (ROLNIK, 2015, p. 15), que atinge inevitavelmente os mais pobres e vulneráveis. A autora relaciona a crise global de insegurança da posse da terra ao progresso do complexo imobiliário-financeiro, com impacto sobre o direito à moradia na cidade (ROLNIK, 2015). O problema de habitação e o direito à moradia urbana está na questão da terra e na sua relação com a existência de uma infraestrutura de serviços. Consequentemente os investimentos públicos,

também sob este ângulo aparecem como fator determinante no preço final das moradias, constituindo-se num elemento poderoso que irá condicionar onde e de que forma as diversas classes sociais poderão se localizar no âmbito de uma configuração espacial que assume, em todas as metrópoles brasileiras, características nitidamente segregadoras. (ROLNIK, 2015, p.57).

A insegurança pela posse da terra manifesta insurgências, conflitos e violência em diversas partes do planeta e, para Rolnik, diz respeito a “[...] processos

globais e ao mesmo tempo profundamente locais de disputa pelos territórios [...]”(ROLNIK, 2015, p.16). A autora questiona as políticas de habitação e pressupõe que pode haver outros mundos urbanos praticáveis.

O Estatuto da Cidade¹⁰ é o marco da política regulatória no Brasil há mais de uma década, incluído no âmbito das reformas políticas e jurídicas proclamadas pela constituinte de 1988. Sobre isso, Rolnik (2017, p. 239) destaca que “[...] cabe debater se este tem sido implementado no país, onde, quando e de que forma” e se assistem às dimensões políticas e sociais que o originaram e como o Estatuto da Cidade vem se configurando no país desde a aprovação pelo Congresso Nacional. A autora denuncia que o estatuto da cidade tem sido acompanhado de narrativas de conflitos entre diferentes projetos de reforma urbana no país.

Os movimentos sociais populares colocam em pauta o processo de redemocratização nos anos de 1980 e 1990 com questões referentes à construção de um Estado de direitos que tem como papel central o acesso à terra. Esse processo, conforme a autora, é marcado por equívocos e incoerências e,

por outro lado, o projeto neoliberal de política urbana, a integração do Brasil nos circuitos globalizados do capital e das finanças o modo como se estruturou o jogo eleitoral no país também pautaram os rumos da nossa política urbana. Com isso todo o processo é marcado pela ambiguidade e pela contradição. (ROLNIK, 2017, p. 240).

Rolnik observa que no Brasil tem surgido movimentos para uma cultura de direito à moradia e à cidade por meio de reformas urbanas. Segundo a autora, essa luta emerge para se contrapor ao modelo excludente que “[...] ao longo de décadas de urbanização acelerada, absorveu em poucas e grandes cidades numerosos contingentes de pobres migrantes de zonas rurais e pequenas cidades do país, sem jamais integrá-los.” (ROLNIK, 2017, p. 240).

No final da década de 1970, a crise do chamado “milagre brasileiro” em que o modelo de industrialização foi substituído por importações que alimentaram o crescimento econômico, aliado à agenda de reformas econômicas de ajuste estrutural liberalizante, gerou desempregos e a redução de políticas redistributivas. No entanto, no decorrer da década de 1980, as cidades mais atingidas pela crise

¹⁰ Lei federal de n.º 10.257 de 2001, criada para regulamentar os artigos 182 e 183 da constituição.

renovaram associações sindicais e organizações de movimentos populares e, assim, foram dispostos em administrações locais que se comprometeram com o modelo redistributivo e a ampliação da cidadania.

Esse modelo incluía a melhoria de serviços públicos, a inclusão das favelas e periferias nos investimentos, o apoio a cooperativas e programas de geração de renda e outras formas de enfrentamento da crise e de compensações e proteções, em face do vazio de políticas em nível nacional. (ROLNIK, 2017, p. 241-242).

[...] A descentralização e o fortalecimento dos governos locais, a titulação e o registro de propriedade de áreas ocupadas por favelas, a crítica à rigidez do planejamento urbano modernista e a defesa de participação da sociedade civil (stakeholders) no planejamento, dentre outros fatores, introduziram conteúdos por vezes diametralmente opostos. (ROLNIK, 2017, p. 242).

Assim, a condição do assentamento “irregular” ou “ilegal” instituiu barreiras no interior da organização jurídico-administrativa das administrações públicas que impossibilitaram investimentos.

Foi exatamente contra o caráter discricionário e levando em conta uma perspectiva de direitos e o estabelecimento de uma política pública geral que aconteceram nas cidades brasileiras as primeiras experiências de inserção e reconhecimento das favelas no âmbito do planejamento urbano e da regulação urbanística. (ROLNIK, 2017, p. 242).

Em 2017, no dia mundial do Habitat¹¹, o diretor-executivo da ONU-Habitat, Joan Clos, afirmou que 1,6 bilhão de pessoas viviam em moradias inadequadas, e destas, 1 bilhão vive em favelas e assentamentos informais. Isso aponta para o desafio de assegurar a acessibilidade às moradias, criando cidades para todos, o que requer comprometimento global com políticas de habitação efetivas e inclusivas.

As cidades de Recife e Belo Horizonte inovaram na década de oitenta com a demarcação e identificação de áreas no zoneamento da cidade como Zonas

¹¹ Foi estabelecido no dia 3 de outubro de 1985, pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), dada a importância do habitat, o crescimento da população e as condições do meio ambiente.

Especiais de Interesse Social (Zeis)¹². Além do reconhecimento de sua existência, estabeleceram-se compromissos para sua regularização e,

a partir das duas experiências, a introdução de Zeis nos zoneamentos das cidades, as políticas de regularização de favelas e a promulgação de legislações específicas contendo instrumentos de reconhecimento dos direitos de posse se generalizaram no país, principalmente a partir da incorporação desses instrumentos, inclusive as Zeis, no Estatuto da cidade [...]. (ROLNIK, 2017, p. 245).

Vários municípios adotaram as Zeis no período de 2001 a 2009, no entanto, essas mudanças se tornaram complexas e contraditórias na disputa diária “dos assentamentos informais e ocupações no país para resistirem às remoções e expulsões violentas e se integrarem definitivamente à cidade.” (ROLNIK, 2017, p. 245). Rolnik acrescenta que, apesar dos instrumentos de regularização serem objeto de diversas normas, decretos e leis, os resultados concretos desses instrumentos, apresentam impedimentos que se arrastam por décadas e

mais grave ainda é o generalizado não reconhecimento, por parte das autoridades públicas, da regularização fundiária como um ‘direito’ dos moradores. Para prefeituras, em geral se trata de um ‘favor’, [...]. Juízes promotores e procuradores, em processos de desapropriação de terras que abarcam assentamentos informais, assim como em conflitos provocados por reintegração de posse promovidas por particulares ou pelo governo, raramente evocam a necessidade de implementação de alternativas sustentáveis à remoção. (ROLNIK, 2017, p. 245).

Nesse processo, ainda segundo a autora, territórios precários convertidos em territórios passíveis de investimento mercantil trazem consequências complexas em relação ao direito à cidade, como se verá mais à frente, a partir das histórias das crianças da pesquisa. Entre essas consequências, observa-se que o direito de acesso a espaços de cultura e de lazer são, na maioria das vezes, negligenciados para grande parcela da população. Outra situação é em relação ao mercado de trabalho; a avó de uma das crianças da pesquisa relatou que antes do reassentamento ela e o marido tinham trabalho próximo e depois do reassentamento não tiveram mais oportunidade por morarem em uma região que fica afastada de tudo, mercado, praças, e comércios em geral.

¹² Zonas Especiais de Interesse Social, áreas destinadas para a produção de habitação de interesse social ou regularização fundiária, demarcadas no território do município, por meio de lei de zoneamento. Mecanismo previsto no art. 4º, II da Lei Federal 6.766/79, e no Estatuto da Cidade.

Então, mesmo que o trabalho antigo fosse de reciclagem, nesta região já não conseguem viver desta forma. Isso faz lembrar o conceito de “corrosão do caráter” de Sennett, que aponta que, “durante a maior parte da história humana, as pessoas têm aceito o fato de que suas vidas mudarão de repente devido a guerras, fomes ou outros desastres, e de que terão de improvisar para sobreviver.” (SENNETT, 2008, p.33).

Valorização imobiliária e moradia popular são contraditórias, permeadas por políticas de configurações complexas e, quando incluem o “direito à moradia e à cidade, territórios populares, juridificação das dimensões habitacionais e urbanas [...]” (RIZEK, 2013 p. 8), os atores já têm nome quando vinculados a intervenções urbanas e conjuntos habitacionais populares. Para a autora, pensar em renovação urbana é um procedimento que provoca a competitividade econômica e isso impede uma nova abordagem democrática e igualitária. Conduzida pela produção e pelo consumo, a renovação urbana permite mudanças nas cidades alicerçadas pela reprodução do capital e pela submissão da força de trabalho, características que afirmam as desigualdades socioespaciais e o não direito à cidade.

São despejos e desapropriações que expulsam a população de suas moradias, que deslocam grupos sociais para um periurbano semirrural. Existe interesse de classe no ordenamento dos espaços, no planejamento dos investimentos públicos realizados e na ausência de controle da especulação do preço da terra, que aprofundam a concentração da renda e a desigualdade social. (DINIZ, 2013, p. 224).

Diniz (2013) observa que as cidades brasileiras exibem na atualidade um legado do intenso processo de urbanização ocorrido entre 1940 e 2012 que foi marcado pelo aumento da população que passa de 23,3% para um total aproximado de 86,53% (DINIZ, 2013). Nesse curto período, o país deixa de ser rural e passa a predominantemente urbano e, em decorrência disso, “[...] a questão urbana se materializa nas diretrizes políticas de um Estado defensor de um modelo de desenvolvimento que aprofunda a desigualdade social e privilegia a concentração de renda, da terra e da riqueza.” (DINIZ, 2013, p. 225).

Interesses particulares nas intervenções urbanas resultam na intensificação da violência, na segregação espacial e na concentração do capital, em cumprimento às exigências da mercantilização da terra e nas cidades “[...] ainda que se faça o discurso da recuperação e reapropriação, pelos cidadãos, de áreas consolidadas da

cidade.” (DINIZ, 2013, p. 226). É possível relacionar esse discurso sobre recuperação e reapropriação, bem como também com o de desapropriar, reassentar, com o conceito de território proposto por Haesbaert (2004) que se relaciona com processos de desterritorialização e reterritorialização:

desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-terror (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no ‘territorium’ são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva ‘apropriação’. (HAESBAERT, 2004, p. 28).

Segundo Haesbaert (2004), para se entender o processo de desterritorialização e reterritorialização, que nesta pesquisa pode ser relacionado com os processos de remoções e reassentamentos, é necessário que se determine de qual território se fala. O conceito de território, nesta pesquisa, tem relação com poder, no entanto, não exclusivamente ao tradicional poder político. O território, neste caso, trata tanto do poder na acepção real de dominação quanto no sentido figurado de apropriação. Sendo assim, “[...] todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar ‘funções’ quanto para produzir ‘significados.’” (HAESBAERT, 2004, p. 23).

O autor lembra de Lefebvre, que diferencia “apropriação” de “dominação”, sendo este último termo pensado no sentido de concreto, tendo relação com o valor de troca e aquele, o da apropriação, um sistema simbólico, repleto de marcas do vivido, relacionando-se com o valor de uso (Lefebvre, 1986 *apud* HAESBAERT, 2004). Nessa acepção, o território se condensa em vínculos de dominação e apropriação e “desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’” (Haesbaert, 2004 *apud* HAESBAERT, 2004a: 95-96).

No decorrer do tempo, quando se inclui o processo de dominação e/ou apropriação, o território concentra uma diversidade de manifestações e múltiplos poderes, que envolvem múltiplos sujeitos e agentes, em redes de interdependência. Logo, “[...] devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos

que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc.” (HAESBAERT, 2004, p. 22).

Para o sociólogo Bauman (2003), há uma mudança no espaço rumo à globalização. Neste sentido, conforme o autor, “a ‘sociedade’ foi sempre uma entidade imaginária, nunca dada a experiência em sua totalidade; há muito tempo, contudo, sua imagem era de uma comunidade de ‘cuidados e compartilhamento” (BAUMAN, 2003, p. 101). Nesse imaginário de sociedade, idealiza-se mais a segurança e, desta forma, a ‘defesa do lugar’ surge como exigência necessária, bem como condição necessária e, “dada a intensidade do medo, se não existissem estranhos eles teriam que ser inventados.” (BAUMAN, 2003, p. 105).

Na organização do espaço, conforme Bauman, existem os guetos voluntários e os guetos reais. O primeiro não é verdadeiro, mas tem seus voluntários, que criam desejos de morar em lugares cercados por muros. Enquanto o segundo é real, são lugares dos quais não se pode sair. “Os guetos reais implicam na negação da liberdade. Os guetos voluntários pretendem servir à causa da liberdade.” (BAUMAN, 2003, p. 107).

Para o autor, não se pode deixar enganar quanto à “segurança na comunidade”, uma vez que “encobre profundas diferenças nas condições de vida socialmente determinadas.” (BAUMAN, 2003, p. 106). Em relação aos guetos, os verdadeiros guetos podem ser diferentes entre si como, contudo, “é possível livrar-se do ‘poderoso estigma territorial ligado à moradia numa área publicamente como ‘depósito’ de pobres, de casas de trabalhadores decadentes e grupos marginais de indivíduos.” (BAUMAN, 2003, p. 108).

O gueto como impossibilidade de direito à coletividade é, para Bauman (2003), uma característica que torna a política de exclusão integrada na segregação espacial e na imobilização de “uma escolha duplamente segura e a prova de riscos numa sociedade que não pode mais manter todos os seus membros participando do jogo, mas deseja manter todos os que podem jogar ocupados e felizes, e acima de tudo obedientes.” (BAUMAN, 2003, p. 111).

Para Castells, (1999) o espaço é a configuração da sociedade onde novos modelos e processos sociais surgem pela dinâmica de toda estrutura social, onde “os processos sociais exercem influência no espaço, atuando no ambiente construído, herdado das estruturas socioespaciais anteriores”. (CASTELLS, 1999, p. 435). Ainda conforme Castells,

“[...] nossa sociedade está construída em torno de fluxos: fluxos de capital, fluxos da informação, fluxos de tecnologia, fluxos de interação organizacional, fluxos de imagens, sons e símbolos. Fluxos não representam apenas um elemento da organização social: são a expressão dos processos que dominam nossa vida econômica, política e simbólica.” (CASTELLS, 1999, p. 436).

A capacidade de organização da elite dominante domina a sociedade e com eficácia desorganiza “[...] os grupos da sociedade que, embora constituam maioria numérica, veem (se é que veem) seus interesses parcialmente representados apenas dentro da estrutura do atendimento dos interesses dominantes.” (CASTELLS, 1999, p. 440). Assim, nessa lógica de configuração social, “as elites formam sua sociedade e constituem comunidades simbolicamente segregadas, protegidas atrás da própria barreira material dos preços dos imóveis.” (CASTELLS, 1999, p. 440-441). Ainda conforme o autor, “a segregação ocorre tanto pela localização em diferentes lugares quanto pelo controle da segurança de certos espaços abertos apenas à elite.” (CASTELLS, 1999, p. 441).

As motivações do domínio social pelo espaço se diferenciam de acordo com a sociedade ou a cultura, ou ainda de acordo com grupos ou indivíduos. Isto é, “controla-se uma ‘área geográfica’, ou seja, o ‘território’, visando ‘atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos.’” (SACK, 1986 *apud* HAESBAERT, 2004, p. 22). Assim, é necessário compreender a historicidade do território e sua transformação de acordo com a conjuntura histórica e geográfica.

A territorialidade se materializa tanto no espaço político quanto nos vínculos econômicos e sociais, porque está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar.” (SACK, 1986 *apud* HAESBAERT, 2004, p. 22). E ainda:

A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado. (SACK, 1986, p. 219 *apud* HAESBAERT, 2004, p. 22)

Sendo assim, todo o território coexiste a partir de inúmeras combinações em que o funcional e o simbólico são indispensáveis, pois se atua e se exerce domínio a respeito do espaço tanto para desempenhar funções quanto para elaborar significados. Portanto, o território funcional surge como recurso, quer como proteção

ou abrigo quer como fonte de interesses imobiliários na sociedade capitalista. E ainda, o território, nas funções funcionais e simbólicas, aparece para indicar, inicialmente, o predomínio de um sobre o outro: “muitas vezes, por exemplo, é entre aqueles que estão mais destituídos de seus recursos materiais que aparecem formas as mais radicais de apego às identidades territoriais.” (HAESBAERT, 2004, p. 23).

3.3 POLÍTICAS DE HABITAÇÃO POPULAR NO BRASIL: UM BREVE CONTEXTO DAS ÚLTIMAS DÉCADAS

Após o deslocamento migratório ocorrido em São Paulo entre 1886 e 1920, em consequência da economia cafeeira, quando a população de 40.000 habitantes passou para 580.000, é possível observar um dinâmico processo imobiliário a partir da valorização de terras e moradias. Esse movimento revelava a necessidade de uma grande quantidade de moradias populares e ainda ajuda a entender a dinâmica das políticas de habitação que vem ocorrendo no Brasil. Bonduki (1994) aponta que nesse período havia uma dinâmica impetuosa na produção habitacional efetivada pela iniciativa privada de aluguel, “[...] inexistindo qualquer mecanismo de financiamento para aquisição da casa própria.” (BONDUKI 1994, p.713).

Ainda neste contexto, havia uma grande quantidade de moradias destinadas a operários, situadas próximas às zonas industriais, que contrastavam e marcavam a paisagem da cidade pela diversidade de produções habitacionais para as diferentes camadas e faixas de renda da sociedade, e que eram identificadas por serem “soluções pobres, mas decentes de casas geminadas em vilas ou ruas particulares que perfuravam quarteirões para aumentar o aproveitamento de um solo caro e disputado pela intensa especulação imobiliária.” (BONDUKI 1994, p. 713).

Como resultado à crise de moradia e ao aumento exagerado dos valores dos aluguéis, surge, nesse período, no Brasil, a lei do Inquilinato, que tratava sobre as locações dos imóveis urbanos e os procedimentos a elas pertinentes. No entanto, ela foi considerada ineficiente, pois congelava os aluguéis, mas “[...] não restringia os despejos, que se tornaram o expediente que permitiu aos locadores escapar da regulamentação e recompor os valores dos aluguéis defasados [...]” (BONDUKI 1994, p. 714). Assim, sem o resguardo do Estado, o valor dos aluguéis era ponto

central de conflitos entre locadores e inquilinos mobilizando estes últimos para a questão do problema habitacional.

Na medida em que o Estado não participava na construção de moradias e nem do monitoramento de aluguéis, as organizações populares não o identificavam como interlocutor capaz de dar continuidade às demandas habitacionais. Entretanto, mesmo que a regra fosse essa, algumas iniciativas de produção estatal foram surgindo. A Fundação “A Casa Operária” foi a primeira entidade pública do país a ser criada exclusivamente para construir habitação de natureza social, apesar de que naquele período, em São Paulo, entendia-se “[...] que o poder público não deveria construir casas para os trabalhadores, pois isto desestimularia a produção privada.” (BONDUKI, 1994, p. 745). Assim, por um lado, o poder público incentivou o fomento de vilas operárias realizadas pelos próprios industriais, e, por outro, estes industriais percebiam “a necessidade das empresas fixarem seus operários nas imediações das suas instalações, mantendo-os sob seu controle político e ideológico e criando um mercado de trabalho cativo.” (BONDUKI, 1994 p.175). Neste sentido, os industriais, em sua maioria, se comportavam como investidores que desejavam expandir seu capital da mesma maneira como se lucrava com aluguel de casas.

De acordo com Azevedo (1988), no período da República Velha (1899-1930), a questão social tinha pouca visibilidade na agenda governamental e as medidas relacionadas à habitação popular não levava em conta a melhoria das condições de moradia das classes de baixa renda. E ainda, por haver uma compreensão por parte das autoridades de que nas favelas e cortiços se proliferavam “enfermidades sociais”, como a marginalidade e a criminalidade, isolava-se, então, o máximo possível estes espaços do restante da população.

No período subsequente, apesar de discursos repletos de boa intenção, as ações voltadas à habitação popular foram um tanto quanto superficiais. As primeiras organizações que se empenharam na construção de casas populares em grande escala, foram os diferentes Institutos de Aposentadoria e Pensão (IAPs), que eram constituídos por industriários, bancários, entre outros e beneficiava um número reduzido de associados. Por outro lado, para Bonduki (1994), o referencial da produção em larga escala de conjuntos habitacionais pelo Estado se intensificou a partir da criação das carteiras prediais dos Institutos de Aposentadoria e Pensões

(IAPs) em 1937, e, posteriormente, com a instituição da Fundação da Casa Popular¹³ (FCP), iniciativas relevantes dos governos populistas. Azevedo (1978) afirma que, vinte anos depois, surge ainda o Banco Nacional de Habitação (BNH), como instrumento criado para dar mais garantia ao governo por meio do discurso da casa própria.

Já no período de Vargas (1930-1954), o Estado brasileiro passou a interferir tanto no processo de produção de moradias quanto no mercado de aluguel. Nesse período, uma das importantes medidas foi o decreto-lei do inquilinato, que prevaleceu entre 1942 e 1964, resultando na diminuição de investimento em novas construções, e ainda criou um contexto negativo para se investir em moradias de aluguel. Como medida de reaver o capital desvalorizado pelos aluguéis atrasados, conforme explica Bonduki (1994), optava-se pela venda do imóvel, pois esse tipo de investimento estava deixando de ser rentável e, com a liberação de recursos, estimulava-se a aplicação de capitais na indústria.

A redução na construção de casas para aluguel, em consequência desta lei do inquilinato, gerou déficit de moradias, agravando a crise da habitação e proporcionando situações de despejo que se tornaram;

o instrumento concreto do processo de expulsão da população das moradias de aluguel, produzidas comercialmente por empreendedores privados em áreas urbanas bem equipadas e situadas próximas aos locais de emprego.” (BONDUKI, 1994 p. 721).

Assim, a valorização imobiliária elevou os preços dos terrenos nas regiões modificadas e intensificou o crescimento vertical. Outra situação foi a propagação da casa própria autoconstruída, jeito encontrado pelos trabalhadores diante da crise da moradia popular.

Em 1964, com a entrada do governo militar no poder, foi criado o Banco Nacional de Habitação (BNH) e, apesar de ter sido constituído como instituição nova e sem nenhuma relação com o que já havia sido feito, algumas ações realizadas no passado foram recuperadas “e apresentadas como soluções originais e, portanto,

¹³ Em 1946, no governo de Getúlio Vargas, foi criada a Fundação da Casa Popular (FCP), que visava o atendimento à população que não participava do mercado formal de trabalho e, por isso, não tinha acesso aos IAPs. Representou o primeiro esforço declarado do Estado no trato do problema de moradias.

imediatas (indexação das prestações, receitas próprias, captação e poupança e flexibilidade organizacional, entre outras).” (AZEVEDO, 1988, p. 109).

Para Azevedo (1988), a ideia desse projeto era contribuir na legitimação da nova ordem política com iniciativas assertivas na esfera econômica, por meio de “estímulo à poupança; absorção, pelo mercado de trabalho de um maior contingente de mão-de-obra não qualificada; [...] fortalecimento, expansão e diversificação das empresas de construção civil e das atividades associadas [...]” (AZEVEDO, 1988, p. 109-110).

Nesse período foi criado o Sistema Financeiro de Habitação (SFH) com o propósito garantir fontes estáveis e permanentes de financiamento. Essa nova política se efetivou por meio da implantação de uma ampla rede de agências públicas e privadas que funcionava sob a proteção do Banco Nacional de Habitação (BNH). Gradativamente, conforme Azevedo (1988) o papel do Banco se firmou como um órgão normativo e de supervisão, em que a política era aplicada por diferentes agentes especializadas. E, assim, o mercado imobiliário foi segmentado em conformidade com as faixas de renda dos mutuários “cada qual sob a responsabilidade de um agente promotor e com legislação específica.” (AZEVEDO, 1988, p. 110).

Na história recente de políticas de habitação popular, Costa (2014) aponta que, desde o fechamento do Banco Nacional de Habitação (BNH) em 1986, permanece a dificuldade de trabalhadores que ganham até três salários mínimos em adquirir um imóvel no mercado imobiliário formal. Diante dessa situação, como subterfúgio, muitas famílias passaram a habitar locais precários como favelas, morros, loteamentos irregulares, entre outros.

No ano 2000, Luiz Inácio Lula da Silva foi presidente do Instituto Cidadania e, nesse período, em parceria com a Fundação Djalma Guimarães, formulou o Projeto Moradia, que tinha como objetivo, segundo o instituto, efetuar ações na área de habitação que gerassem moradia digna, localizada em terra urbanizada e com acesso a todos os serviços públicos básicos por parte da população. Segundo Costa (2014), esse modelo se ancorava em três eixos fundamentais: “a questão fundiária, a de financiamento e a institucional.” (COSTA, 2014, p. 2) e a partir disso surgiram propostas para a criação do Ministério da Cidade, do Conselho das Cidades, do Estatuto das Cidades e do Sistema Nacional de Habitação.

Com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2003, foi criado o Ministério da Cidade, feita a fusão de diferentes políticas do desenvolvimento urbano e ampliada a participação do poder público local na produção habitacional no país. Ainda nesse ano foi organizada a Conferência Nacional das Cidades, na qual foram definidas as diretrizes para a Política Nacional de Desenvolvimento Urbano e eleito o Conselho das Cidades, principal instância de discussão relativa às cidades brasileiras.

Esse período foi marcado pelo resgate da política de habitação de longo prazo, o que resultou na efetivação da Política Nacional de Habitação (PNH), que tinha como objetivo “garantir condições ao acesso à moradia digna a todos os segmentos da população.” (COSTA 2014, p.3). Essa política adotava outros parâmetros, além da renda familiar, para o ingresso das famílias ao financiamento habitacional e, nessas circunstâncias, foi significativa a Lei nº 11.124 de 2005, que instituiu o Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (FNHIS¹⁴) e o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social (SNHIS).

Em 2007, o Governo Federal lançou o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) com objetivo principal de intensificar a economia nacional e em sintonia com o social. Um dos eixos era a “urbanização de assentamentos precários” (BRASIL, 2018), que visava melhoria de “condições de habitação e mobilidade em assentamentos precários em centros urbanos, com obras de infraestrutura [...] moradias, drenagem, abastecimento de água, esgotamento sanitário e iluminação, entre outras.” (BRASIL, 2018). Essas ações objetivavam o direito à cidade e à moradia digna.

No entanto, um fator que influenciou o recuo na formulação da política habitacional de interesse social, que vinha se constituindo desde o Projeto Moradia, foi a crise financeira no mercado de hipotecas dos Estados Unidos em 2008. Naquele período, em condições desfavoráveis, o governo adotou uma série de medidas de forma a estimular o crescimento econômico e em 2009 executou a primeira fase do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV 1). Conforme a lei 12.424/2011, o PMCMC tinha como propósito criar instrumentos de estímulo à produção e aquisição de novas unidades habitacionais ou renovação de imóveis

¹⁴ O FNHIS é um fundo contábil que tem por objetivo compor e elaborar a implementação de programas de moradia popular.

urbanos e produção ou reforma de habitações rurais. A aproximação entre a provisão habitacional e o desenvolvimento econômico incentivou o campo da construção civil e a geração de empregos. No entanto, a hegemonia do setor privado, a tensão por resultados e o despreparo dos municípios para sistematizar administrativamente e geograficamente o programa, tem refletido na formação de um padrão de cidade menos igualitária. A gestão das cidades passa a ter menos importância do que a mercantilização da moradia e o modelo urbano passa a ser excludente, voltado para o econômico (COSTA, 2014).

Na prática, segundo Costa (2014), a falta de uma política fundiária se expressa negativamente na localização e na implantação de conjuntos habitacionais nas cidades, visto que a responsabilidade pela definição do local da habitação social é do mercado imobiliário e não das prefeituras. Com isso, os projetos “estão sendo produzidos em áreas periféricas onde, naturalmente, o preço da terra é mais barato, o que representa, em parte, a transferência do subsídio para a especulação imobiliária, desvirtuando os propósitos do programa.” (COSTA, 2014, p. 7). A construção em espaços periféricos é marcada pela exclusão das classes populares do sistema de distribuição do capital social e, assim, persistem formas precárias de sobrevivência que resultam na pouca mobilidade na cidade. “Como resultado, no futuro, os governos locais precisarão elevar seus gastos com a provisão da infraestrutura e das instalações urbanas nas localidades onde estão sendo edificadas os empreendimentos.” (COSTA, 2014, p. 7).

Outra dimensão da política de habitação popular, na trajetória recente de habitação popular, são as Companhias Habitacionais (Cohabs), “constituídas sob forma de sociedades de economia mista, devendo o poder público, Estado ou Município, deter o controle acionário.” (AZEVEDO; ANDRADE, 2011, p. 69). Nos projetos da Cohab, segundo Azevedo e Andrade (2011), as prefeituras locais são geralmente responsáveis pelos custos da urbanização dos terrenos – que compreendem o acesso rodoviário, a rede de água e esgoto, o arruamento e até a colocação de meio-fio. Em alguns momentos, o poder público também participa e oferta terrenos e em outros a própria Companhia compra a preço de mercado. Assim, as residências são construídas por empresas privadas vencedoras nos processos de licitações públicas, cabendo a elas “a fiscalização das obras e a liberação parcelada do financiamento, de acordo com o andamento dos trabalhos.” (AZEVEDO; ANDRADE, 2011, p. 70). Nos empreendimentos para o público de baixa

renda, geralmente, a margem de lucro é menor do que na maioria dos empreendimentos imobiliários e os ganhos de comercialização são pequenos, o que faz com que se compreenda que o funcionamento das Companhias de habitação se mantêm por meio de cobranças por serviços técnicos e de fiscalização e ainda são os compradores que pagam pelo custo total.

A dimensão e a importância do mercado popular perderam para o chamado mercado médio, que passa a ganhar mais importância política. Mesmo com número menor de unidades financiadas do que o mercado popular, esse é o mercado que mais ganhou “[...] pois o valor médio das transações imobiliárias nessa faixa tende a ser substancialmente maior do que as que predominam entre as classes populares.” (AZEVEDO; ANDRADE, 2011, p.71).

Os autores destacam que o problema maior foi a distorção política que houve no custo por unidade de moradia, que foi dirigida para o setor médio da população, sendo esse mais de quatro vezes o valor de uma habitação popular. E ainda, “soma-se a isso o fato de que a clientela do mercado popular é substancialmente maior, em termos absolutos, que as demais.” (AZEVEDO; ANDRADE, 2011, p. 73). Sendo assim, conforme Marguti (2018), é possível observar que a trajetória brasileira da política de habitação foi marcada por décadas pelo número elevado de falta de moradia para a população de baixa renda e ainda sofreu desvio em seu objetivo de solucionar esse problema, voltando-se para as classes médias em detrimento das classes mais baixas.

Em Curitiba, assim como em muitas cidades brasileiras, é possível observar que há uma crise nas políticas de habitação popular para as pessoas de classes com menor renda. A dimensão do problema de habitação popular em Curitiba, aliada ao desejo da casa própria, pode ser quantificada atualmente nas 45 mil pessoas que estão na fila da Cohab e daquelas pessoas que sonham e aguardam há mais de vinte anos por uma casa própria.

Nesse sentido, observam-se contradições na capital que é conhecida mundialmente como cidade modelo de planejamento urbano e de qualidade de vida e problemas de habitação popular. Contudo, conforme Ferreira (2008), nas cidades que desejam ser globais “se por um lado a imagem arquitetônica é eloquente, monumental e apresenta signos de celebração de poder [...] por outro promete recuperar a identidade local, em nome de um diálogo com a cidade existente.” (FERREIRA, 2008, p. 96). No entanto, “os planos de revitalização forjam uma nova

harmonia dos vínculos sociais, muitas vezes com uma lógica autoritária.” (FERREIRA, 2008, p. 96).

Uma situação que ocorreu recentemente exemplifica bem essa contradição. Conforme noticiado pelo jornal Gazeta do Povo, sediado em Curitiba, em agosto de 2018, o apresentador da Rede Globo¹⁵, do quadro Lar Doce Lar, Luciano Huck, visitou a Vila 29 de Outubro¹⁶, no bairro Caximba, localizada no extremo sul da cidade, a fim de realizar a reforma da casa de uma das moradoras. Mas, após interferência direta do atual prefeito Rafael Greca, a reforma não aconteceu. Durante essa visita, o apresentador comparou o bairro Caximba com o Haiti (FONTES, 2018b).

Ainda em agosto de 2018, logo após a polêmica entre o prefeito Rafael Greca e o apresentador Luciano Huck, foi divulgado em outra reportagem, também do jornal Gazeta do Povo que Curitiba tinha a intenção de “oferecer incentivos para espalhar moradias populares pela cidade”, em referência às discussões que estavam acontecendo sobre a revisão da Lei de Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo, ainda em tramitação (2019). Naquele momento, discutia-se sobre formas de estimular a construção de habitações sociais em bairros com melhor estrutura e ainda dessa forma não mais concentrar essas moradias em uma mesma área (FONTES, 2018a).

Sobre a criação de novos setores de interesse social, mencionado nessa reportagem, o professor da PUCPR e diretor do Instituto de Arquitetos do Brasil, na época, Juliano Geraldi, explicou: “esses setores estão muito concentrados na região Sul da cidade e acabam, sim, criando, guetos de moradias populares.” (FONTES, 2018c). Tal revisão da Lei de Zoneamento (2018), conforme mencionado, ainda em tramitação (2019), previa reforçar essa nova opção de criar novos setores para a construção de moradias populares na cidade de Curitiba e, assim, “incentivar a implantação de habitação de interesse social em áreas infraestruturadas da cidade.” (FONTES, 2018b). Para isso, conforme o coordenador da revisão, naquele momento, Alberto Paranhos, tinha que se propor uma flexibilização dos parâmetros nesses bairros, quando a construção de moradias fosse realizada por intermédio da

¹⁵ Rede de televisão comercial aberta brasileira com sede na cidade do Rio de Janeiro.

¹⁶ Ocupação 29 de Outubro é um conjunto de sete vilas localizados no bairro Caximba, no extremo sul da cidade de Curitiba. Surgiu há trinta anos, após o encerramento das atividades do Aterro Sanitário de Curitiba. Em 2010 tinha uma população de 2.522 pessoas.

Cohab, mesmo que isso desagradasse o setor privado, pois isso ajudaria a atender a demanda na fila de espera (FONTES, 2018c). Apesar do jornal da Gazeta do Povo ser de uma linha mais conservadora, ele emitiu reportagem denunciando problemas relacionados à política de habitação social e desigualdade socioespacial em Curitiba.

Outro veículo de comunicação, de tendência à esquerda, o Mobiliza Curitiba, articulação composta por mais de 25 organizações entre elas sindicatos e movimentos sociais, também em agosto de 2018, trouxe uma crítica sobre isso com o tema “Tramitação do projeto de Lei de Zoneamento, Uso e Ocupação do Solo de Curitiba pode ser suspensa por não passar por conselho fiscalizador”. O Conselho da Cidade de Curitiba, Concitiba, questionava e denunciava o fato de o projeto de lei ter sido encaminhado aos vereadores sem que a minuta da proposta tivesse sido apresentada aos conselheiros da instituição, fato este que feria os princípios da gestão democrática da cidade e o processo de planejamento participativo e ainda traria prejuízo para toda a sociedade. O Movimento Mobiliza Curitiba defende que a imagem de “cidade modelo” não reflete a realidade de Curitiba e que:

a solução desses problemas crônicos de Curitiba depende da nossa mobilização. Pelo combate aos interesses especulativos que restringem o acesso à terra e à moradia, pela formulação de um sistema de mobilidade inclusivo e saudável, pela distribuição justa de equipamentos de cultura e lazer, pela função social da propriedade e pelo direito à cidade de todos: MOBILIZA CURITIBA! (MOBILIZA CURITIBA, 2018).

Observa-se que questões como desigualdade socioespacial, segregação e habitação popular são problemas urbanos que atingem várias cidades e, portanto, nega-se o direito à cidade a uma grande parcela dos mais pobres nas sociedades. Essas situações fazem surgir diferentes movimentos sobre a democratização do acesso à terra. A organização em direitos humanos, Terra de direitos¹⁷, entre vários princípios:

¹⁷ Terra de direitos surgiu em Curitiba em 2002 para atuar em situações de conflitos coletivos relacionados ao acesso à terra e aos territórios rural e urbano, tem atuação em âmbito nacional e internacional. É uma organização de Direitos Humanos, que trabalha na defesa, promoção e efetivação de direitos, principalmente os econômicos, sociais, culturais e ambientais (Dhesca). No Brasil conta com escritórios em Santarém (PA), em Curitiba (PR) e em Brasília (DF).

[...] Acredita que a democratização do acesso à terra, seja ela urbana ou rural, é indispensável para a garantia da produção digna da vida, uma vez que é da terra que retiramos o sustento, é nela que temos abrigo e é a partir dela que formamos nossas identidades individuais e coletivas. [...] Entende que a democracia e a justiça social são fundamentais para a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, especialmente no Brasil, terra de muitos povos, culturas e identidades. [...]. (TERRA DE DIREITOS, 2019).

A produção digna da vida, as identidades individuais e coletivas são marcadas pela desigualdade e segregação espacial nas grandes cidades brasileiras, perfil da maioria da população. Tradicionalmente, o planejamento urbano e os investimentos públicos limitavam-se à cidade formal, negando a milhares de pessoas o acesso adequado a condições mínimas de vida nas grandes aglomerações. A cidade não é um negócio e a comercialização de terras urbanas agrava as condições de desigualdade e nega o direito à cidade.

Observa-se que a situação que envolveu o apresentador Luciano Huck e o prefeito Rafael Greca despertou a atenção para o assunto da habitação social em Curitiba. Cidade conhecida mundialmente pelo modelo de planejamento urbano, atualmente apresenta um déficit habitacional de 5,34% e uma concentração de 341 áreas de ocupações irregular. Entre 2005 e 2010 passou de 341 para 381 áreas (IPPUC, 2015).

Volochko (2016), em seu artigo “Lutas urbanas na metrópole de Curitiba: moradia popular, ocupações de terra e resistências”, analisa e escreve sobre a falta de acesso à moradia adequada, que não é recente, e acompanha as classes sociais mais pobres na história da urbanização. Conforme o autor, a maior crise da moradia no país pode ser entendida como uma crise de sociabilidade que “revela grandes desigualdades na apropriação social do espaço, visíveis na paisagem urbana que expressa a materialização das condições desiguais de existência das diferentes classes e grupos sociais” (VOLOCHKO, 2016, p.38). Tudo isso é reflexo de articulação antagônica da urbanização com os planos do econômico, do político e do social na produção do espaço. A produção e reprodução do espaço em Curitiba, de um lado, são formadas por favelas de barracos de madeiras, bairros sem infraestrutura, conjuntos habitacionais em locais distantes do centro e dos locais de trabalho dos seus moradores. E, de outro lado, há um planejamento em bairros bem estruturados com equipamentos e serviços urbanos fartos e variados comércios, com edificações arranjadas, conforme especificações fundiárias e urbanísticas, formais e legais (VOLOCHKO, 2016).

Uma das estratégias utilizadas pelos movimentos por moradia são as ocupações de terras. Para Volochko, elas que têm a capacidade “de questionar os fundamentos dos processos capitalistas de valorização do solo, especulação imobiliária e segregação socioespacial.” (VOLOCHKO, 2016, p.40) O que esse cenário pressupõe, conforme o autor:

É a de que as lutas urbanas revelam conflitos contraditórios do processo de urbanização, amalgamando as particularidades da história urbana de Curitiba e dos sujeitos locais com os processos econômicos e políticos nacionais e mundiais, nos aproximando do necessário desafio da materialização da justiça espacial e do direito à cidade, apontando concretamente processos, ações e sujeitos envolvidos em disputas pelo sentido do espaço e da cidade. (VOLOCHIO, 2016, p.40).

4 “AQUI” E “LÁ”: ESPAÇOS DE INFÂNCIA E REDES DE INTERDEPENDÊNCIA

Ellos no ‘serán’ sino que ‘ya son’ seres humanos que actúan e interactúan con otros seres humanos en el espacio urbano. Se trata de reconocer, de una vez, que ya están ahí, y que tienen capacidad de ser, pensar y actuar en la ciudad. (GAITÁN, 2008, p.37)

Neste capítulo, apresentam-se os dados da primeira e segunda parte da pesquisa de campo e uma seleção de dados do IPPUC (2015) e Censo Demográfico do IBGE (2010) dos bairros “AQUI” e “LÁ”. Inicia-se com um breve contexto das Infâncias “AQUI” a partir de conversas com dezenove crianças, como parte do primeiro momento da pesquisa.

Em seguida, são apresentados dados numéricos e dados qualitativos dos espaços do “AQUI” e “LÁ” das sete crianças que participaram do primeiro e segundo momento da pesquisa. Lembrando que, no segundo momento, foi proposto às crianças visitar os espaços do “AQUI” e “LÁ” para que mostrassem os lugares dos bairros que moravam antes do reassentamento e do bairro atual a respeito do que gostavam e do que não gostavam, bem como falassem sobre esses lugares e tirassem fotos.

QUADRO 3 – RESUMO SOBRE VISITAS AOS BAIRROS DE ORIGEM – INFÂNCIAS “LÁ”

Criança	Trajetó/acompanhante	Caminhada pelo bairro	Bairro/data e período	Local onde aguardou
Laura	Irmão mais velho	Pesquisadora e a criança	Pinheirinho/tarde (17/12/2017) E Tatuquara/tarde (17/12/2017)	Escola/casa da avó
Ingrid, Mariana e Guinho	Avó	Pesquisadora e a crianças	Bairro Alto/ tarde (03/03/2018)	Casa da filha
Emili	Irmã e sobrinhas gêmeas	Pesquisadora e a criança	Parolin/manhã (04/03/2018)	Casa dos tios
Valter	Mãe	Pesquisadora, a criança e a mãe da criança.	Hauer/tarde (07/03/2018) e Butiatuvinha/tarde (02/09/2018)	

Fonte: Autora (2018).

Do total de crianças que receberam essa proposta, apenas uma não aceitou e justificou “eu não gostava de nada lá”. No momento em que a criança demonstrava interesse em fazer as visitas, entrava-se em contato com a família e explicava-se o objetivo dessa visita. Além da autorização para esses momentos, foi acordado que um adulto deveria acompanhar. No quadro abaixo é apresentado o resumo das visitas aos bairros de origem “INFÂNCIAS LÁ”.

Com relação às visitas ao bairro atual, Santa Cândida, “INFÂNCIAS AQUI”, após autorização das famílias, todas foram realizadas apenas com a criança e a pesquisadora. Foram seis momentos de caminhadas pelo bairro e, nesses momentos, os três irmãos participaram de forma individual, conforme exemplificado no quadro abaixo.

QUADRO 4 – RESUMO DAS CAMINHADAS NO BAIRRO ATUAL – Infâncias “AQUI”

Criança	Laura	Ingrid	Guinho	Emili	Valter	Mariana
Dia/período	27/02/2018 (manhã)	05/03/2018 (manhã)	05/03/2017 (final da tarde)	05/03/2018 (final da tarde)	12/03/2018 (final da tarde)	12/03/2018 (final da tarde)

FONTE: Autora (2018)

É importante registrar que o combinado com as crianças, de tirar fotos dos espaços que gostavam e os que não gostavam, não foi possível em todos os momentos, com todas as crianças, devido a questões relacionadas ao tempo (chuva) e condições de segurança dos locais visitados.

Outra questão importante é que os últimos dados disponibilizados pelo IBGE são do ano de 2010 e que ainda não há atualização dos mesmos pelas instituições citadas. Portanto, os 11 conjuntos habitacionais, mencionados nesta pesquisa, que juntos somam 1000 moradias, ainda não faziam parte destes dados, visto que foram entregues aos moradores no ano de 2014.

4.1 INFÂNCIAS “AQUI”: AS 19 CRIANÇAS UM BREVE CONTEXTO

Na primeira parte da pesquisa foram ouvidas dezenove crianças¹⁸. O grupo era formado por meninos e meninas com idades entre sete e quatorze anos. Na maioria dos encontros a quantidade de meninos no campo de futebol era maior, enquanto as meninas vinham em alguns momentos apenas para participar da pesquisa. Destas, três eram responsáveis pelos cuidados de irmãos e sobrinhos mais novos enquanto brincavam ou participavam da pesquisa.

Havia um grupo de nove crianças que passavam mais tempo no campo de futebol e, assim, participaram de forma mais intensa. A Mariana, menina de sete anos, apesar de ter demonstrado interesse desde o primeiro momento e a mãe ter autorizado, em muitos momentos apenas observava enquanto brincava com outras crianças próximas de sua idade. Só mais tarde decidiu conversar. No entanto, o seu irmão Guinho foi a criança que mais participou, pois na maioria das vezes estava no campinho de futebol.

Guinho sempre ajudava a pesquisadora nos momentos em que ela chegava ao campo de futebol e não tinha crianças lá. Ele, em alguns momentos, costumava ir aos apartamentos avisar da chegada da pesquisadora. Nas primeiras conversas foram tratadas questões gerais como: idade, com quem moravam, onde costumavam brincar, a brincadeira predileta, se gostavam de morar no conjunto habitacional, há quanto tempo moravam naquele local, qual bairro moravam antes, como costumavam brincar ali e no antigo bairro, neste bairro, por que vieram morar ali, além de outras questões e problemas envolvendo as moradias que tiveram e os bairros que tinham morado e também o atual.

Percebeu-se, a partir dos relatos das crianças e das pessoas com quem as crianças moravam, uma diversidade na composição das famílias, sendo: com o pai e a mãe; mãe, padrasto e irmãos; pai e irmão; só com a mãe; com a mãe, avó, primo e tia; mãe, irmãos e cunhado; mãe padrasto, tio e irmãos; com a avó; e mãe, padrasto, tio, tia, outra tia, irmão e irmãs. Notadamente, a formação familiar tida como tradicional, pai, mãe, e irmãos, foi a que menos se observou. Nesse sentido, para Noronha e Parron (2017, p. 20), “os grupos familiares, atualmente, devem ser

¹⁸ Por questões éticas, os nomes aqui apresentados das crianças e adultos participantes desta pesquisa são fictícios.

compreendidos pelos laços de afetividade que os unem. Pensar diferente seria um retrocesso”.

Com relação aos lugares onde costumavam brincar, a maioria das crianças citou o “campinho de cima”¹⁹, uma delas falou que gostava de brincar no quarto. O “campinho de baixo” foi mencionado por poucas crianças e uma delas disse que gostava de brincar em frente ao bloco de apartamentos onde morava e apenas três citaram o parquinho dentro do conjunto habitacional.

Diversas brincadeiras foram citadas pelas crianças. Os meninos, de forma geral, e três meninas, gostavam de futebol, as meninas maiores gostavam de brincar de mãe pega e mãe esconde, a menina menor gostava de brincar de balanço (improvisava na rede da trave de futebol), pois não havia balanço, dois meninos citaram pular corda e um menino disse que gostava de costurar “roupa, pano, essa coisas”. Nesse sentido, conforme Corsaro: “as crianças se apropriam criativamente das informações do mundo para produzir sua própria cultura de pares.” (CORSARO, 2011 p. 53).

Sarmento (2018) menciona que o crescimento da população urbana, além de não garantir condições iguais, produz um quadro de fatores associados “às condições sociais de vida nos espaços urbanos, designadamente as relativas ao acesso à habitação [...], mobilidade, educação e espaços de lazer, [...] aspectos relacionados com a segurança [...]” (SARMENTO, 2018, p. 233). Algumas dessas situações são evidenciadas nas falas das crianças em relação ao não gostar de morar no conjunto habitacional, entre elas: “é chato porque não tem brinquedo aqui para brincar”; “onde morava as crianças brincavam na rua e aqui às vezes as crianças não saem para brincar”; “tinha mais espaços, parquinho, essas coisas para brincar onde eu morava”; um dos meninos disse “aqui não tem nada para fazer”; outro se queixou de problemas relacionados com a antiga síndica; uma menina relatou: “é chato porque as crianças não podem brincar dentro do conjunto e o espaço atrás é muito ruim”, se referindo ao parquinho; um menino se queixou do barulho e falou que as pessoas brigavam e gritavam muito dentro do bloco de apartamentos onde morava e nos outros também; uma das meninas com doze anos

¹⁹ Nas mediações dos conjuntos habitacionais foram construídos dois campos de futebol e as crianças se referiam a eles como campinho de cima e campinho de baixo. Foi no “campinho de cima” que passei a maior parte do tempo, durante a pesquisa de campo, com as crianças.

de idade se queixou da síndica que reclamava muito das crianças e também por não poderem soltar raia ou correr nas dependências do conjunto.

Além de restrições, foi possível constatar, a partir das falas das crianças, algumas possibilidades relacionadas ao local de moradia, entre elas, um dos meninos disse: “aqui é muito legal, tem parquinho”; enquanto outro falou “tem vários lugares para brincar” e comentou sobre a conquista de novas amizades, e que “a escola era muito boa”; outro menino de sete anos disse gostar deste lugar “por que tem muitos amigos”; já um menino de oito anos justificou gostar dali, “pois onde morava antes era chato e havia muitos mosquitos”; uma menina de doze anos disse: “é muito divertido ter alguém pra brincar e compartilhar nosso segredo”; enquanto outra menina da mesma idade disse: “às vezes é legal, mas tenho vontade de ir embora do por que às vezes é chato”, pois, “não tem o que fazer, tudo é muito longe”.

O menino Igor, após observar um dos momentos de conversa, também quis participar da pesquisa. Ele morava em um dos conjuntos de casas, junto com os avós. Já a mãe dele e o irmão mais novo moravam em outra casa nesse mesmo conjunto. Foi o único que após ser convidado a visitar o bairro antigo não aceitou a visita. Nasceu no bairro Campo Comprido e morou lá até ser reassentado no bairro atual, aos dez anos de idade. Sobre o lugar que morava anteriormente disse: “conhecia mais lugar, né? Aqui não conheço nada”; e cita alguns lugares que frequentava no antigo bairro: “os parquinho, os parque, os campo de futebol, os rio que nós nadava”.

Explicou, ainda, por que ele e a família vieram morar no conjunto habitacional: “porque lá era área de invasão”. No entanto, justifica que ele e a família não queriam vir morar neste local, mas foram convencidos por funcionários da Cohab, que sempre iam até lá onde moravam antes para propor a retirada da família. A avó comentou que o Igor não gostaria de ir ao bairro antigo, pois a casa deles tinha sido derrubada e os entulhos ainda estavam no local. Ela comentou que o motivo de terem derrubado a casa antiga foi para que não retornassem àquele local.

A avó do Igor explicou que o marido tinha adoecido após a mudança de bairro, tinha tido três AVCs e desconfiava que isso tivesse relação ao fato da preocupação que tinha de não conseguir trabalhar, pois “tudo é muito longe”. Lá no antigo bairro, os avós trabalhavam com reciclagem de materiais recolhidos e juntos

tinham uma renda aproximada de cento e cinquenta reais por semana. Explica que lá eles tinham menos gastos, pois ganhavam frutas, verduras e cesta básica e ainda comenta: “aqui às vezes precisamos contar com a ajuda dos vizinhos”.

Com relação ao bairro atual, o Igor se queixou dizendo: “é chato ficar aqui, não tem nada pra fazer”. Também falou que gostava da escola do bairro antigo e que lá “era bom, até melhor que a escola daqui”, era mais perto e dava para ir a pé ou de bicicleta.

O Igor parou de estudar devido a problemas que teve na escola atual. A mãe falou que uma professora tinha feito um boletim de ocorrência (BO) sobre a conduta dele, mas também argumentou: “a professora também errou ao maltratar meu filho e acho que não colocou isso no BO”. Ela acredita que as crianças moradoras dos condomínios são discriminadas na escola, por terem vindo de outros bairros e favelas. Sobre essa questão escolar, Rosemberg (2010) alerta que existem processos de discriminação dentro da dinâmica escolar que podem afetar o rendimento de estudantes pobres, neste sentido: “retenções sucessivas tornam meninos e adolescentes ‘alunos velhos’, que se sentem inadequados em classes com os mais novos, propiciando desânimo escolar e ingresso no mercado de trabalho.” (ROSEMBERG; FREITAS, 2002 p. 12)

Outra queixa relatada por Igor foi a questão de que onde morava antes não pagavam prestação de casa e ali sim. Lá no antigo bairro, só pagavam a água, enquanto nesta moradia, pagavam além da água a prestação da casa. Mas, aqui também não pagavam pela energia elétrica: “não, a luz vem zero! Zero!”.

Tendo em vista a situação financeira da família, Igor construiu, com ajuda de um parente, uma banquinha bem improvisada de doces, em frente de sua casa, conforme pode ser vista na figura a seguir. Lá ele vendia bala, chiclete, pirulito. Com relação ao pouco dinheiro das vendas, disse “é... ah, eu tento investir mais, né? Lá”. Em outro momento o menino comentou que estava desanimado com as vendas de sua banquinha e que aguardava ser chamado para trabalhar em um mercado da região.

FIGURA 2 – BANQUINHA DE DOCES DO IGOR



FONTE: Autora (2017).

Outra criança que participou no primeiro momento da pesquisa foi Luan, com doze anos de idade. Foi ao final de uma tarde, enquanto observava as crianças jogando bola, que ele se aproximou e perguntou o que eu estava fazendo ali, pois lembrou que já me conhecia da escola em que havia estudado. Morava com o pai e duas irmãs. A mãe havia falecido de câncer. Falou que no bairro gostava de brincar “em campos de futebol”, “um aqui e um lá embaixo”. Disse não gostar de morar no conjunto habitacional porque segundo ele: “tem muita invasão de polícia, essas coisa, daí é meio perigoso, pois os policiais vêm procurar drogas aqui”.

Luan morou na vila Santos Andrade, no bairro Campo Comprido, desde o nascimento. Sobre Lá, ele comentou: “brincava de jogar bola, soltava raia, um monte de coisa, daí era seguro lá”. “Daí a gente mudou pra cá, já virou meio perigosinho”. Ele e a família não queriam mudar de bairro, mas segundo ele:

é que a Cohab quis que a gente mudasse porque tinha um rio que passava lá perto de trás de casa, aí quê que aconteceu? A Cohab achava que ia dar muita enchente, muita enchente, e aí ia invadir a casa, mas as enchente nem ia invadir a casa nada, era legal, (incompreensível) lá.

O menino comenta que nunca havia entrado água na casa onde morava e falou sobre os parentes que ainda moram no local: “lá tem meus tios e minhas tias, lá, que mora, mas às vezes a gente vai visitar”. Afirmou que gostava de morar lá por que: “era mais seguro, era mais legal pra brincar, muito mais le... melhor também pra ficar em casa, sem ouvir tiro, essas coisa”.

Pesquisadora: aqui você ouve muito barulho de tiro?

Luan: Ah, no começo... no começo meu pai quase foi assassinado, aqui. Daí deu uma parada, uns tempo.

Ele estuda na Escola Estadual do bairro que, segundo ele, fica longe do conjunto habitacional onde mora e por isso utiliza o transporte escolar fornecido pelo município. Ele, o pai e a irmã também costumavam frequentar uma igreja, Assembleia de Deus, localizada no centro de Curitiba. E, sobre o dia a dia em casa, comentou como ajudava na organização: “é... lavando louça e limpando a casa”.

Luan era muito bom de conversa, filho de músico, gostava de falar sobre os lugares da cidade. Tinha um repertório amplo de conhecimento sobre diferentes espaços da cidade de Curitiba, parques, praças e teatros, que havia conhecido com o pai, com a mãe e com as escolas onde estudou. Como ele frequentava menos o campinho de futebol e devido ao tempo da pesquisa, não foi possível convidá-lo para uma visita ao bairro antigo.

Outras situações que as crianças trouxeram que justificavam a mudança para o bairro atual foram: “morava no quintal dos avós”; “[a gente] trocava muito de moradia”, “sempre quisemos uma casa e daí a mãe fez um cadastro (Cohab)”; “tinha muito barulho, valetão e ratos”; moravam em lugares onde tinha “muitos assaltos”, “pagamento de aluguel”; um menino de sete anos falou que “lá era muita coisa de tiro daí o conselho foi lá e destruí a casa e daí nos veio morar aqui”; outro menino de sete anos explicou “porque lá tinha um cara que era muito louco, batia em tudo mundo que via pela frente”; uma menina de doze anos relatou que moravam “na casa do padrasto e lá tinha apenas duas peças na casa”; enquanto outra menina de doze anos comentou “por causa que a gente não queria ficar lá, tinha muita briga, tiroteio, essa coisas”; uma menina de sete anos justifica que mudaram para este

bairro, pois no antigo havia pessoas usuárias de drogas; e uma menina de treze anos disse “por que lá não tinha condições de banheiro, essas coisas” e também comenta que já estavam na fila de espera da moradia. Essas situações apontam para diversas formas de violência no cotidiano das crianças nas periferias.

Sobre as coisas que gostavam no bairro antigo, em geral relataram: “um monte de espaço”; “terreno que dava para montar piscina”; “muita coisa legal, tinha brinquedos”; “tinha muitos amigos e parentes (primos avós)”; “não tinha gritaria, era bem melhor”. Uma menina de doze anos explicou que gostava mais do bairro antigo, pois no atual “as coisas é muito longe... mercearia loja, tudo é muito longe. Lá já é mais pertinho”.

No dia que as crianças brincaram de jogar “cama de gato”, elas comentaram que o campinho de futebol não existia no momento em que vieram morar ali. Foram quatro meninos que participaram desta conversa, explicaram como foi a participação deles na organização para transformar um espaço do lado de fora do conjunto em um campo de futebol.

Walter: A gente ajudou.

Guinho : Na montagem do campinho a gente ajudou.

Walter: Mas pra falar a verdade quem colocou areia ali foi nós porque os pia grandão não queria por...

Eduardo: É, eles falaram: “Ah! vocês queriam campinho...”

Walter: Ficou um calo no meu dedo, no meu dedão, ficou desse tamanho assim...

Segundo uma das mães, o senhor Pedro, que as crianças mencionaram, foi presidente da Associação de Moradores, mas essa associação não existe mais. Ainda comentou que essa pessoa se envolveu com “coisas erradas” e, devido a isso, mudou de endereço. Sobre o outro campo de futebol, as crianças falaram que é um lugar perigoso e por isso não podem ir até lá. Falaram também que eram proibidas de brincar nas dependências do conjunto habitacional e que as famílias estavam sujeitas a multas caso não cumprissem essa ordem. Essa questão tinha relação com os carros estacionados:

Eduardo: Antes não era... porque tinha um carro que ficava ali... daí podia andar de bicicleta jogar bola, tudo... só que daí tem gente que passou de bicicleta e quebrou o retrovisor do carro: proibido!

Valter: Era proibido subir naquela caixa de água ali pra ficar sentado: era proibido! Correr: é proibido!

Comentaram que, além de ser proibido brincar nas dependências do conjunto, que também era proibido circular sem camisetas e ouvir músicas com o som alto. E sobre tais proibições e no que isso poderia interferir, ainda explicaram:

Pesquisadora: Mas vocês acham importante proibir o som alto?
 Walter: É, não, né? porque...
 Guinho : Não, de noite sim.
 Valter: De noite sim!
 Guinho: Porque tem gente especial e tem, tem que dormir!
 Pesquisadora: Como assim tem gente especial?
 Guinho : É...com problema ...
 Pesquisadora: Que tipo de problema?
 Eduardo: É... tipo idoso.
 Walter: Gente que trabalha.

Na sequência, mostraram o parquinho dentro do conjunto e um dos meninos explicou: “é, quando não tinha o campinho, nos brincava só no parquinho e nós jogava basquete”; e outro menino complementou: “ou a gente jogava bola aqui, também no gramado ao lado do parquinho”; em seguida, Guinho explicou: “ninguém mais brinca aqui porque fizeram o campinho agora, né?” E os outros meninos concordaram.

No campinho de cima foi possível observar as diferentes formas de uso daquele espaço, enquanto algumas crianças jogavam bola, outras participavam de outras brincadeiras, em geral eram crianças com idades entres dois e quatorze anos e, geralmente, as crianças menores eram cuidadas pelas meninas maiores. Nessas vivências ficou evidente como vão tecendo suas redes de interdependência, como vão construindo essa cultura infantil com seus pares. Sobre isso, Sarmiento (2002) analisa: “a cultura de pares permite às crianças apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia, numa relação de convivência que permite exorcizar medos, construir fantasias e representar cenas do cotidiano [...] de identificação social” (SARMENTO, 2002, p.11).

Durante um final de tarde, Luis, menino de oito anos, me convidou para jogar o “jogo de tampinhas”, e me explicou as regras. Para isso, procurou tampinhas de garrafas de refrigerante que estavam jogadas próximas da trave de futebol, me deu uma e disse “essa é a tampinha da sorte”. Outras crianças que estavam jogando futebol vieram jogar também. Em outro momento observei quando três meninos brincaram de peteca, arrancaram matos com as raízes e fizeram de peteca. Faziam também brincadeiras de lutas entre meninos e meninas, entre meninos e meninos. Mariana geralmente brincava de escalar o morro de terra com outras crianças com

idades próximas à dela e gostava de brincar de se balançar na rede da trave. Uma vez pulou elástico com auxílio de pedras grandes, pois não tinha com quem brincar naquele momento. Na figura a seguir é possível ver algumas brincadeiras no campo de futebol.

A partir das brincadeiras que as crianças criam nesses espaços, é possível refletir sobre o quanto suas redes de interdependência são entretidas pelos espaços do bairro e da cidade. Estudar essas redes é importante, portanto, para “caracterizar os efeitos contraditórios e desiguais da vida urbana na configuração da infância, analisando tanto as oportunidades que oferece quanto os constrangimentos que opõe à cidadania da infância” (SARMENTO, 2018 p. 234).

FIGURA 3 – A) PETECA. B) FUTEBOL C) JOGO DE TAMPINHAS. D) LUTA.

a)



b)



c)



d)



FONTE: Autora (2017).

FIGURA 4 – ESCALANDO / ELÁSTICO



FONTE: Autora (2017).

As crianças brincavam bastante e, em alguns momentos, também se desentendiam. Em uma das vezes presenciei uma briga durante uma partida de futebol. Estava distante da cena, e até chegar para conversar com os meninos envolvidos o menor já estava chorando muito, e, ao me aproximar, percebi que havia quebrado braço. Algumas crianças rapidamente chamaram as mães e uma das vizinhas ligou para emergência. Neste dia as crianças ficaram ansiosas com a situação e não foi possível conversar, fiquei ali com eles até a criança ser encaminhada para o hospital.

Num sábado de manhã, cheguei no horário combinado com algumas crianças, porém o campo estava vazio. Assim que foram chegando perguntei de quem eram os calçados, Guinho e Walter apontaram para cada um deles. Disseram que não tinha problema em deixar os calçados ali, pois ninguém mexia. A foto abaixo demonstra um pouco o grau de intimidade desse grupo de crianças em relação ao espaço do campinho.

FIGURA 5 – CALÇADOS



FONTE: Autora (2017).

4.2 ALGUNS DADOS SOBRE A COMPOSIÇÃO DA REDE DE INTERDEPENDÊNCIA DE LAURA

A partir de visitas realizadas com Laura aos bairros anteriores de moradia, Pinheirinho e Tatuquara, denominados como “INFÂNCIAS LÁ”, e Santa Cândida, “INFÂNCIAS AQUI”, foram selecionados alguns dados do IPPUC e Censo Demográfico do IBGE (2010). Dessa forma, foi possível a partir da contextualização dos dados, ponderar, em termos numéricos, quais seriam os bairros com maior qualidade de vida para a criança.

Nesse contexto, na Tabela 1 é possível observar que o bairro Tatuquara, além de mais populoso, é também o mais violento. Outra situação que chama a atenção é a maior concentração de crianças e adolescentes de 0 a 14 anos, que representa 28% do total da população do bairro.

TABELA 1 – POPULAÇÃO, HABITAÇÃO E HOMICÍDIOS DO “AQUI” E DO “LÁ” DA LAURA

	Bairros	População	Unidades de domicílios	Déficit habitacional	População de (0 a 14 anos)	Homicídios por 100.000
	Curitiba	1.751.907	635.631	5,34%	349.960	42,81
“AQUI”	Santa Cândida	32.808	11.343	7,76%	6.928	21,34
“LÁ” 1	Tatuquara	52.780	16.320	7,43%	15.086	106,10
“LÁ” 2	Pinheirinho	50.401	16.663	7,94%	11.401	67,46

FONTE: IPPUC/IBGE CENSO DEMOGRÁFICO, 2010.

Outra questão em relação ao Tatuquara possível de se verificar na Tabela 2, a seguir, é que o valor do rendimento mensal mediano por domicílio corresponde a apenas (60,87%) do valor do município. Na mesma tabela é possível verificar que este bairro, apesar de ser o mais populoso, é o que tem a menor taxa de déficit habitacional. Isso talvez se dê por sua localização que, é mais afastada do centro da cidade. Já o bairro Pinheirinho, primeiro bairro em que a Laura morou, apresenta um déficit habitacional maior em relação ao Tatuquara, o que pode se dar tanto pela fato da localização ser mais próxima ao centro quanto pelo número maior de estabelecimentos ativos nos setores da indústria e do comércio, como pode se ver na mesma Tabela 2, a seguir. Esses índices podem ser indicativos dos investimentos imobiliários observados na região.

TABELA 2 – NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS DE INDÚSTRIA/COMÉRCIO EM RELAÇÃO (%) AO TOTAL DE POPULAÇÃO E RENDIMENTO MENSAL MEDIANO DO “AQUI” E DO “LÁ” DOS BAIRROS DA LAURA

	Bairros	% de estabelecimentos ativos - indústria em relação ao total de população do bairro	% de estabelecimentos ativos - comércio em relação ao total de população	Valor rendimento mensal mediano por domicílio
	Curitiba	0,73%	0,21%	2.300
“AQUI”	Santa Cândida	0,92%	2,45%	2.000
“LÁ” 1	Tatuquara	0,62%	2,68%	1.400
“LÁ” 2	Pinheirinho	1,28%	3,89%	1.820

FONTE: IPPUC/IBGE CENSO DEMOGRÁFICO – 2010/SME – Cadastro de lib. De alvarás e Ag. Curitiba – 2011.

Ainda comparando os dados dos bairros onde Laura morou, é possível observar na Tabela 3, a seguir, que há um aumento do número de áreas de ocupação irregular em Curitiba entre 2005 e 2010. No bairro Pinheirinho, o número de áreas de ocupação irregular diminuiu enquanto no Tatuquara aumentou. É possível que essa questão tenha relação com as realocações e os reassentamentos forçados devido à valorização imobiliária, como foi o caso da Laura, familiares e vizinhos, sendo que estes últimos foram removidos do bairro Pinheirinho e reassentados no bairro Tatuquara.

TABELA 3 – ÁREAS DE OCUPAÇÃO IRREGULAR 2005/2010 DO “AQUI” E DO “LÁ” DA LAURA

Cidade/bairros		Áreas de ocupação irregular 2005			Áreas de ocupação irregular 2010		
		População e %	Nº de domicílios	Nº de ocupações	Nº de ocupações	Nº de domicílios	Populaçã o
	Curitiba	239.728	62.267	341	381	-	-
“AQUI”	Santa Cândida	3.611 11%	938	25	25	-	-
“LÁ” 1	Pinheirinho	5.336 10,68%	1386	16	14	-	-
“LÁ” 2	Tatuquara	9.960 18,90%	2587	10	13	-	-

FONTE: COHAB e IPPUC, 2005/2010

Esse aumento de áreas de ocupação irregular em Curitiba indica uma crise na política de habitação popular para famílias de baixa renda. Essa realidade é constantemente denunciada por jornais de linhas editoriais mais críticas, como a apresentada a seguir:

Cerca de 1,5 mil pessoas vivem hoje em áreas de ocupação, a maior parte delas localizada na região Sul de Curitiba: Tiradentes, Nova Primavera, Dona Cida e 29 de março. São moradores que se articularam para sair do aluguel, usar os espaços vazios da cidade e lutar juntos pela regularização dos imóveis. (BRASIL DE FATO, 2017).

Essas áreas de ocupação ficam em bairros mais afastados, distantes da cidade, em lugares com pouca ou sem nenhuma infraestrutura. Há uma dissonância

na forma como as pessoas acessam e usam os espaços da cidade. Curitiba, por exemplo, é conhecida mundialmente pelas áreas verdes públicas e espaços de lazer (parques e praças). Sobre isso, na mesma tabela, verifica-se que há uma quantidade maior de praças nos bairros Pinheirinho e Tatuquara, mas inexistem parques nos três bairros onde Laura morou. Já em relação a espaços culturais, é possível observar que, dependendo da região na qual se vive de uma cidade, esses espaços nem sempre são acessíveis ou muitas vezes são inexistentes como no caso de teatro, museu e cinema em todos os bairros onde a criança morou.

TABELA 4 – ESPAÇOS DE CULTURA E ÁREAS VERDES DO “AQUI” E DO “LÁ” DA LAURA

		Parques	Praças	Teatro	Museu	Cinema
“AQUI”	Curitiba	22	352	45	31	14
	Santa	-	6	0	0	0
	Cândida					
“LÁ” 1	Tatuquara	-	9	0	0	0
“LÁ” 2	Pinheirinho	-	9	0	0	0

FONTE: SMMA/PARQUES E PRAÇAS, 2012 e IPPUC BANCO DE DADOS.

A partir dos dados quantitativos, é possível verificar que o bairro Tatuquara parece ser o lugar onde as crianças têm menos qualidade de vida tanto pela maior taxa de homicídios quanto pelo valor mediano do salário por domicílio, 39% a menos que o valor de Curitiba. Outro agravante é o fato de que 18% das pessoas moradoras deste bairro vivem em áreas de ocupação irregular.

Já os números indicam que o bairro Pinheirinho é o que oferece mais qualidade de vida em relação ao maior número de comércio, o que pode ampliar as redes de possibilidade de trabalho. Já quando se pensa na qualidade de vida no bairro Santa Cândida, esta se daria tanto pela taxa menor de homicídios quanto pela maior renda mediana do salário, por domicílio.

Na sequência serão apresentados os espaços dos bairros antigos de moradia a partir de visitas e narrativas de Laura. Em seguida, será apresentada uma breve análise dos dados quantitativos ponderando possíveis relações com os qualitativos.

4.2.1 Laura, a menina que organizava a casa com a mãe

Laura tinha 13 anos e aos 10 anos, ela a mãe, o padrasto e os três irmãos foram reassentados no conjunto habitacional, localizado no bairro Santa Cândida, em 2014. Assim que mudaram a irmã de dezesseis anos engravidou e, devido a conflitos com o pai do recém-nascido que morava no bairro, deixou a filha aos cuidados da mãe e foi morar no bairro Tatuquara com a avó materna. Laura era vista com frequência cuidando desta sobrinha tanto no parquinho quanto no campo de futebol. Apesar de Laura ter relatado que sua brincadeira predileta era jogar futebol, foi vista apenas em dois momentos jogando bola no campinho.

Laura nasceu em uma favela no bairro Pinheirinho e, nesse local, morou em três residências diferentes localizadas no mesmo bairro. A mãe da menina contou que comprou a primeira casa e depois trocou por outra, em seguida vendeu-a e comprou a terceira. Ela explicou que por morar em área de ocupações, nunca teve escrituras das casas, até porque estes imóveis não tinham documentação, como as demais casas da mesma região. A última casa que Laura morou ficava ao lado de uma valeta e era comum entrar água na residência em dias de muita chuva.

Em relato, a mãe conta que, após uma forte enchente, a família teve que deixar a moradia, num período muito difícil que culminou com a perda da guarda das crianças. Essa perda da guarda foi, segundo ela, motivada por ter se envolvido com “pessoas erradas” e por não ter condições financeiras e nem de habitação para cuidar e abrigar os filhos. Assim, ficou afastada dos filhos por mais ou menos oito meses, enquanto eles foram acolhidos por uma instituição de proteção à criança. Também foi nesse período que a casa foi desmanchada por ordem da Prefeitura.

Após conseguir emprego e alugar uma casa no bairro Tatuquara, região onde alguns familiares tinham sido reassentados pela Cohab, ela retomou a guarda filhos. Mas as dificuldades da família se acentuaram novamente, em especial com a necessidade de pagar o aluguel e manter as demais despesas da casa. Assim, na época foi orientada a fazer um cadastro na Cohab, pois foi dito que se ela tivesse uma casa própria não correria o risco de perder novamente a guarda dos filhos. Assim, moraram por mais alguns meses nesse local até serem reassentados no bairro Santa Cândida.

Durante as conversas foi possível evidenciar que os laços afetivos da Laura eram mais relacionados com o antigo bairro Pinheirinho. Isso foi observado no momento em que foi acertado de irmos até o bairro onde morava antes do reassentamento, pois em nenhum momento falou sobre o Tatuquara. No entanto, no momento em que retornávamos, percebi que as narrativas de Laura sobre o bairro não se encaixavam no tempo e espaço em relação com o que já tínhamos conversado. Neste instante, ela e o irmão mais velho sugeriram que fossemos até o bairro Tatuquara, pois, ainda, segundo eles, era metade da tarde de domingo, cedo para voltarem para casa. Então, com muita segurança e conhecimento indicaram todo o trajeto até o Tatuquara, pois eu, pesquisadora, não sabia como chegar até lá. Assim, na sequência, será descrito a relação de Laura com os espaços do bairro atual e os dois de origem, suas narrativas e fotos tiradas em alguns momentos por mim e outros por ela.

4.2.2 Laura: infâncias “AQUI”: bairro Santa Cândida

Já fazia quase quatro anos que Laura e a família tinham sido reassentadas em um apartamento neste bairro. Inicialmente, Laura disse que não gostava de morar neste local e explicou: “porque é muito chato...é as vezes as crianças nem saem para fora para brincar e lá onde eu morava que era Piratininga [no Pinheirinho] saia um monte para fora para brincar que tinha parquinho, essas coisas”, e ainda comentou como ela e a família vieram a morar no conjunto habitacional:

por que minha [mãe] fez um cadastro... que ela queria... sempre ela trocava de casa porque minha vó não pára em lugar nenhum... daí onde que minha vó ia minha mãe tocava daí minha mãe... minha vó tá morando lá no Tatuquara daí não tinha casa lá pro Tatuquara daí minha mãe fez o cadastro pra vir pra cá daí a Cohab acabou tirando a casa destruindo a casa aonde que nós morava passando nós pra cá.

Laura explicou que ela e a família não queriam vir morar neste local, pois assim ficariam longe de seus familiares. No entanto, foi o que a Cohab disponibilizou: “é... a Cohab falou que era longe, Santa Cândida, daí até... eu até se entristeci... ai, até fiquei triste, daí quando eu vi um monte de criança, assim, daí eu falei que eu ia se adaptar aqui”. Em seguida, afirmou que já tinha se adaptado e que de vez em quando ia ao bairro Pinheirinho: “eu volto visitar minhas amiga, que

minha mãe tem... minha tia mora lá, daí minha mãe vai às vezes visitar ela, daí eu aproveito e vou na casa das minhas amigas dar um oi, dar um abraço”.

A primeira caminhada pelo bairro atual aconteceu em uma manhã de terça-feira. Laura mostrou, inicialmente (Figura 6), o parquinho infantil dentro do conjunto habitacional. Lá, ela e a colega Emili levavam os sobrinhos para brincar e, naturalmente, enquanto isso, aproveitavam para brincar também:

FIGURA 6 – PARQUINHO



FONTE: Autora (2018)

Vem eu e a Emili, daí ela traz o sobrinho dela e eu trago a ... minha sobrinha, daí a gente brinca ali no escorregador, nós coloca a Amanda, coloca o Carlos, daí a gente brinca um pouco também, enquanto isso eles tão brincando na areia, daí tem as vezes que tá um pouquinho sol daí a areia tá mais confortável, sabe, mais leve, daí eles ficam brincando na areia.

Em seguida, mostrou os dois locais de embarque e desembarque das crianças que utilizam o transporte escolar, com destino às duas escolas situadas no bairro e para outras duas que ficam em outros bairros. Esse transporte, conforme já mencionado, foi fornecido pela Prefeitura Municipal de Curitiba, após a mobilização de algumas mães. Laura e os dois irmãos dependiam deste transporte como estudantes. Ela também era responsável por levar e buscar o irmão mais novo, do local do conjunto habitacional até o ponto, diariamente: “eu só trago o Gabriel, daí eu fico esperando o ônibus, daí eu e minhas amigas ficam conversando, o Gabriel fica com os amigos dele, daí a gente se despede e ele vai pra escola”.

Outro espaço mostrado foi o campinho de futebol²⁰, que ficava do lado de fora do conjunto habitacional, local onde brincava e cuidava da sobrinha. Ao lado deste campo havia uma Igreja (Figura 7), que Laura gostava de frequentar alguns dias da semana (casa azul na figura abaixo), pois: “tem algumas igreja que só fica falando, e ali canta música, dá oportunidade pra cantar, tem várias coisa, tem escolinha, sei lá”.

FIGURA 7 – IGREJA E CAMPINHO



FONTE: Autora (2017).

Laura também falou sobre cultos que aconteciam dentro do próprio Conjunto Habitacional, feitos por uma Igreja que tinha sede em outro bairro: “a sede é uma perto do Cabral, lá perto do Cabral, daí tem o pastor que faz a igreja ali, todas as quintas, no salão de festas, daí ele vem buscar todas as segundas, terças, daí a gente vai”. Explicou que as crianças que participavam destes cultos eram transportadas em uma Kombi (que pertencia a uma churrascaria) até o bairro onde se localizava a igreja. Sobre sua participação nos cultos, comenta: “a gente ora, a gente vai pra escolinha, a gente louva... ai, tudo essas coisa”.

²⁰ O conjunto habitacional é composto por onze conjuntos habitacionais e após organização da comunidade, improvisaram dois campos de futebol. As crianças se referem ao “campinho”, o que fica na parte de cima dos conjuntos e “campo de baixo” o que está situado no meio dos conjuntos.

Uma questão observada no campo da pesquisa foi que as crianças não eram vistas portando aparelho de celular. Perguntei para a Laura se ela tinha celular e ela respondeu que sim, no entanto justificou que usava pouco, pois tinha muitas tarefas a fazer:

às vezes, porque eu tenho tarefa de casa, daí eu preciso estudar, daí eu ajudo minha irmã a cuidar dela, que não é fácil cuidar de criança, daí eu ajudo a cuidar dela, daí às vezes eu saio pra ir visitar minha vó, daí de vez em quando... porque tem minha tia também, que tem um casal, e daí tem um filho de um ano e 7 meses e a outra de 2 meses, daí ajudo a cuidar também.

Com relação aos cuidados das crianças menores cuidadas por crianças maiores, observou-se que são as meninas que desempenham esse papel e, com relação à organização da casa, o mesmo ocorre: “eu lavo a louça, eu limpo o chão, daí minha mãe limpa as estante, lava as parede, esfrega o chão, daí a gente divide... compartilha tudo, a gente divide tudo”. Explicou que ela e a mãe eram responsáveis pela organização do apartamento e o irmão mais novo às vezes tirava o lixo pra fora, sem, contudo, mencionar a participação do irmão mais velho. Quando perguntado se gostaria que os irmãos ajudassem mais na organização da casa, ela disse que não: “porque nós gosta de só ficar nós assim, daí eles sai pra fora, geralmente, ficam brincando, nós fica escutando música, daí a gente limpa, conversa”.

Em relação às compras, o mercado mais próximo ficava a aproximadamente 2 Km e, além deste, a família da Laura costumava fazer compras no Armazém da Família²¹, localizado em outro bairro próximo. Só iam ao mercado quando o Armazém da Família estava fechado, algumas vezes de ônibus e, na maioria das vezes, a pé. Nos dias de compra, quando cansavam, paravam para descansar no parque, inaugurado recentemente, que ficava próximo: “quando a gente vai no Toni comprar, daí a gente compra alguma coisa, daí a gente para, come ali, daí a gente vai embora”. Ao que parece o parque é apenas um lugar de passagem para a família da Laura. Outros lugares que costumavam frequentar eram: o parque Bacacheri, no bairro Bacacheri; a casa da avó materna e a casa de parentes, no bairro Tatuquara.

²¹ São unidades fixas de abastecimento instaladas em pontos estratégicos da periferia de Curitiba, bairros e em terminais de ônibus, onde é feita a comercialização de gêneros alimentícios e produtos de higiene e limpeza. Nestes locais, as mercadorias são vendidas a preços 30% mais baixos, em média, que o mercado formal.

4.2.3 Laura: infância “LÁ”: bairro Pinheirinho

Foi em uma tarde de domingo, mês de dezembro, dia ensolarado, que acompanhei Laura e seu irmão mais velho em uma visita até o bairro Pinheirinho, lugar onde nasceram e moraram quase toda sua infância. Nesse dia, tínhamos combinado com a mãe da Laura que ela, a Laura e o irmão mais novo me acompanhariam nesta visita. Enquanto íamos até o apartamento para encontrar a mãe, ela informou que o irmão mais novo não iria mais conosco, conforme combinado, pois a síndica havia convidado ele para um evento e que era o irmão mais velho que iria acompanhar o passeio.

Assim, nossa aventura começou no bairro Pinheirinho, como já mencionado, e terminou no Tatuquara. Durante o trajeto, o primeiro lugar que Laura mostrou, muito emocionada, foi a escola que havia estudado até próximo dos oito anos de idade.

Laura me levou até a lateral, pediu para eu subir em um tijolo para ver onde um dia a avó materna (Figura 9 do lado direito), a prima (Figura 8, do lado esquerdo) e vizinhos tiveram uma casa. As casas da avó, da prima e vizinha foram desmanchadas por ordem da Prefeitura, e as famílias foram reassentadas no bairro Tatuquara. Contudo, do outro lado da valeta ainda restavam alguns vizinhos morando no mesmo local.

FIGURA 8 – LOCAL ONDE FICAVA A CASA DA AVÓ/ PRIMA E VIZINHOS



FONTE: Autora (2017).

Era a casa da minha vó, a casa do senhor João, que ele mora até hoje, faz uns 10 anos que ele tá morando aqui ainda, daí tem a casa da minha prima, só que... daí a casa da minha vizinha, só que já foram tudo destruído. E aqui não tinha essas árvores, tem um monte de (casa) pra lá, daí tem um carreirinho já pra ir pros mercado (tudo)... (LAURA, 2017)

Em seguida, Laura tirou fotos do parquinho, das janelas da escola, do espaço coberto onde as crianças ficavam em dia de chuva. Observou mudanças no espaço; falou da quadra que não era coberta. Mostrou a creche ao lado e disse que ela e os irmãos pulavam o muro para brincar naquele espaço, também comentou que gostava de brincar embaixo das árvores que ficavam dentro do espaço da escola.

Na mesma rua da escola mostrou uma Igreja Católica e contou que frequentava aquele local apenas nos dias que serviam sopas “gostosas” para crianças da região. Em seguida, após andarmos por três quadras, Laura apressou os passos e apontou para o local em que um dia teve uma casa, (apresentada na Figura 10 do lado esquerdo) e falou: “tá vendo aquele monte de terra? Lá ficava a minha casa”, referindo-se à terceira casa que tinha morado, assim que nos aproximamos desse local, ela comentou:

Aqui na frente da minha casa, porque aqui já era minha casa, e aqui eu já brincava aqui na frente, ali aquele lugar eu não gostava muito porque a prefeitura podia tirar os mato e fazer uma coisa melhor pras criança, assim, e daí ali tinha um parque, só que não tem mais, ali, que daí a gente ia, brincava.

Laura apontou para a rua que fica de frente para a terceira casa e mostrou um terreno ao lado onde já teve um parque com escorregador, balança, banco para sentar e árvores. Falou dos prédios e das casas que não existiam e agora cercam este espaço. E mostrou um terreno na mesma rua onde morava e lembrou-se de casas e pessoas que ali moraram: “aqui, ó, também tinha um carreiro (no mato pra ir), como se dizia que as pessoas morava aí, no mato”, em “barracos”. Lembrou-se da rua que era fechada e não tinha asfalto e lá: “nós jogava futebol, basquete, vôlei, principalmente andar de bicicleta e roller” (esses espaços aparecem nas figuras abaixo).

FIGURA 9 – A) LOCAL DA TERCEIRA MORADIA; B) RUA DA TERCEIRA MORADIA VISTA DA ESQUERDA PARA DIREITA; RUA DA TERCEIRA MORADIA VISTA DA DIREITA PARA ESQUERDA E C) RUA DE FRENTE PARA A TERCEIRA MORADIA

A)



B)



FONTE: Autora (2017).

C)



D)



FONTE: Autora (2017).

Tanto nas imagens acima quanto nas lembranças relatadas por Laura, evidencia-se a chegada do sistema imobiliário nesta região (principalmente pelas imagens “c” e “d”). Dessa forma, o que era considerada área de risco para um grupo de pessoas que ali moravam agora já não parece ser mais para as pessoas que ocupam prédios e casas de classe média, neste lugar. Sobre esse lugar na

percepção de Laura: “agora tá tudo virado (...) porque, ó, tinha um parque pras criança brincar, agora não tem mais, a casa... a minha casa ficava... praticamente tá tudo destruído, ó, mato, lixo pra lá e pra cá, totalmente descuidados aqui”, e continua: “nesse mato tinha um monte de cavalo que as crianças podiam brincar”, apontando para o espaço onde já teve um parque infantil.

Indagada se ela e a família poderiam continuar morando naquele local, ela disse: “sim, mas só que daí minha mãe quis mudar a nossa vida pra melhor, né? Não queria mais morar em favela, que era muito tiro pra lá e pra cá, daí minha mãe tinha medo de pegar bala perdida na gente, tinha muita briga pra cá”. Nesse momento, sem que houvesse pergunta falou sobre ela e os irmãos terem sido abrigados no “conselho” por alguns meses. Disse que a mãe havia “feito” tudo o que pôde para tê-los novamente, e, assim, segundo ela, ficou muito feliz quando deu certo, mas explica que devido a essa situação perdeu dois anos de estudos.

Novamente mostrou o local onde era sua casa e disse: “era cheio de terra, alagava... alagava tudo, tudo aqui ó, daí acho que eles fizeram aquele morro pra água daqui não passar pra lá, que daí passava tudo, daí alagava tudo, principalmente a minha casa, né? Que alagava...”. Na continuidade do passeio, demos uma volta no quarteirão e Laura mostrou dois espaços que ela chamava de projeto. Sobre o primeiro comentou: “eu amava, amava esse projeto”, e explicou:

[...] daí como o projeto só é de tarde eu falei pra minha mãe que eu queria também, queria conhecer uma coisas nova, daí de tanto eu ficar insistindo ela, ela me colocou aqui quando passou pra de manhã, daí eu peguei e comecei a gostar, fiz novas amigas, novos amigos.

Já no outro projeto, falou que fazia aulas de dança e, assim como no primeiro, não precisava pagar para frequentar. Atualmente, o espaço do segundo projeto está fechado. Na mesma rua, ela mostrou uma panificadora na qual gostava de ir: “porque era... a mulher tinha uma filha assim que era muito legal, assim, daí a gente ficava conversando, nós comia doce, daí nós ia pra escola junta, era muito legal”. Próximo a esta panificadora havia um bar onde uma tia tinha trabalhado e disse que “não gostava muito de ir lá porque só tocava sertanejo e só ia véio, assim”.

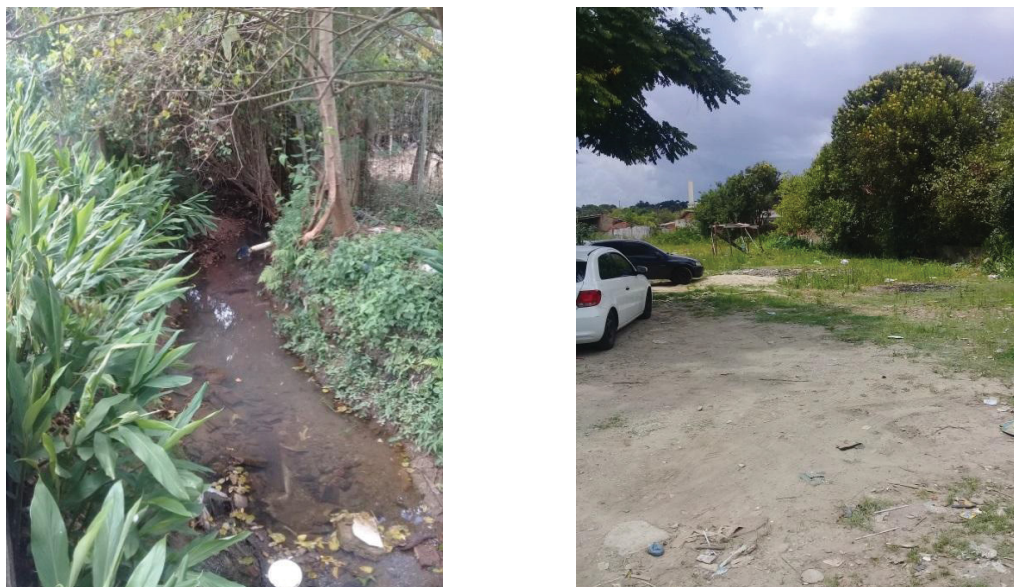
Esse bar ficava próximo à primeira casa onde tinha morado, isso foi descoberto no momento em que passamos próximo: “tem outra minha casa, na

verdade eu morava lá também e já morei pra cá também”, e sobre tal casa, comentou: “também nunca mais vim pra cá, agora não sei se ela tá levantada”. Explicou que tinham trocado de casa devido a problemas com vizinhos. Comentou que nessa casa geralmente brincava dentro do terreno, devido a brigas no bar que “lotava de veio o” e eles bebiam muito.

Bem próximo havia uma valeta e Laura comentou que não gostava, pois quando tinha cinco anos quase caiu dentro enquanto brincava de “cobra-cega”²² e complementou: “passei a odiar”. Em seguida, passamos em frente à segunda casa.

Em relação aos espaços mostrados, a Laura avaliou: “têm mais lugar que a gente gosta do que não gostava”, mostrou um terreno vazio onde brincavam de “casinha”, de “lojinha” e de “mercadinho”, “quando não tinha mato”. O espaço beirava uma “valeta” (Figura 10), onde, segundo ela, pegavam amorinha e brincavam de nadar e explicou como faziam isso: “nós fugia da minha mãe quando a minha mãe trabalhava”, junto com os amigos que já não moram mais no bairro. Na Figura 14, é possível ver esses espaços mencionados por Laura.

FIGURA 10 – ESPAÇOS DE BRINCADEIRAS



FONTE: Autora (2017).

²² Jogo também conhecido como cabra-cega e galinha-cega. Acredita-se que teve origem na china durante a Dinastia Zhou por volta do ano 500 a.C. Na Europa, a brincadeira é conhecida como colin maillard em homenagem a Colin, homem que em luta medieval ficou cego. Ver <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/mulher/mae-com-prosa/jogo-da-cabra-cega,a2cec14f1dd8a502efc6e826cfdc5d16vnicwiml.html>

Perguntei a ela e aos irmãos se achavam aquele lugar mais perigoso do que o lugar onde foram reassentados. Na opinião da Laura, sim: “porque dava muita briga, a gente via muito (carro) às vezes polícia, e aqui é uma favela, né? Lá não parece tanto”, enquanto para o irmão o lugar mais perigoso era onde tinham sido reassentados devido ao envolvimento de pessoas com “drogas”.

4.2.4 Laura e ainda a Infância “LÁ”: bairro Tatuquara

Foi no retorno da visita ao bairro Pinheirinho, conforme já mencionado, que percebi que ali não era o último lugar onde a Laura tinha morado antes do reassentamento. Então, ela e o irmão explicaram que o último lugar tinha sido no bairro Tatuquara e era lá que a irmã mais velha, mãe da sobrinha deles, morava com a avó materna, reassentada do bairro Pinheirinho para lá.

Era visível que os irmãos ficaram ansiosos com a possibilidade de irmos até o antigo bairro naquela mesma tarde. Disseram que gostariam de ver a avó materna e a irmã mais velha, assim, por sugestão deles, seguimos até o bairro Tatuquara. Novamente me guiaram, pois eu também não conhecia o caminho, para chegar àquele bairro. Assim que chegamos à casa da avó materna, os irmãos me apresentaram e foram conversar com os primos.

Nesse bairro, Laura e a família moraram em duas casas, sempre pagando aluguel. Sobre a primeira, Laura disse que gostava de brincar na rua em frente à casa, explicou que não tinha asfalto como hoje, já na segunda casa, ela e os irmãos só podiam brincar do lado de dentro do terreno.

A escola na qual havia estudado ficava a poucas quadras das duas casas que tinha morado e a casa da avó materna ficava a menos de 30 metros da escola. Laura não demonstrou muito apego aos espaços mostrados, nem mesmo pela praça pública, a não ser pela casa da avó materna e pela rua em frente à casa, onde podia brincar.

A partir dessas narrativas, e para além dos dados quantitativos, aqui se pretende qualificar alguns elementos a partir de visitas aos bairros do “AQUI” e “LÁ” de Laura. Diferente dos dados quantitativos, o bairro Tatuquara era o local onde a rede familiar da Laura era marcada pelo reencontro com a avó materna, a irmã mais

velha, os primos e os tios, separados pelos reassentamentos. Outra situação favorável para a Laura era o fato de ter a escola mais próxima de onde morava.

Na questão de acesso a práticas culturais consolidadas na cidade, Laura sofre restrições desde que nasceu, visto que morou em bairros onde não existem tais espaços de cultura e de lazer (teatro, cinema, museu, parques). A infância de Laura é influenciada pelas redes de poder que se estabelecem nas figuras da Cohab e da prefeitura. Em relação às relações de poder, conforme Elias (1994) “o equilíbrio de poder não se encontra unicamente na grande arena das relações entre os estados [...] constitui um elemento integral de todas as relações humanas.” (ELIAS, 1994, p.80).

Outra forma de poder pode ser evidenciada a partir das fotos do bairro Pinheirinho. Lá está havendo uma transformação do espaço pelo sistema imobiliário, com novas construções de prédios e casas para a classe média. Com isso, pessoas pobres foram coagidas e retiradas de áreas ditas “irregulares” e “áreas de risco”, para bairros na periferia. Sobre essa questão da habitação e posse imobiliária, Rolnik (2015, p. 13) afirma que “configuram uma das mais novas e poderosas fronteiras de expansão do capital financeiro”. Nesse sentido, para quem não tem posses, como no caso da família de Laura e outras que foram retiradas desta região, percebe-se que há uma possível configuração de moradias nas periferias para pobres, como única possibilidade.

No período em que Laura morou no Pinheirinho, houve um tempo de infância tecido por brincadeiras em espaços que foram, por ela e outras crianças, ressignificados. Entravam, em “valetas” para nadar, brincavam na rua e em terrenos vazios. Sobre essas culturas da infância, Sarmiento comenta que elas “transportam as marcas dos tempos, experimentam a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade.” (SARMENTO, 2002, p. 04).

No Pinheirinho, a igreja era lugar de encontro e de “sopa gostosa” e, em um determinado período, para se chegar à escola bastava pular o muro. Já os dois projetos sociais dos quais participava, parece que tiveram um papel importante na ampliação de rede de cultura e lazer naquele momento de sua infância. Mas, em relação aos projetos e ONGs (Organizações não Governamentais), Fiorese (2018) alerta que, apesar de estes espaços promoverem atividades significativas, ainda “compreendem a criança a partir de um imaginário do que ela se tornará no futuro [...] e não a compreende dentro do presente, dentro de sua geração, ou seja, não

veem a criança por ela mesma.” (FIORESE, 2018, p. 90). Assim, muitas das atividades são propostas a partir de uma justificativa assistencialista, de um discurso de que é para que a criança não vire um “ladrão”, um “drogado”, ou para que tenha “um futuro melhor” etc.

Os conjuntos habitacionais construídos no bairro Santa Cândida representam bem o “lugar de/para criança pobre”, longe do centro da cidade com pouca ou nenhuma estrutura, onde escola, creche e espaços de cultura e lazer não foram pensados nas relações sociais das crianças e no tempo de suas infâncias. Essas questões configuram-se como uma negação de direitos sociais e culturais para as crianças que foram reassentadas.

De forma geral, é possível afirmar que os bairros por onde Laura passou trazem muitas restrições para a criança. Como no caso do bairro Pinheirinho, que apesar dos dados quantitativos demonstrarem índices melhores de qualidade de vida, na prática, para a Laura, menina pobre, há uma ordem invisível de desigualdade no uso dos espaços.

Na figura a seguir, é possível verificar as praças que Laura tinha acesso nos bairros onde morou. Tanto no Tatuquara quanto no Santa Cândida ficam em espaços menores e com menos equipamentos, diferente do Pinheirinho com mais equipamento e lugar mais amplo.

FIGURA 11 – ESPAÇOS DE LAZER DO “AQUI” E DO “LÁ” DE LAURA – A) RIO DAS VÁRZEAS – BAIRRO SANTA CÂNDIDA B) PRAÇA – BAIRRO TATUQUARA – C) PRAÇA – BAIRRO PINHEIRINHO

A)



FONTE: Autora (2017).

B)



FONTE: Autora e criança (2017).

C)



FONTE: Autora e criança (2017).



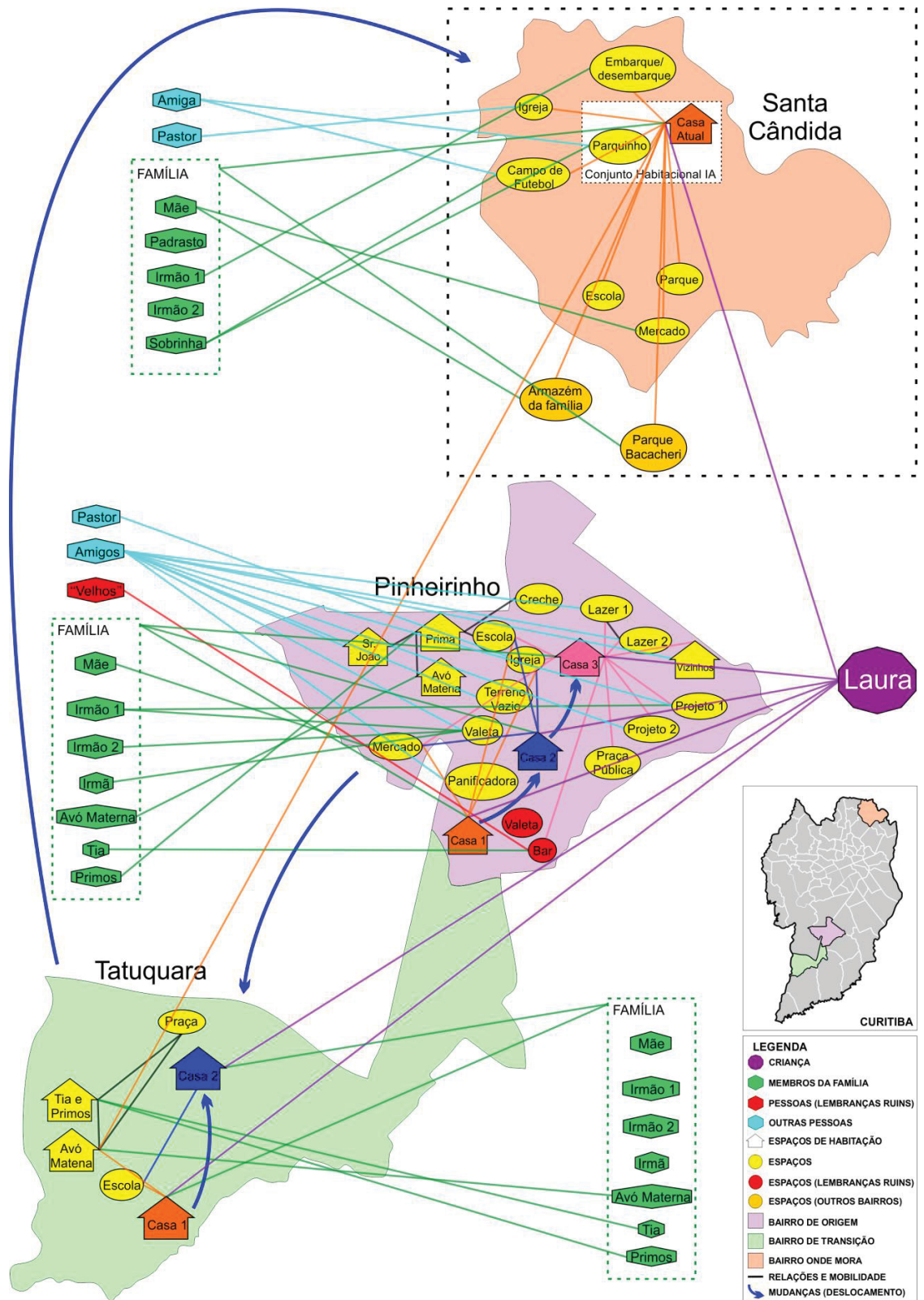
FONTE: Autora e criança (2017).

Na sequência, na Figura 12 é possível observar uma síntese dos espaços frequentados e das relações sociais dos bairros “AQUI” e “LÁ” de Laura.

- a) No bairro Pinheirinho as redes de relações da família ampliada e espaços de socialização eram mais amplas, tensão na rede/perda da guarda dos filhos, Cohab/prefeitura/ordem para derrubar a casa.
- b) No bairro Santa Cândida há uma redução de espaços de brincadeiras e dos membros da família ampliada. A Igreja assume um novo valor. A configuração da Infância da menina é permeada por questões de gênero (menina e trabalho infantil doméstico e cuidado de crianças menores).

- c) No bairro Tatuquara há um desequilíbrio na rede da família ampliada, são separados pelo reassentamento (avó e primos reassentados) e espaços de brincadeiras eram ainda mais restritos.

FIGURA 12 – SÍNTESE DOS ESPAÇOS FREQUENTADOS E RELAÇÕES SOCIAIS DE LAURA



Fonte: A autora (2019) Elaboração: Daniel Basílio (2019).

4.3 ALGUNS DADOS SOBRE A COMPOSIÇÃO DAS REDES DE INTERDEPENDENCIA DOS IRMÃOS INGRID, MARIANA E GUINHO

Com os irmãos Ingrid, Mariana e Guinho, também foram realizadas visitas ao bairro de origem, Bairro Alto, o que se tem chamado de “INFÂNCIAS LÁ”, e bairro atual de moradia, Santa Cândida, aqui chamado de “INFÂNCIAS AQUI”. Com relação aos dados desses bairros, na Tabela 5 é possível verificar que o mais populoso era o Bairro Alto, local onde nasceram e também o bairro que apresentava a maior taxa de homicídios. Já o bairro Santa Cândida, era o que apresentava a maior taxa de déficit habitacional em relação ao Bairro Alto.

TABELA 5 – POPULAÇÃO, HABITAÇÃO E HOMICÍDIOS DOS BAIRROS DO “AQUI” E “LÁ” DOS IRMÃOS INGRID, MARIANA E GUINHO

		Populaçã o	Unidades de domicílios	Déficit habitacional	População dependente (0 a 14 anos)	Homicídios por 100.000
	Curitiba	1.751.907	635.631	5,34%	349.960	42,81
“AQUI”	Santa Cândida	32.808	11.343	7,76%	6.928	21,34
“LÁ”	Bairro Alto	46.106	16.043	5,19%	9.402	23,86

FONTE: IPPUC/IBGE CENSO DEMOGRÁFICO, 2010.

Ainda sobre os dados dos bairros onde os irmãos moraram, na Tabela 6 é possível observar que no Bairro Alto há uma porcentagem maior de estabelecimentos ativos nos setores de indústria e comércio em relação ao total da população deste bairro. Já com relação ao valor do rendimento mensal mediano por domicílio, ele é maior no Bairro Alto, com o valor se aproximando mais da média do município.

TABELA 6 – ESTABELECIMENTOS DE INDÚSTRIA/COMÉRCIO E RENDIMENTO MENSAL MEDIANO DO “AQUI” E DO “LÁ” DOS IRMÃOS INGRID, MARIANA E GUINHO

		% de estabelecimentos ativos - indústria em relação ao total de população	% de estabelecimentos ativos - comércio em relação ao total de população	Valor rendimento mensal mediano por domicílio
	Curitiba	0,73%	0,21%	2.300
“AQUI”	Santa Cândida	0,92%	2,45%	2.000
“LÁ”	Bairro Alto	0,96%	3,37%	2.200

FONTE: IPPUC/IBGE CENSO DEMOGRÁFICO, 2010/SME – Cadastro de lib. De alvarás e Ag. Curitiba – 2011.

Já em relação à questão habitacional, conforme dados do IPPUC expressos a seguir, na Tabela 7, observa-se que aumentou o número de áreas ocupadas irregularmente no Bairro Alto no período entre 2005 a 2010, enquanto no bairro Santa Cândida, no mesmo período, manteve o mesmo número. No bairro Santa Cândida, há um número maior de pessoas vivendo em áreas de ocupação irregular em relação ao Bairro Alto.

TABELA 7 – ÁREAS DE OCUPAÇÃO IRREGULAR 2005/2010 DOS BAIRROS DO “AQUI” E DO “LÁ” DOS IRMÃOS INGRID, MARIANA E GUINHO

Cidade/bairros		Áreas de ocupação irregular 2005			Áreas de ocupação irregular 2010		
		População	Nº de unidade s	Nº de ocupações	Nº de ocupações	Nº de unidade s	População
Curitiba		239.728	62.267	341	381	-	-
“AQUI”	Santa Cândida	3.611	938	25	25	-	-
“LÁ”	Bairro Alto	266	69	3	5	-	-

FONTE: COHAB e IPPUC, 2005/2010.

Sendo assim, a construção dos onze conjuntos habitacionais pode ter relação tanto com o fato da falta de moradias quanto pela forma de conter as ocupações em outras partes nobres da cidade. O Bairro Alto, pelos números, parece

ser um bairro com moradores de classe média e alta, que não combinaria com a pobreza. Isso pode ser justificado por três questões específicas: o rendimento mediano mensal por domicílio ser mais alto, pelo menor número de ocupações e pela quantidade maior de indústrias e comércio. Essas situações podem culminar tanto na valorização do bairro quanto na indicação de que “ali não é lugar de pobre”. Nesse sentido, parece que o bairro Santa Cândida é o “novo” lugar para se colocar a pobreza.

Com relação aos espaços de lazer e cultura, na Tabela 8, os números indicam que no Bairro Alto há um número maior de praças, mas em ambos não há parques. Já em relação a espaços de cultura, nos bairros do “AQUI” e “LÁ” dos irmãos, em nenhum deles há teatro, museu e cinema.

TABELA 8 – ÁREAS VERDES PARQUES E PRAÇAS DO “AQUI” E DO “LÁ” DOS IRMÃOS INGRID, MARIANA E GUINHO

		Parques	Praças	Teatro	Museu	Cinema
“AQUI”	Curitiba	22	352	45	31	14
	Santa Cândida	-	6	0	0	0
	Bairro alto	-	7	0	0	0
“LÁ”						

FONTE: SMMA/PARQUES E PRAÇAS, 2012 e IPPUC BANCO DE DADOS.

A partir da contextualização dos dados numéricos dos bairros do “AQUI” e “LÁ” dos irmãos Ingrid, Mariana e Guinho, é possível considerar que o bairro com maior qualidade de vida para as crianças é o Bairro Alto. Tanto pelo valor mediano do salário por domicílio ser mais alto quanto pelo maior número de comércio e de praças, que podem favorecer uma rede social mais ampla para as crianças.

Já o bairro Santa Cândida é o bairro que oferece menos qualidade de vida, mesmo apresentando uma taxa menor de casos de homicídios, pois além de ter um número maior de déficit habitacional é o que tem mais pessoas vivendo em ocupações em áreas irregulares. Outra situação é que neste local há um número restrito de comércios que, para além da situação econômica, pode fazer com que as crianças utilizem menos o bairro. Mas, vamos ver na sequência se os dados qualitativos revelam dados mais expressivos sobre a vida cotidiana dos irmãos.

4.3.1 Gostavam de brincar de escorregar no gramado com papelão

Os irmãos Ingrid 11 anos, Guinho 9 anos e Mariana 7 anos nasceram no Bairro Alto, e nesse local moraram até serem reassentados no bairro Santa Cândida. A avó materna contou que tinha mais de quarenta anos que moravam no Bairro Alto, desde que ela e o falecido marido chegaram de outra cidade para trabalhar e ali construíram uma casa em um terreno que pertencia à prefeitura de Curitiba, na divisa com o Município de Pinhais, na beira do Rio Atuba. Assim como eles, outras famílias que moravam naquele local não possuíam a escritura dos imóveis. Conforme a avó das crianças, diversas famílias foram retiradas das proximidades de onde morava e reassentadas em dois lugares diferentes do bairro Santa Cândida, inclusive duas filhas, netos e genros.

A avó explicou que, após se casarem, as filhas passaram a ter dificuldade com o pagamento de aluguel. Assim, ela e o marido ajudaram na construção de uma casa nos fundos e outra na parte da frente do próprio terreno. No entanto, após visita de uma funcionária da Cohab foram comunicados que não poderiam ter construído a casa na parte da frente do terreno e desta forma as filhas foram orientadas a fazer um cadastro de inscrição na Cohab. Para receberem as chaves dos apartamentos no conjunto Habitacional, foram orientadas a desmanchar as próprias casas e caso não o fizessem, funcionários da prefeitura fariam isso.

Naquele momento da pesquisa, a avó tinha optado pelo pagamento de aluguel em um dos conjuntos habitacionais, onde as filhas e netos tinham sido reassentados, em função de problemas com outros dois filhos e um neto envolvido com drogas. Esses tinham reconstruído a casa da frente para morar enquanto a casa que era dela estava abandonada.

Em relação aos conjuntos habitacionais, a avó das crianças comentou que vários apartamentos estavam fechados por diferentes motivos tais como: pessoas que não se acostumaram com o local, dificuldade para pagar o condomínio e as prestações, bem como pessoas que se envolveram com traficantes. Ela se queixou de, naquele momento, não poder cuidar da casa que tinha morado por quarenta anos. O que se percebe é que tanto no Bairro Alto quanto no Santa Cândida as crianças e familiares tinham proximidade com pessoas envolvidas com drogas.

Ainda falando do conjunto habitacional atual, os irmãos, por exemplo, relataram situações de espaços e brincadeiras, Guinho gostava de brincar no campo

de futebol enquanto Mariana gostava de brincar no campo e no parquinho dentro do conjunto. A brincadeira predileta da Mariana era brincar de balanço, mas como não tinha ela improvisava e se balançava na rede da trave:

Pesquisadora: E onde que tem balanço aqui?

Mariana: Não tem.

Pesquisadora: Não tem? E onde que você brinca de balanço?

Mariana: Eu faço balanço ali na rede.

A brincadeira predileta do Guinho era jogar futebol e, devido a isso, passava mais tempo no campo de futebol e, assim, foi uma das crianças que mais participou desta pesquisa. Mariana gostava de morar no conjunto e disse que ficava feliz quando as crianças brincavam de jogar bola e outras brincadeiras no campinho. Sobre as brincadeiras no Bairro Alto, lá Guinho também gostava de jogar futebol enquanto a Mariana disse: “quando eu morava no Bairro Alto eu era pequena” e “brincava das minhas boneca”.

Ao explicarem porque foram morar no conjunto habitacional, Mariana e Guinho comentaram:

Mariana: Porque tinha muito... que tinha uns menino que usava droga.

Pesquisadora: Ah... eles usavam droga onde?

Mariana: Perto da minha casa.

(...)

Guinho: Por que nós morava... na mesma casa... é... nós morava no quintal da casa da minha avó.

Mariana, apesar de se interessar em participar da pesquisa desde o início, por vários dias só observava de longe enquanto brincava no campo com crianças de idades próximas à dela e aos poucos foi se aproximando. Em uma das conversas ela falou que sentia saudades do antigo bairro e que tinha pedido para que a mãe a levasse até lá:

eu (pedi) pra minha mãe: ‘-Mãe, vamos lá no Bairro Alto?’ Daí ela disse: ‘Não!’ Depois eu disse: - ‘Só passar lá!’ Depois quando a minha mãe passou lá o meu tio falou: ‘-Me dá dinheiro pra comprar cigarro?’ Depois a minha mãe, [disse] não tem, depois a minha [avó] falou: ‘-Vamo embora.’

Mariana e Guinho estudavam na escola integral mais próxima dos conjuntos e também dependiam do transporte do município até essa instituição. A esse transporte Mariana se referia como “ônibus de viagem”. Sobre a igreja que frequentavam no antigo bairro, Mariana disse que era bonita e gostava de ir até lá,

também comentou sobre a situação do falecimento de um irmão ainda bebê e do desejo de morar em um lugar onde não tivesse “drogas”:

Mariana: Quando eu era... eu tinha um irmãozinho que era bebezinho e ele morreu, daí a minha mãe foi lá no... lá na igreja o pastor diz assim, ‘tomara que esse nenê nasce de novo senão, se não voltar, todo (mundo) vai voltar pela igreja’. Depois a minha mãe teve um nenê.

Pesquisadora: E o quê que você fazia lá na igreja?

Mariana: Eu cantava musiquinha, e tinha o cantinho da senhorinha que a minha mãe pediu a Deus pra morar num apartamento que nunca tinha droga lá. E não tem droga aqui.

E quando conversamos sobre outras atividades, ficou nítido o quanto, tão pequena, Mariana já tem responsabilidades com a casa. E, mesmo de forma velada, demonstra que o irmão mais novo não colabora nesta organização:

Mariana: Eu lavo a louça, eu limpo a casa, eu limpo o meu quarto e eu arrumo a cama da minha mãe e do meu pai.

Pesquisadora: E o Guinho ajuda também?

Mariana: Não, ele não faz nenhuma bagunça, só eu e a minha irmã e o amigo dele, Wagner, ele só fica lá na sala assistindo.

Guinho afirmou que gostava de morar no conjunto porque “tem o campinho na frente da minha casa, minha mãe pode me olhar” e, além de jogar bola, também podia brincar de “esconde-esconde e pega-pega” na rua em frente ao conjunto. Em relação ao antigo bairro, comentou que brincava na praça que tinha próximo da antiga residência.

Naquele momento se queixou que não podia brincar dentro do conjunto, pois “minha mãe não me olha... não pode me olhar”. Com isso, ele quis dizer que após uma situação em que estava jogando futebol e acabou quebrando o vidro do salão de eventos e a mãe teve que pagar pelo prejuízo, ele foi proibido por ela de brincar nas dependências internas com a bola. Outras questões trazidas pela mãe das crianças foram o aumento de pessoas envolvidas com drogas e brigas nos conjuntos e, por isso, se preocupa e não deixa que brinquem onde não possa vê-los.

Após vários dias de conversa, fiquei sabendo por meio de Guinho que ele tinha mais uma irmã, Ingrid, que tinha 11 anos e morava com a avó materna em outro conjunto próximo. Ela não costumava frequentar o campo de futebol nos dias em que eu estava lá. Foi durante um final de tarde, quando nos encontramos pela primeira vez no campo de futebol, que ela também se interessou em participar da pesquisa e explicou porque estava morando com a avó materna.

Pesquisadora: E por quê que você mora com a tua vó?
 Ingrid: Porque senão ela vai ficar sozinha e eu também gosto bastante dela, muito.
 Pesquisadora: E a tua vó morava com quem antes?
 Ingrid: Com os meus dois tios.
 Pesquisadora: Agora...
 Ingrid: Mora só comigo.
 Pesquisadora: E os tios onde estão?
 Ingrid: Na antiga casa dela.

Com relação aos espaços e brincadeiras, Ingrid explicou que costuma brincar dentro do conjunto onde mora com a avó materna e que “às vezes, final de semana venho pra cá brincar aqui com os meus irmãos, ficar na casa da minha mãe”. Já em relação a brincadeiras no antigo bairro, ela comentou que costumava ficar mais em casa, no entanto, também brincava: “de bicicleta, ou eu brincava de pega-pega, esconde-esconde”.

Ao explicar o motivo da mudança de bairro, comentou: “Porque a gente morava no quintal da minha vó e era duas casas, uma da minha tia que era atrás, no quintal dos fundos, e a da minha mãe na frente, mas antes disso a gente morava numa casa de aluguel”. Também explicou que no antigo bairro era melhor para brincar, pois lá “eu brincava num campo, que era na frente da casa da minha tia, que tinha um campo gigante, daí tinha uma grama, daí tinha o parquinho, que tinha escorregador, gangorra e um negócio que você fica subindo”.

Ingrid também comentou sobre a Igreja Católica que frequentava com a tia no antigo bairro e outra “lá no centro na Perpétuo Socorro, com a minha tia e com uma vó minha que é mãe do meu pai”. Explicou porque gostava de ir à igreja: “porque eu me sinto mais em paz”.

Na organização da casa, ela costumava ajudar a avó “lavando a louça, arrumando a casa, varrendo, passando o pano no chão, limpando o banheiro, arrumando a cama, o quarto, os quartos, guarda-roupa”. Com relação a outros lugares que costumava brincar no bairro, Ingrid comentou: “eu costumo brincar além daqui no campinho, no conjunto da minha vó, no conjunto da minha mãe, na rua e às vezes a gente vai no parque perto do Toni”.

Na sequência, descrevo as caminhadas pelo bairro atual, “INFÂNCIAS AQUI”, em que cada uma das crianças me acompanhou individualmente. A dinâmica foi diferente da visita ao antigo bairro, “INFÂNCIAS LÁ”, onde fizemos o percurso juntos, os três irmãos e eu.

4.3.2 Ingrid Infância “AQUI”: bairro Santa Cândida

Ingrid, de 11 anos, foi a primeira entre os irmãos que percorreu o bairro comigo. Foi em uma manhã do mês de março, pois assim não comprometeria o período em que frequentava a escola. Ela começou mostrando alguns espaços internos do conjunto onde morava com a avó, mostrou que ali não tinha parquinho, diferente de onde os irmãos moravam, e que gostava de brincar de girar em um corrimão com outras crianças. Ali brincavam “de mãe-altura, daí a gente senta no ferro pra ninguém pegar” e de correr e jogar futebol, atrás do salão de eventos.

FIGURA 13 – ESPAÇOS E BRINCADEIRAS



FONTE: Autora (2017).

Em seguida, ao sairmos do conjunto, ela mostrou outro campo de futebol, que era chamado de “campo de baixo”, disse que não gostava daquele local, pois além de muitos cachorros, “tem muito marmanjo” e explicou que achava que eles eram ruins “porque quando a gente vai brincar ali eles expulsa a gente e fica chutando”. O campo ao qual ela se referia era frequentado por meninos mais velhos, situação diferente dos que frequentavam o “campinho de cima”.

Na sequência, mostrou o “campinho de cima”, em frente ao local onde os irmãos moravam e o irmão Guinho brincava com frequência. Comentou que gostava daquele local:

porque é mais perto da casa da minha mãe, daí eu brinco com a minha irmã, a gente brinca de fazer bolha e os piá não são... não expulsa a gente, eles fala pra gente ou brincar num cantinho, pra não ficar no meio pra eles não machucar a gente.

Comentou que algumas meninas jogavam futebol neste campinho e que ela jogava pouco. Falou de outras crianças moradoras de outros conjuntos que vinham brincar ali: “é... tem uns que mora lá embaixo, que daí vem pra fazer competição com os daqui de cima do conjunto da minha mãe”. Já em relação ao parquinho interno do conjunto onde os irmãos moravam, ela disse: “não tem nada, é chato”.

Em seguida, ela explicou que a avó paterna também morava no mesmo bairro, perto do parque que ficava próximo ao mercado mais próximo do conjunto. Contou que achava mais ou menos longe e cansativo ir ao mercado e que às vezes enquanto voltavam, paravam para descansar no parque. No terreno ao lado deste parque a Ingrid mostrou uma balança feita de corda e um pedaço de madeira que, segundo ela, foi por acaso que ela e a irmã descobriram.

Em seguida, falou que gostaria de mostrar o Parque Bacacheri, mas era longe para ir até lá, pois ficava em outro bairro. Disse também que ela e a família gostavam de frequentar “[...] a gente vamos sempre, quase... antes era quase todo final de semana”, mas que naquele momento já não iam tanto.

Enquanto mostrava a Escola Estadual onde naquele momento estudava e que ficava a uma distância de 2,5 km de sua moradia, comentou que gostaria de ter estudado em outra escola, na qual algumas crianças moradoras do conjunto foram matriculadas, que ficava próxima ao centro da cidade. No entanto, apesar da tentativa da mãe em matriculá-la, ela acreditava que não tinha conseguido, devido a uma situação de preconceito:

Ingrid: Porque a minha mãe conversou com a diretora pelo telefone, daí a diretora disse que tinha vaga, só que daí minha mãe chegou lá na secretaria, a mulher da secretaria viu as mancha de vitiligo na mão dela e disse que lá não tinha mais vaga pra mim.

Pesquisadora: Você acha que foi por isso?

Ingrid: Aham.

Desta forma, no momento de início do reassentamento, ela foi matriculada na escola municipal mais próxima do conjunto habitacional, de período integral, mas que também ficava longe de onde morava. A mãe era quem a levava de carro junto com outras crianças.

Pesquisadora: E as crianças que os pais não tinham carro, como é que elas faziam?

Ingrid: De a pé.

Pesquisadora: E com quem que elas vinham?

Ingrid: Tinha umas que vinha sozinha, outras vinha com os pais, mas a lara, o Luan e mais a Kátia, minha mãe levava eles junto.

Pesquisadora: Você acha que o trajeto é longe ou perto pra eles andarem?

Ingrid: Longe.

4.3.3 Guinho Infância “AQUI”: bairro Santa Cândida

Depois de Ingrid, foi a vez de Guinho, de 9 anos, mostrar os espaços do bairro que costuma frequentar. Isso aconteceu no mesmo dia da Ingrid, porém ao final da tarde, depois do horário de aula, pois estudava em período integral. Naquele dia, antes de caminharmos, tive de esperar pois ele estava ajudando o pai na instalação de uma antena para um vizinho. Guinho estava empolgado para andarmos pelo bairro, iniciou a conversa com críticas, dizendo que não gostava de brincar nos espaços internos do conjunto, pois “ah, qualquer coisa, nós leva multa” e explicou como isso acontecia: “é... se nós gritar, se nós correr, nós jogar bola dentro”. Conforme já mencionado, ele foi advertido pela síndica e pelos pais quando estava brincando de futebol e acabou quebrando o vidro de uma janela.

Naquele momento, Guinho comentou sobre a troca de síndico e estava empolgado com um dos projetos proposto por ele: “é, daí aqui ele vai fazer um parquinho e um campo de grama sintética, ele vai fechar de grade, daí nós vai poder brincar lá”, mas enquanto isso ele e os amigos só podiam jogar bola no “campinho de fora”. Ainda em relação ao “campo de baixo”, ele comenta: “minha mãe não consegue ver eu” e completou: “é que eu só posso jogar bola onde que ela pode me ver”.

Guinho falou que, além dos espaços internos do conjunto e do campinho, tinha muitas coisas que gostaria de mostrar. Na sequência me guiou até a casa da avó paterna e sorrindo falou que gostava de ir lá para “comer pão com pasta de amendoim” e que lá também sempre tinha doce de leite. Passamos em frente ao mercado que a irmã já havia mostrado e ele falou que não podia ir sozinho, pois além de ser longe “é que daí eu não sei as coisa pra comprar”.

Contou que tinha uma pastelaria na rua do conjunto e às vezes ia lá com a família. Também falou sobre um mercadinho que tinha dentro de um dos apartamentos do conjunto e lá vendiam doces, refrigerantes além de outras coisas e que a mãe comprava cigarro neste local. Ele já tinha, em outro momento, mostrado um cartaz com propaganda deste estabelecimento que, ao que parece, é um tipo de comércio “ilegal”, mas que acaba facilitando a vida dos moradores, por não terem outra opção mais próxima, conforme pode ser visto na figura a seguir.

FIGURA 14 – MINI DISTRIBUIDORA



FONTE: Autora (2018)

Ao passarmos em frente à Unidade de Saúde, ele mencionou já ter frequentado aquele local e que lá as crianças podiam desenhar em folhas aguardando atendimento. Já em relação ao parque que fica próximo à casa da avó materna, conforme já mencionado pela irmã, gostava quando a avó e os pais o levam até lá para jogar bola, apesar de não ter espaço apropriado para isso. Assim como a irmã, ele quis mostrar o local onde tinha a balança, conforme figura a seguir.

FIGURA 15 - GUINHO SE BALANÇANDO



FONTE: Autora (2018)

Pesquisadora: (...) Onde nós estamos indo?

Guinho: É... brincar na balança.

Pesquisadora: Ah, e se eu te falar que eu já brinquei nessa balança?

Guinho: Já balançou lá?

Pesquisadora: Já! Adivinha com quem que eu balancei aí?

Guinho: Com a Ingrid.

Durante todo o trajeto, Guinho não largou a bola. Comentou que ganhava dinheiro quando ajudava o pai a concertar antenas e sempre guardava para comprar bola. Explicou que o pai trabalhava em uma loja de calçados e não estava trabalhando naquele dia, pois tinha que aguardar para ser chamado.

Guinho: Ele trabalha de free.

Pesquisadora: Do quê?

Guinho: De free.

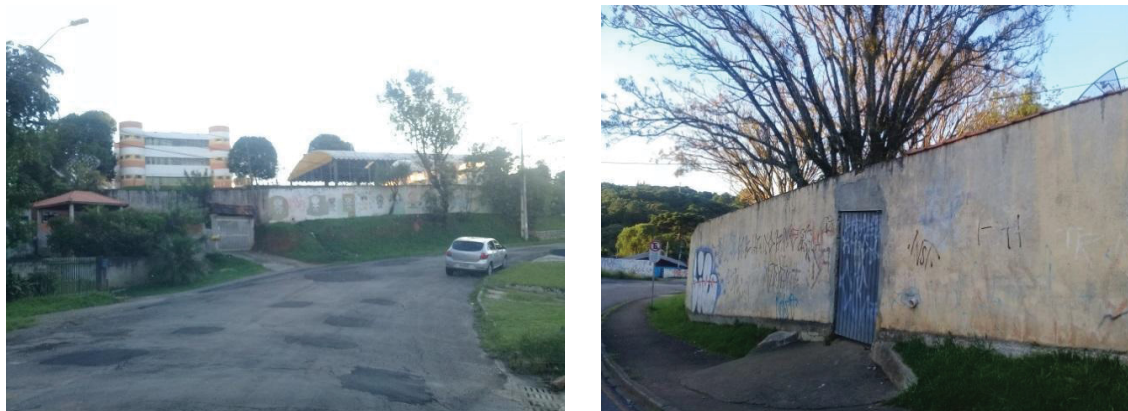
Pesquisadora: O quê que é free?

Guinho: Trabalha de só sábado e domingo.

Em seguida, levou-me até alguns pontos comerciais. Uma farmácia onde costumava ir com a avó paterna, o mercado mais próximo, um ponto de vendas de sorvete e também uma papelaria e lan house, onde ele e os pais iam para “mexer nos computador”. Esses comércios ficavam bem próximos uns dos outros, mas a

uma distância de mais de 2km de onde morava. Mostrou a escola onde estudava e comentou que não gostava muito de estudar, pediu para tirar foto e, enquanto isso, falou que gostava de jogar futebol durante o recreio.

FIGURA 16 – CAMINHO DA ESCOLA - PORTÃO DE ENTRADA DA ESCOLA



FONTE: Guinho (2018)

4.3.4 Mariana Infância “AQUI”: bairro Santa Cândida

Mariana, 7 anos, mais nova dos três, foi à última a mostrar os espaços do bairro, o que aconteceu ao final de uma tarde de março, depois que chegou da escola. Iniciamos subindo um morro ao lado do campo de futebol e de lá foi possível ver, de outra perspectiva, o campinho de futebol, conforme figura a seguir. Nesse lugar ela contou que gostava de brincar de se esconder com outras crianças.

FIGURA 17 – CAMPINHO DE FUTEBOL VISTO DE CIMA



FONTE: Autora (2018).

Já no campo de futebol, Mariana disse que preferia ficar no cantinho, pois tinha medo que chutassem a bola nela. Nesse cantinho, gostava de levar brinquedos e brincar de castelinho. Em alguns momentos, foi vista brincando sozinha atrás da trave e, em outros, usava a rede da trave como balança e subia nos morros de terra ao lado do campinho com crianças que pareciam ter idade mais próxima a dela.

Sobre outros lugares onde brincava, assim como o irmão, comentou: “às vezes no parquinho, que a minha mãe não deixa eu brincar muito no parquinho, porque ela tem que olhar daqui da frente, porque o campinho é no olhar dela...”. O parquinho ficava dentro do conjunto, o mesmo que o irmão não gostava de brincar. Outro lugar que comentou foi no conjunto próximo onde morava a irmã mais velha com a avó materna: “eu brinco lá na casa da minha vó, que é lá naquele apartamento lá, eu brinco com as pessoas, que às vezes ela sai pra fora, daí às vezes eu [fico] lá brincando...”.

Nos finais de semana, assim como os irmãos, costumava ir à casa da avó paterna, no parque que ficava próximo e no Parque Bacacheri, porque lá tinha parquinho com escorregador e balança. Mariana mostrou onde gostava de brincar de “Caça ao tesouro”. Ao explicar como funcionava a brincadeira, falou que o tesouro era algo achado, e no caso dela, uma vez achou uma pedra colorida e associou a um filme ao qual tinha assistido e assim podia fazer um pedido:

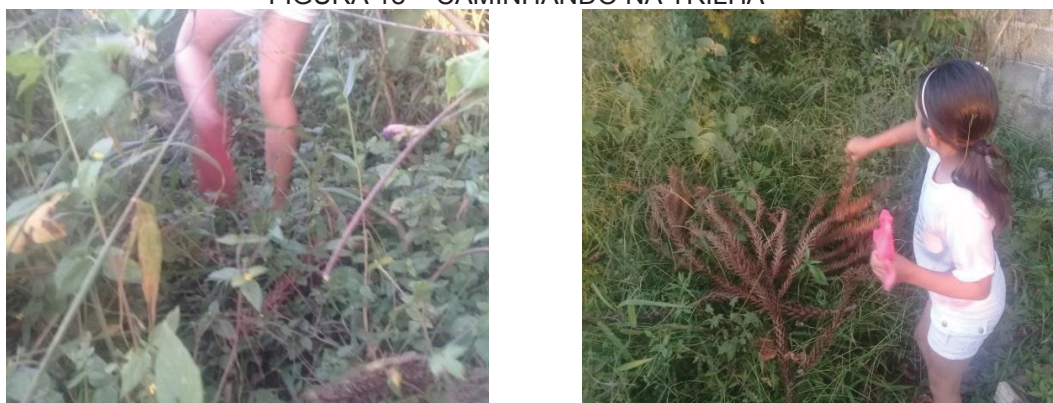
Pesquisadora: Que pedido você fez?
 Mariana: Eu fiz de que eu podia ser rica.
 Pesquisadora: Por que você gostaria de ser rica?
 Mariana: É porque eu não gosto de ficar naquele sofá com aquela tevezinha, e daí eu tenho... eu faço... eu fico assim pensando, né? Se a minha irmã virava uma empregada e fazia tudo pra mim.
 Pesquisadora: Quem?
 Mariana: A minha irmã.
 Pesquisadora: A tua irmã?
 Mariana: Aham.
 Pesquisadora: E você acha que tua irmã gostaria de ser tua empregada?
 Mariana: Aham.

Continuando pelo caminho, mostrou uma horta e um canil, feito por uma das moradoras do conjunto. Depois queria mostrar um caminho que tinha feito uma vez com a irmã mais velha.

Pesquisadora: Você não tem medo de andar nesse mato, Mariana?
 Mariana: Não.
 Pesquisadora: A mãe sabe que você vem aqui?
 Mariana: Ela sabe às vezes quando... tem espinho aqui.
 Pesquisadora: Ela sabe que você vem aqui?
 Mariana: Parece... às vezes eu acho que ela sabe. Cuidado o espinho, porque ele é muito espinhoso.
 Pesquisadora: Você é muito corajosa, eu tinha desistido, hein?
 Mariana: Temo quase chegando. Olha, quê que é aquilo?

Naquele momento, na verdade eu quase a convenci para voltarmos, mas não tive coragem, ao observar a preocupação que tinha para que eu não me machucasse com galhos caídos dos pinheiros, inclusive tentou tirar alguns do nosso caminho, conforme pode ser observado na figura a seguir:

FIGURA 18 – CAMINHANDO NA TRILHA



FONTE: Autora (2018).

Ainda na trilha:

Pesquisadora: Mariana, eu achei perigoso você vir sozinha aqui.

Mariana: É?

Pesquisadora: Aham.

Mariana: Mas aquela vez quando eu vim sozinha é... quando eu vim sozinha não tinha tanto, tanto mato assim, tinha bem pouquinho.

Pesquisadora: Ah, tá.

Voltando para o conjunto, logo na entrada, explicou que brincava de casinha ali conforme mostra a figura a seguir.

Mariana: Ó, aqui é a pia, aqui é um quarto e aqui é uma cama, e aqui é o armarinho, e também aqui tem... eu finjo que tem uma parede aqui, e depois aqui é a mesa, e aqui é o sofá, e ali é a tevê, aquele negocio azul, e daí eu brinco assim, que aqui tem um corredor, que aqui é um quarto, que aqui é o banheiro, que aqui é...

FIGURA 19 - ONDE BRINCA DE CASINHA / ALI É A TV



FONTE: Autora (2018).

4.3.5 Ingrid, Guinho e Mariana Infâncias “LÁ”: Bairro Alto

Conforme já mencionado sobre “INFÂNCIAS LÁ”, propunha-se visitar alguns espaços do antigo bairro. Foi no mês de março, em um sábado no período da tarde que eu, a avó materna e os três irmãos fomos até o Bairro Alto. Enquanto eu e os irmãos andamos pelo bairro a avó ficou na casa da filha, que ainda morava neste bairro.

O primeiro lugar que as crianças mostraram foi a praça que ficava em frente à casa desta tia, lá lembraram de algumas brincadeiras de quando tinham morado

ali, entre elas futebol, vôlei, parquinho e brincadeiras no espaço destinado para atividades físicas. Naquele momento havia muitas crianças brincando na praça, inclusive uma prima deles que jogava futebol.

Ingrid comentou que gostava de brincar no espaço destinado a atividades físicas feitas com troncos de árvores, que ficava nesta praça. Em seguida, mostrou uma casa ao lado desta praça e contou que ela e outras crianças já tinham subido no muro para pegar frutas. Foi possível observar que neste bairro os irmãos tinham mais qualidade com relação a espaços de lazer. Essa questão será discutida na sequência deste capítulo.

Sobre essa praça, Guinho falou que não gostava do espaço para atividade física e nem do espaço para vôlei, pois o que gostava mesmo era de jogar futebol. Enquanto nos dirigíamos ao final da rua onde já tinham morado, começou uma chuva forte de verão e então tivemos que nos abrigar em uma pequena banca de doces. Como a chuva persistiu por mais de meia hora, voltamos para o carro. Enquanto isso, além de outros assuntos, falamos sobre se eles gostavam mais de morar no antigo bairro ou no novo. A Ingrid falou que preferia o antigo.

Ingrid: Porque aqui é mais legal, aí a gente também tem mais amigos, daí tem um espaço muito mais aberto e também eu preferia, se fosse pra estudar, lá e aqui, eu preferia ficar aqui por causa das escola também.

Pesquisadora: Por quê que você preferia a escola daqui?

Ingrid: Porque aqui eles fala muito menos palavrão, e é mais perto, dá pra ir de a pé, e na minha escola que eu estudo, no bairro, eles falam muito palavrão.

Já Guinho disse que gostava de algumas coisas de um bairro e outras, do outro e descreveu algumas situações familiares que o deixavam chateado e aconteciam no antigo bairro.

Guinho: Porque eu não gosto duma parte daqui e eu gosto duma parte de lá.

Pesquisadora: O quê que você não gosta daqui do Bairro Alto?

Guinho: É que os meus tio [...] eles fica incomodando minha vó. (...) É... minha vó faz de tudo pra eles, comprou até um carro pra eles, [...] daí na hora que ela vai dormir eles ficam com som alto.

Enquanto isso, Mariana disse que preferia mesmo era morar na praia e relataram uma situação em que os pais tinham alugado uma casa.

Mariana: Na praia? Você já morou na praia?

Mariana: Eu já fui.

Guinho : Não, ela só alugou uma casa lá, né? Que todo mundo faz.

Ingrid: Ficamos numa kitinete por um mês. Quase um mês.

Assim que passou a chuva, eles mostraram o rio Atuba, que passava atrás da casa onde moravam. Lá ainda havia entulhos de casas que tinham sido desmanchadas, de pessoas que tinham sido reassentadas, que podem ser visualizadas na figura a seguir.

FIGURA 20 - RIO ATUBA/ RESTOS DE CASAS



FONTE: Guinho (2018).

Pesquisadora: E quando chove, chove essa água sobe?

Ingrid: Às vezes. Não, não sobe, mas vai pros esgoto, assim, e sobe a água nos esgoto, porque eles jogam muito lixo.

Em seguida, fomos até o final da rua onde ficava a antiga casa, no mesmo terreno dos avós, conforme figura a seguir:

FIGURA 21 – LOCAL DA MORADIA ANTIGA



FONTE: Autora (2018).

Encontramos o primo que estava morando naquele local. Ele comentou que o terreno era dos avós, “tudo, do vô e da vó”, e que tinham feito uma casa para a tia, mãe das crianças, e, assim que saiu um apartamento na Cohab, “daí tiveram que desmanchar tudo, daí desmanchou...”

Assim, conforme já relatado ele também explicou: “daí, tipo, quando ganha a casa lá tem que desmanchar a casa que você tinha antes, já teve um monte de gente que não desmanchou, isso que nós, também, nós foi burro, na verdade, porque não precisava...”. Um dos tios contou que tinham derrubado a casa dos fundos se referindo à casa da outra tia: “tinha uma casa lá atrás, de material, inteirinha, daí foi minha tia Justina, também, ganhou...”

Pesquisadora: Mas e quem que faz vocês desmancharem a casa?

Primo das crianças: A prefeitura, só que eles já avisaram que se não desmanchasse as casas eles vão vim, só que daí eles avisaram pra nós, mas daí nós desmanchou, e os outros não, daí tipo eles nem vieram nada, não adiantou nada.

Pesquisadora: Daí vocês reconstruíram?

Primo das crianças: É que o meu pai tava pagando aluguel, daí... já tava fora, né, tava...”

Ingrid perguntou se podíamos entrar, o primo autorizou, os irmãos felizes mostraram o espaço de trás onde brincavam. Enquanto isso, o primo deles fez questão de mostrar os cômodos da casa da avó:

aqui na verdade era a casa da minha avó, que era inteira, era bem arrumadinha, aqui, tinha a estante da minha avó, tinha o sofá, lá era o quarto da minha avó, aqui tinha... aqui era o quarto da minha avó, aqui tinha... aqui era o quarto do meu pai, antes do meu pai ir pagar aluguel, lá era o quarto do Marcos, ali, do ... do coisa. Daí agora quando minha [vó] foi embora, pah, né? Porque a problemaiada ... daí o Marcos ficou morando aqui. Foi ele que pintou tudo estranho assim, agora pelo menos minha avó vai voltar.

Mariana ficou feliz por ter encontrado uma boneca dela em cima do guarda-roupa da avó, pegou para levá-la para casa e disse “olha minha boneca preta”. Ao sairmos da casa, Ingrid comentou que tinha morado ali com a avó durante oito anos e explicou: “preferia morar com ela, daí minha mãe foi morar ali nos apartamento, eu fui morar junto com ela, daí minha vó se mudou e eu fui morar junto com ela de novo”.

Soube mais tarde, pela mãe das crianças, que, devido a condições financeiras e ao pagamento de aluguel, a avó das crianças tinha voltado a morar nessa casa a qual já tinha morado por trinta anos, junto com os dois filhos e o neto. Já Ingrid tinha ficado com os pais.

No antigo bairro, Ingrid quis mostrar uma das escolas que tinha estudando, enquanto isso Guinho comentou: “(...) se você virar à direita agora dá pra ver a frente da escola e tinha um monte de gente vendendo... eles vendia... maçã do amor”.

Mariana quis ver a creche. Ao chegarmos à frente, os irmãos falaram que todos eles, quando pequenos, tinham frequentado esta creche e lembraram de algumas situações:

Guinho : Aham, eu ficava ali atrás... ali, ó, ali no negócio brincando de girassol, a professora dava.

Pesquisadora: Como assim, girassol?

Guinho : Você segura assim, daí vem um vento, fica girando.

Ingrid: Eu lembro, bastante, eu lembro que uma vez, no pré, a gente fez uma festa do pijama pra se despedir da creche, daí a gente pegou e fizemos a caça do tesouro, daí a gente ficava andando pela creche pra achar o tesouro, e as professoras se vestiam de bruxas e assustavam a gente, porque ali tem uns negocinho que dá pra se esconder.

Ao lado desta creche tinha uma praça, eles queriam mostrar onde brincavam de escorregar com papelão, conforme figura a seguir:

FIGURA 22 – BRINCANDO DE ESCORREGAR COM PAPELÃO



FONTE: Autora (2018).

Guinho: Nós brincava também. Nós ficava soltando pipa, jogando bola.

Ingrid: E a gente escorregava de papelão num... na moita.

Pesquisadora: Onde?

Ingrid: Ali na moita.

Guinho: Num papelão, é que tem uma descidona assim, daí tem as escada, aí nós descia nas grama.

Ingrid: No papelão, na grama.

Guinho: Aham. Tem um monte de papelão ali, ainda.

Pesquisadora: Sério?

Então, os irmãos correram em direção ao gramado, que estava molhado e escorregaram por várias vezes, quando o papelão se desfazia, pegavam outro. Foi um momento muito gostoso, vê-los alegres enquanto brincavam. Sobre espaços que não gostavam neste bairro, Ingrid respondeu “não sei, calma aí, deixa eu pensar” e, enquanto isso, Guinho comentou “dos nossos tios” e também “ [...] quando eu tô... tô dormindo, minha mãe acordava pra ir pra escola”. Perguntei se não gostava de ir à escola e ele falou: “eu gostava, mas daí eu tavo num sono bem gostoso”. Já Mariana disse que não gostava da balança estragada enquanto a Ingrid continuou pensativa e falou:

O quê que eu não gostava, deixa eu ver... eu não gostava de ter que andar de a pé pra ir brincar, também eu não gostava de... eu não gostava de ficar... quando tava chovendo, não poder brincar e também não gostava de ficar sozinha, que às vezes eu não podia sair pra brincar, porque a minha vó não deixava e porque às vezes ninguém queria brincar comigo. É, por isso.

Pesquisadora: E por que você tinha que andar pra brincar?

Ingrid: Porque não tinha carro.

Ingrid: E onde você gostava de brincar, que era longe?

Ingrid: Ah, eu gostava de brincar no Parque Bacacheri, ou aqui, que é meio longe... Aí tem que subir uma subidona.

O lugar que tinha uma subida para chegar era a praça onde brincavam de escorregar na grama com papelão, ficava a menos de oitocentos metros. Comentou que desde três ou quatro anos de idade brincava de escorregar enquanto o Guinho afirmou: “Até hoje. Até hoje” e continuou “... quando minha mãe vai no Mercado da família nós fica lá, daí não... daí tem as polícia ali também...” que, segundo eles, os protegiam enquanto brincavam.

Novamente, Guinho falou sobre os tios, que, segundo ele, incomodavam a avó, “pedindo dinheiro pra ir comprar as droga, daí quando... daí ela dava, e quando ele comprava droga e ela... daí ficou incomodando ela, e ela... eu não gostava dele porque ele não deixava eu brincar também”. Falaram com entusiasmo da escola que tinham estudado antes de serem reassentados e de lembranças significativas deste lugar.

Pesquisadora: (...) O quê que vocês gostavam lá nesta escola ?

Ingrid: Eu gostava de brincar no lugar do primeiro ano, que tinha um barquinho que subia, daí tinha um monte de palito, daí tinha um escorregador, era bem legal, também eu gostava do espaço pra brincar, e do Dia das criança, que eles colocavam uma cama elástica enorme pra gente pular, e dos professores, e principalmente da professora Jaqueline... Nelma .

Pesquisadora: E por quê que você gostava do espaço pra brincar?

Ingrid: Porque daí não era muita criança amontoadas, daí cada uma tinha um espaço pra ficar, era mais... era bem mais espaçoso.

Pesquisadora: E você, Guinho? Por quê que você gostava desta escola?

Guinho: Porque tinha muito espaço, tinha... tinha...limoeiro, daí tinha um restaurante...

Ingrid: Refeitório.

Guinho: É, o refeitório, e tinha um... um negócio assim de três andar, das sala, daí tinha uma quadra, tinha duas quadra.

Guinho: Tinha uma quadra... é, tinha uma quadra mas não tinha futebol, só tinha só parquinho.

A partir dos relatos deles, é possível refletir sobre a importância que as crianças dão para a escola e o quanto as atividades proporcionadas pelos docentes e toda equipe escolar deixaram marcas em suas vidas. Enquanto retornávamos para buscar a avó, eles me mostraram outra casa que tinham morado antes morarem no terreno dos avós maternos e comentaram que ali tinham bastante espaço para brincar. Guinho, em seguida, pediu para passarmos em frente à casa de sua madrinha. Percebi como Ingrid e Guinho tinham uma boa orientação dos arredores do bairro, inclusive disse isso a eles e Ingrid, naquele momento, falou “ah, eu conheço, como se fosse a palma da minha mão”. Quando estávamos próximo ao

local onde tínhamos iniciado a caminhada, eles mostraram um pequeno mercado e comentaram que iam lá comprar pão, doces, pipa além de outras coisas.

Sobre a vida cotidiana das crianças nas cidades e sua investigação sociológica, Sarmento (2018) aponta que ela tem expressado a multiplicidade de realidades sociais que podem ser associadas tanto a restrições quanto a possibilidades. Entre elas estão o acesso à habitação digna, mobilidade espacial, educação e espaços de lazer.

A partir das visitas, narrativas e fotos tiradas, é possível considerar que tanto os dados numéricos quanto os qualitativos indicam que o bairro Alto oferecia possibilidades maiores quanto qualidade de vida aos irmãos. Mas, tal qualidade pode se relacionar, especificamente, à rede familiar ampliada, espaços de lazer mais próximos de onde moravam e bairro mais estruturado com comércios e ruas asfaltadas. Já como restrições, é possível pensar que suas vivências estavam relacionadas, muitas vezes, ao medo. Este estava presente tanto no Bairro Alto quanto no Santa Cândida, tecido pela violência, pobreza e drogas. Essas situações têm relação com o fato da posição vulnerável que tinham em ambos os bairros, com as possibilidades e restrições que tinham em suas redes de interdependência.

Sobre isso, quando explicava sobre o estudo das redes de interdependência, Elias percebia a necessidade de se pensar nas funções e posições das pessoas em uma rede e as relações dessas funções, posições com a distribuição de poder nas redes. Para ele, cada pessoa faz parte de um lugar específico e “apesar de toda sua liberdade individual de movimento, há também, claramente, uma ordem oculta e não diretamente perceptível pelos sentidos.” (ELIAS, 1994, p. 21).

Para o autor, tanto o conceito de poder quanto o de função deve ser entendido como conceito de relação. Desta forma “só podemos falar de funções sociais quando nos referimos a interdependência que constroem as pessoas, com maior ou menor amplitude.” (ELIAS, 1970, p. 84).

Com o reassentamento os irmãos tiveram ruptura em suas ligações afetivas, sendo que tios e primos foram separados. Esse fato não pode ser mensurado a partir dos dados quantitativos, mas estão presentes nas falas dos irmãos.

Já em relação à divisão do trabalho, é possível observar que, culturalmente, são as meninas, na maioria das vezes, que dedicam um tempo maior para as tarefas domésticas, como no caso de Ingrid e Mariana. Para Mariana, parece que a

organização da casa tem um peso maior, isso pode ser percebido quando fala que gostaria que a irmã mais velha fosse sua “empregada”.

Conforme relatório das Nações Unidas no Brasil, sobre o tempo dedicado ao trabalho doméstico das meninas e meninos no Brasil, há um encargo desproporcional que “se inicia com meninas de 5 a 9 anos que dedicam 30% de tempo a mais que meninos nos trabalhos domésticos e aumenta [...] ao passo que de 10 a 14 anos chega a 50% de tempo a mais, trabalhado por dia, que meninos da mesma idade.” (UNICEF, 2016). Dessa forma, conforme o relatório, essa situação perpetua os estereótipos de gênero e sobrecarrega as mulheres por gerações.

Ainda sobre as formas da divisão do trabalho, Guinho ajuda o pai em concerto e instalação de antenas e é recompensado financeiramente por isso. Já Ingrid e Mariana se dedicam mais nas tarefas de organização da casa sem receberem nenhuma recompensa financeira por isso. E Ingrid, além da organização da casa, tem a preocupação com o bem-estar da avó materna.

No caso de valores sociais relacionados à religião e gênero, observou-se que as meninas dedicam mais tempo frequentando a igreja do que os meninos. Em relação a instituições e criança, Mollo-Bouvier explica que “a criança é também um desafio para os sistemas de valores que fragmentam a sociedade. Por meio dela, movimentos políticos, ideológicos e religiosos tentam exercer sua influência e preparar o futuro.” (MOLLO-BOUVIER 2005 p. 398).

É possível observar que, na cadeia de interdependência dos irmãos, há diferentes elementos relacionados ao processo civilizador que orientam suas decisões e a forma com que são educados. Por exemplo, na questão gênero, Guinho, no bairro atual, tem uma rede de mobilidade muito mais ampla que Ingrid e Mariana. Ele pode sair mais, privar-se dos afazeres domésticos, viver sua infância de forma mais livre do que as irmãs.

Ainda sobre os bairros e qualidade de vida, observou-se que no Bairro Alto, apesar de os irmãos terem morado em área considerada de ocupação irregular, viviam em região mais urbanizada, com ruas asfaltadas, vários comércios, escolas e espaços de lazer mais próximos do local da antiga moradia. Situação bem diferente do local atual onde foram reassentados, pois há apenas uma rua de entrada e saída dos conjuntos, e o espaço de lazer mais próximo – e praticamente único – é o campinho de futebol. Os pontos comerciais mais próximos dos conjuntos ficam distantes para se ir a pé.

Havia um cuidado da mãe das crianças em relação aos espaços de brincadeira que segundo as crianças, só podiam brincar onde “os olhos dela enxergassem eles”. Outras relações de poder são constatadas nas redes de interdependência dos irmãos, tanto no Bairro Alto quanto no Santa Cândida. No primeiro bairro, funcionários da prefeitura orientaram que derrubassem as casas antigas como forma de “troca” pelas chaves do apartamento no Santa Cândida. No segundo, a síndica é uma figura forte que aparece no relato das crianças, é quem orienta, usando como estratégia a multa, dizendo como e onde as crianças devem brincar dentro do conjunto (não gritar, não correr e não jogar bola).

Ainda sobre formas de poder/discriminação, isso fica nítido na fala de Ingrid, quando relata não ter conseguido estudar na escola que desejava, pelo fato de a mãe ter manchas de vitiligo. Elias (2000) em sua obra “Os Estabelecidos e os *Outsiders*”, coloca que ao longo do processo de desenvolvimento dos seres humanos na terra, as adaptações físicas em condições diferentes “passaram a ser sinais da pertença das pessoas em grupos como diferenças de poder, com pertenças diferentes e com normas distintas.” (ELIAS, 2000, p. 46).

Assim, como expressam os dados numéricos, o Bairro Alto era melhor de morar, pois, segundo os irmãos, tinham mais lugar para brincar, a escola era mais próxima e podiam ir a pé. Além da proximidade, mostram em suas falas que tinham uma boa relação com a escola e com a creche. As professoras tinham deixado boas marcas em suas vidas, a mesma situação não aparece nos relatos da escola atual.

Conforme dados numéricos nos bairros do “AQUI” e “LÁ” dos irmãos, existiam praças. Das seis praças existentes no bairro Santa Cândida, nenhuma fica próxima aos conjuntos habitacionais da pesquisa. No Bairro Alto, das sete praças, duas ficavam próximas das casas das crianças e os irmãos iam com frequência.

Conforme podem ser vistas na figura a seguir, no Bairro Alto, a primeira figura é referente à Praça da Liberdade, localizada em espaço amplo, ao lado de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), de uma Unidade de Educação Integral (UEI), de um módulo policial e do armazém da Família. Nesse espaço há uma Academia ao Ar Livre, escorregador, gangorra, espaço para brincar na areia, cancha de futebol de areia e voleibol e ficava a menos de um quilômetro de distância de onde moravam.

Já a segunda praça ficava a menos de 200 metros de onde moravam. Nesse espaço havia uma cancha ampla de futebol de areia, uma de voleibol, playground

com escorregador, gangorra e trepa-trepa, e ainda um espaço feito com barras de ferro e troncos para atividades físicas.

Conforme já mencionado, próximo aos conjuntos habitacionais não existe praças. O equipamento de lazer mais próximo, mas ainda distante dos conjuntos é um pequeno parque que as crianças chamavam de “pracinha” e, na imagem a seguir, é possível observar que oferece menos qualidade para as crianças. Tudo isso mostra que, ao mudarem de endereço, sofreram alterações também em suas redes espaciais. Já em relação a espaços de cultura, tanto no Bairro Alto quanto no Santa Cândida não tinham acesso a teatro, museu ou cinema.

FIGURA 23 – ESPAÇOS DE LAZER DO “AQUI” E “LÁ” DOS IRMÃOS INGRID, MARIANA E GUINHO – A /B) PRAÇA NO BAIRRO ALTO; C) PRAÇA DA LIBERDADE NO BAIRRO ALTO E C) PARQUE RIO DAS VÁRZEAS NO SANTA CÂNDIDA

A)



FONTE: Autora (2017).

B)



FONTE: Autora e criança (2017).

C)



FONTE: Autora (2017).

D)



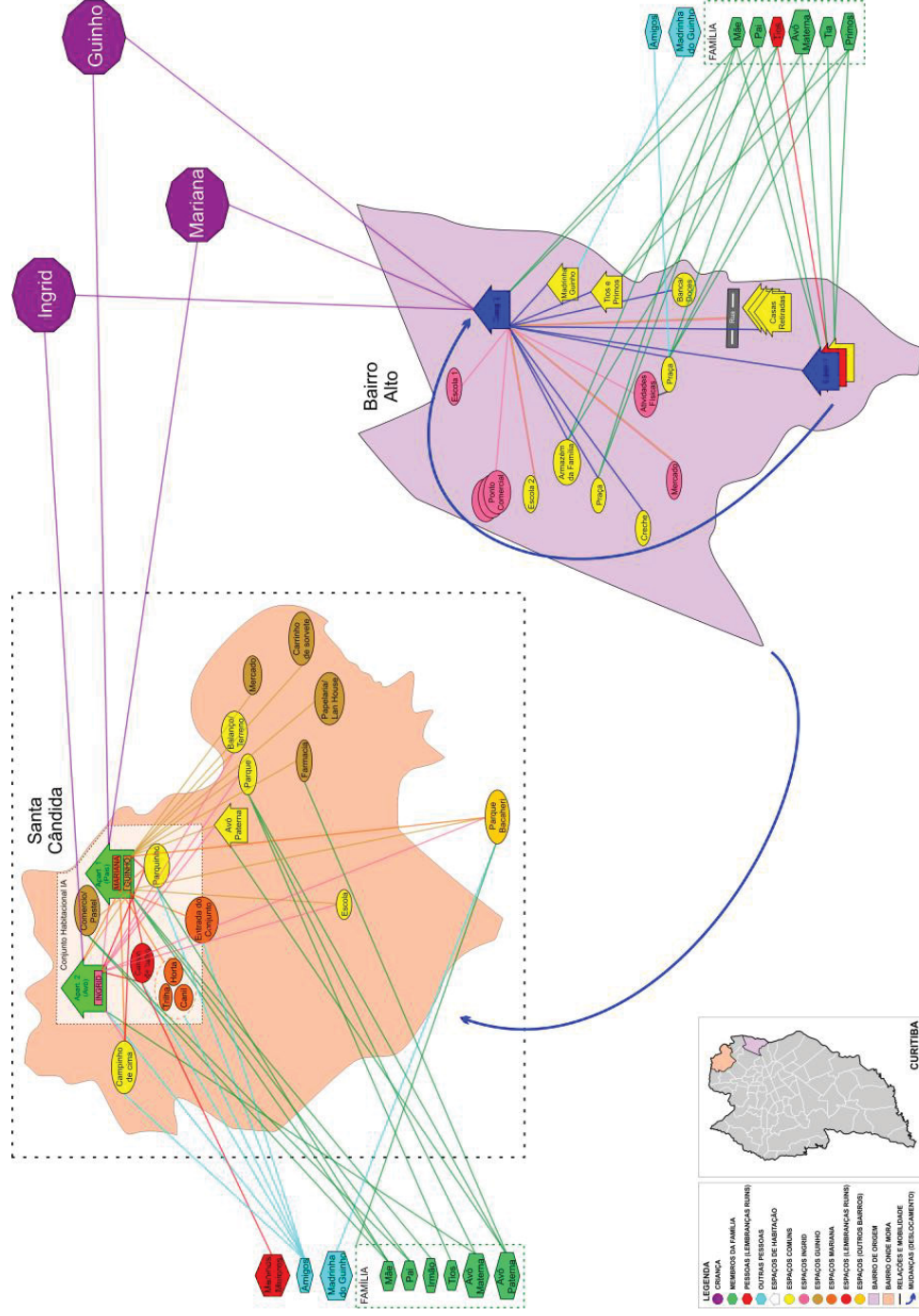
FONTE: Autora (2017).

Sobre as redes de interdependência dos irmãos é possível sublinhar:

- a) No bairro Santa Cândida há uma redução de espaços de lazer e brincadeiras e de contato com integrantes da família ampliada. Configuração da Infância permeada por questões de gênero/menina e trabalho infantil doméstico e menino com mais mobilidade espacial. Escola e rede de comércio mais distante e proximidade com questões relacionadas à violência e ainda ao uso de drogas. Tensões na rede/desemprego/Cohab/
- b) No Bairro Alto, rede ampliada de comércios e espaços de lazer. Convivência com número maior de pessoas da família ampliada, mas com proximidade com membros da família com envolvimento e uso de drogas. Espaço mais urbanizado com acesso à escola mais próxima e ruas amplas e asfaltadas, memórias afetivas em relação a escola e a creche, tensões na rede/sindica

Na figura a seguir é possível observar uma síntese dos espaços frequentados e das relações sociais nos bairros do “AQUI” e “LÁ” dos irmãos:

FIGURA 24 – SÍNTESE DOS ESPAÇOS FREQUENTADOS E RELAÇÕES SOCIAIS DOS IRMÃOS INGRID, MARIANA E GUINHO



Fonte A autora (2019) Elaboração: Daniel Basílio (2019).

4.4 CONTEXTUALIZANDO OS BAIRROS DO “AQUI” E DO “LÁ” DE EMILI

Emili desde o nascimento morou no bairro Parolin (“INFÂNCIA LÁ”) até a família ser reassentada no bairro Santa Cândida (“INFÂNCIA AQUI”), local onde morava no momento em que participou da pesquisa. Como pode ser visto na Tabela 9 a seguir, o bairro Parolin era o menos populoso, e o que apresentava o maior índice de violência (65%), acima da taxa do bairro Santa Cândida. Já em relação ao déficit habitacional, é maior no bairro Santa Cândida em relação ao Parolin.

TABELA 9 – POPULAÇÃO, HABITAÇÃO E HOMICÍDIOS DO “AQUI” E DO “LÁ” DE EMILI

		População	Unidades de domicílios	Déficit habitacional	População (0 a 14 anos)	Homicídios por 100.000
	Curitiba	1.751.907	635.631	5,34%	349.960	42,81
“AQUI”	Santa Cândida	32.808	11.343	7,76%	6.928	21,34
“LÁ”	Parolin	11.554	4.034	6,52%	2.735	138,48

FONTE: IPPUC/IBGE CENSO DEMOGRÁFICO, 2010.

Na questão de estabelecimentos no setor da economia, ligados à indústria e comércio, em relação ao total de população dos bairros, na Tabela 10 a seguir, é possível observar que o bairro Parolin tem uma porcentagem maior quando comparado ao bairro Santa Cândida. O valor do rendimento mediano por domicílio é o mesmo em ambos os bairros e está abaixo do valor de Curitiba.

TABELA 10 – ESTABELECIMENTOS DE INDÚSTRIA/COMÉRCIO E RENDIMENTO MENSAL MEDIANO DO “AQUI” E DO “LÁ” DE EMILI

		% de estabelecimentos ativos - indústria em relação ao total de população	% de estabelecimentos ativos - comércio em relação ao total de população	Valor rendimento mensal mediano por domicílio
	Curitiba	0,73%	0,21%	2.300
“AQUI”	Santa Cândida	0,92%	2,45%	2.000
“LÁ”	Parolin	1,99%	6,97%	2.000

FONTE: IPPUC/IBGE CENSO DEMOGRÁFICO, 2010; Cadastro de lib. De alvarás e Ag. Curitiba, 2011.

Em relação a áreas de ocupação irregular nos bairros, observa-se que no Parolin isso se concentra em uma única área. Isso corresponde a 62% do total da população local, diferente do Santa Cândida onde estão espalhados em locais diferentes, conforme pode ser visto na tabela a seguir:

TABELA 11 – ÁREAS DE OCUPAÇÃO IRREGULAR 2005/2010 DO “AQUI” E DO “LÁ” DE EMILI

		Áreas de ocupação irregular 2005			Áreas de ocupação irregular 2010		
		População e %	Nº de unidades	Nº de ocupações	Nº de ocupações	Nº de unidades	População
“AQUI”	Curitiba	239.728	62.267	341	381	-	-
	Santa Cândida	3.611 11%	938	25	25	-	-
	“LÁ” Parolin	7.134 62%	1853	1	1	-	-

FONTE: COHAB e IPPUC, 2005/2010.

No Parolin, a área onde se concentra a ocupação irregular é conhecida como a favela do Parolin e está localizada em área nobre, próxima à região central. Não é de hoje que moradores desta favela são removidos e reassentados. Esse fato pode ser observado no decorrer da história da COHAB, como órgão de política habitacional da Prefeitura de Curitiba, que ao longo dos seus cinquenta anos, teve como primeiro desafio, erradicar as favelas da capital. Com esse objetivo surgiu o primeiro conjunto habitacional em 1966 chamado Vila Nossa Senhora da Luz, onde foram construídas 2,1 mil casas no bairro Cidade Industrial de Curitiba – CIC, que abrigou mais de 11 mil pessoas e parte destas eram moradores do bairro Parolin. Essa situação é semelhante ao que aconteceu com a Emili, cinquenta anos após a construção do primeiro conjunto habitacional em Curitiba, onde ela, parentes e vizinhos, foram removidos e reassentados no bairro Tatuquara, bairros na periferia e bem distante da região central, assim como o bairro CIC.

No que se refere a parques e praças nos bairros, na Tabela 12, a seguir, verifica-se que não existe parque no bairro Parolin e conforme já mencionado, no bairro Santa Cândida tem um pequeno, mas não consta dos dados do IPPUC. Já no Santa Cândida tem um número maior de praças em relação ao Parolin. Em relação a espaços de cultura e lazer, nos bairros onde Emili morou e no que mora atualmente, são inexistentes, conforme pode ser visto na tabela a seguir.

TABELA 12 – ÁREAS VERDES, PARQUES E PRAÇAS DO “AQUI” E DO “LÁ” DE EMILI

		Parques	Praças	Teatro	Museu	Cinema
“AQUI”	Curitiba	22	352	45	31	14
	Santa Cândida	-	6	0	0	0
“LÁ”	Parolin	-	2	0	0	0

FONTE: SMMA/PARQUES E PRAÇAS 2012 e IPPUC BANCO DE DADOS.

A partir do levantamento de dados dos bairros “AQUI” e “LÁ” de Emili, os números apontam que o Santa Cândida é o melhor para as crianças tanto pela menor taxa de homicídios quanto pelo maior número de praças. Já o mesmo não se aplica ao bairro Parolin quando se observa que 67% das pessoas vivem em áreas de ocupação irregular, mas por outro lado é o local onde as pessoas têm acesso a um número maior de comércio e mais proximidade com o centro da cidade. Em relação a espaços de cultura nos bairros, os números indicam que tanto no Santa Cândida quanto no Parolin não existe teatro, cinema e museu.

Em seguida, apresentam-se alguns espaços do antigo local de moradia a partir de visitas e narrativas de Emili. Também uma breve análise dos dados quantitativos em relação aos qualitativos será apresentada.

4.4.1 Emili, a menina que ajudava a cuidar dos três sobrinhos

Emili tinha dez anos, nasceu e morou na favela do Parolin até o reassentamento em 2014. Contou que a sua família foi a segunda a ocupar um apartamento no conjunto e que isso só foi possível após ela ter sido mordida por um rato enquanto dormia. Tiveram ajuda de um político e do líder da associação dos moradores para mudarem.

No início de 2017, após o falecimento da mãe, nasceram as sobrinhas gêmeas, naquele momento a irmã Isabele, mãe das crianças, não morava no mesmo bairro e, assim, o pai, avô das crianças, a levava até a casa da irmã para que ela ajudasse a cuidar das gêmeas e do sobrinho de quatro anos. No início desta pesquisa a Emili tinha comentado o quanto estava feliz por ter um quarto, mesmo tendo que dividir com o irmão mais velho. No entanto, após a irmã mudar para o mesmo bloco de apartamentos, passou a morar com ela e dividir o quarto com os sobrinhos, enquanto ajudava nos cuidados da casa e dos pequenos.

A Emili dizia que gostava de brincar no campinho de futebol, embora não gostasse de morar no conjunto habitacional, pois, achava “chato”: “porque tipo não tem muito brinquedo pra brincar aqui”. Sobre o lugar antigo de moradia comentou: “lá onde eu morava... ah, eu brincava às vezes de ir no riozinho que tinha lá perto, eu brincava às vezes de pular corda, de comidinha...” e gostava de brincar com as amigas.

Ainda sobre o motivo de mudar para o conjunto, explicou: “porque onde a gente morava tinha muito... muita pessoa, assim, daí tinha muito barulho e também lá perto lá do valetão que tinha, tinha muito rato [...] já fui mordida por um”. Assim como outras crianças, também dependia do transporte escolar e dizia que era em “ônibus de viagem” e explicou porque usavam este transporte: “porque tem gente que não tem condições de pagar”.

Costumava frequentar duas igrejas e, segundo ela, isso a ajudava a relaxar e explicou: “porque eu ando muito estressada”, mas não entendia o porquê deste sentimento. Sobre a organização do apartamento e cuidados com os sobrinhos, comentou como fazia: “ah, lavando uma louça, arrumando os quarto, varrendo a casa, cuidando das minhas sobrinhas” e do sobrinho de quatro anos.

Em 2017, próximo ao início das aulas, comentou que não iria à primeira semana de aula, pois o pai ainda não tinha recebido para poder comprar os materiais escolares. A respeito do que precisava para o início de aulas, falou: “eu só preciso de caderno, lápis, mochila...”. Estava no quinto ano, comentou que tinha sido “reprovada”, como já tinha acontecido no terceiro ano. Continuaría na mesma escola e por isso estava mais ou menos feliz.

Sobre o que gostava no conjunto, Emili disse que ali não tinha bagunça, barulho, música alta e pessoas gritando como no bairro antigo, mas com a ressalva de que faltavam brinquedos. Já em relação a se acompanhar até o bairro onde morava disse prontamente que gostaria. A Isabele, irmã da Emili prontificou-se a se acompanhar, com as filhas gêmeas.

No dia em que isso foi acordado com Isabele, ela se queixou de Emili, dizendo que ela ainda não tinha separado e nem lavado as roupas que iria usar. Comentou que a mãe, antes de falecer, tinha pago um curso de modelo para a Emili, e que acreditava que ela teria sucesso se tivesse continuado o curso. Contou que o marido era modelo, mostrou um dos trabalhos que tinha feito e falou que esse tipo de profissão não oferecia rendimentos fixos. Com isso, em alguns momentos,

passavam por dificuldades financeiras, embora acreditasse que um dia ele faria sucesso.

Outra queixa em relação a Emili foi a de que não “obedecia” e que o pai a deixava fazer tudo o que queria desde o falecimento da mãe. Outra situação que se queixou foi do cansaço que sentia devido aos cuidados da casa, dos filhos e da irmã e por isso acreditava que a Emili deveria ajudar mais, pois “assim ela não sairia tanto para fora para fazer coisas erradas”. Na sequência, apresentam-se alguns espaços do bairro atual o “AQUI” de Emili a partir de suas narrativas.

4.4.2 Emili Infância “AQUI”: bairro Santa Cândida

Foi em um final de tarde de março que caminhamos pelo bairro onde morava. Assim que nos encontramos, ela disse que teria que ser rápida, pois precisava ajudar a cuidar dos sobrinhos. Sobre os lugares do bairro onde brincava ou fazia algo diferente explicou:

Olha, eu não saio muito pra lugar nenhum, né? Porque... tipo... eu tô na escola ou tô ajudando minha irmã, então quase eu não saio, daí... então uma vez só que eu fui e andei assim, foi lá perto do Condor, lá perto do terminal, onde tem um parquinho, que eu fui com meu pai, com meu sobrinho e com minhas amiga...

Esse parquinho ao qual se referiu ficava a uma distância de seis quilômetros de onde ela morava. Em seguida, mostrou-me um terreno particular, que ficava ao lado do conjunto, parecia ser uma chácara, havia uma casa cercada de muito mato. Ela e outras crianças entravam neste espaço para brincar e pegar pinhão, mas como as famílias não deixavam, iam escondidas. Não havia cerca por onde entravam, mas era um “lugar proibido” para crianças. Fomos até lá e no caminho ela explicou como faziam para ir sem que os adultos os vissem pelas janelas dos apartamentos:

A gente pega, a gente vem... tipo eu vejo se minha irmã tá olhando pela janela, aí a gente vem por aqui, abre ali a portinha que tem que... o carro bateu um dia, aí ficou ali, a gente sai bem devagarinho, entra aqui e vai.

A portinha a qual se referiu, era um buraco na grade que cercava toda a frente do conjunto, ficava mais próximo do muro dos fundos entre o conjunto e o referido terreno. Outra situação que explicou foi em relação aos cuidados que

tomavam para também não serem vistas pelo “homem do sítio”, referindo-se ao proprietário.

Pesquisadora: Todas vêm escondido?

Emili: Aham.

Pesquisadora: É

Emili: A gente toma muito cuidado com o homem do sítio, que ele mora lá pra lá, e a gente entra lá na casa dele.

Pesquisadora: E o quê que tem lá na casa dele?

Emili: Ah, tem goiaba, tem pé de caqui, cenoura.

Continuamos andando e ela começou a falar baixinho explicando como faziam para chegar a essa casa:

A gente... pra ele não ver mesmo a gente, a gente vai... a gente corta caminho por aqui, vai lá por trás, vai lá, vai lá, até chegar na casa dele, a gente vê se ele não tá, a gente bate na porta e se esconde, aí quando ele não tá a gente fica ali, brincando de mãe-se-esconde, aí quando a gente vê que ele tá chegando a gente sai correndo daqui.

Ao avistarmos a casa perguntei se o “homem do sítio” já tinha visto elas ali e Emili disse que sim e que ele tinha pedido para que não entrassem mais ali. Ela comentou que achavam que o “homem do sítio” era um homem rico e afirmou: “é... na verdade ele é, que a gente não tem nem um pouquinho de dúvidas” e complementou “porque ele tem um... ele tem um... um Camaro”. Ao finalizarmos esse trajeto, saímos com sementes grudadas em nossos cabelos, rostos, braços e roupa e a Emili sorrindo disse, “nossa minha cara tá cheia, tô grudenta”.

Como já mencionado, ela não gostava de brincar no parquinho dentro do conjunto, pois achava que tinham poucos brinquedos e também gostaria que tivesse balança. Assim como a Laura, ela comentou que costumava levar o sobrinho para brincar no parquinho e, enquanto isso, aproveitava para brincar e conversar com a amiga.

Em seguida, ela se prontificou a mostrar os lugares que gostava de frequentar, cruzamos a divisa do bairro com outro município a uma distância aproximada de 1 km de onde morava até as igrejas. Eram igrejas de congregações diferentes, uma Católica e a outra da Assembleia de Deus. Ela afirmou que gostava mais dessa última porque “essa, pra mim, não tem tantas lei, da real, essa dali já tem mais um pouco” e ficava em uma rua que não tinha tanta “subida”.

Para chegar até as igrejas, tivemos que passar por um terreno com muito mato e lama, e em seguida cruzarmos uma pequena ponte que ficava na divisa com o município de Almirante Tamandaré e saía em uma rua íngreme, com muitas

pedras, conforme pode ser visto na figura a seguir. Emili comentou que costumava ir à noite também nestas igrejas. Em relação ao trajeto ser perigoso, ela não considerava ser e ainda explicou que tinham “pessoas do comando” que protegiam as crianças que passavam por aquele local, conforme narrativa abaixo:

Emili: Porque tem algumas pessoa... tem uns cara, eles... tipo se o cara mexe com a criança, eles vão lá e, né? Resolvem.

Pesquisadora: E como que eles resolvem?

Emili: Ah, eles resolve tipo... fala a verdade, se você fez isso ou aquilo, se você não falar vai tóu.

Pesquisadora: Quê que é tóu?

Emili: Tchau, tchau.

Pesquisadora: Quê que é isso?

Emili: Ir embora. Morre.

Pesquisadora: Ah, é? Sério?

Emili: Aham.

Pesquisadora: E você já viu acontecer com alguém isso?

Emili: Não.

FIGURA 25 – CAMINHO PARA IGREJAS – A) AINDA EM CURITIBA. B) PONTE NA DIVISA ENTRE CURITIBA E ALMIRANTE TAMANDARÉ. D) RUA APÓS PASSAR A PONTE

A



B



C



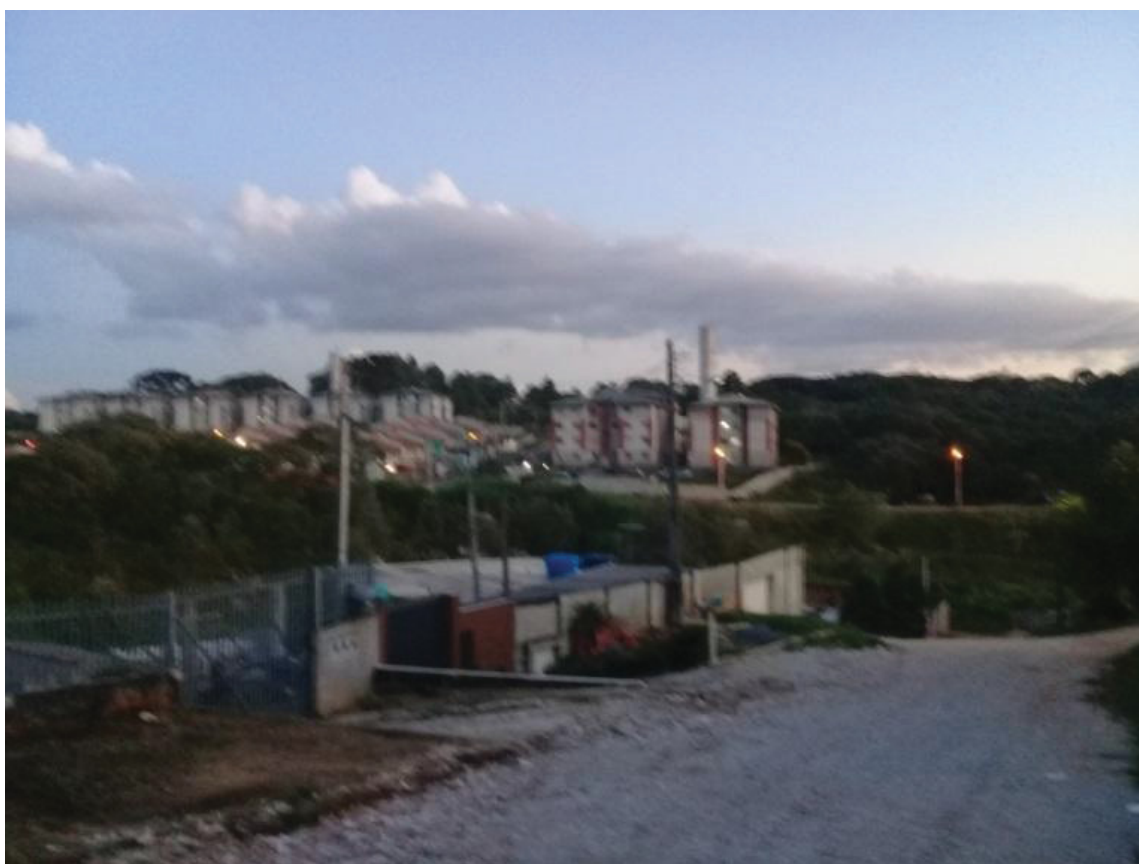
FONTE: Autora (2018).

A primeira igreja ficava em uma pequena casa, localizada ao final da rua, divisa com terreno grande e com muito mato. Nessa Igreja havia uma placa com o nome: Igreja da Provisão e Graça – Templo dos Milagres, mas a Emili referia-se a ela como Assembleia de Deus. Já a segunda Igreja, mostrou de longe, e disse que era chato chegar até lá porque tinha muita subida.

Além destas duas igrejas, comentou que frequentava cultos que aconteciam nas dependências do conjunto onde morava. Assim como outras crianças, relatou

que estes cultos aconteciam uma vez por semana naquele local e que o pastor desta congregação, buscava e levava algumas crianças até a outra sede que ficava em outro bairro, durante alguns dias da semana e também aos finais de semana. Sobre o transporte utilizado até a sede, ela comentou que era uma Kombi “de carne” porque pertencia a uma churrascaria. Na figura a seguir é possível visualizar o trajeto de volta das igrejas até o conjunto habitacional onde a Emili morava, na perspectiva deste município.

FIGURA 26 –VISTA DO CONJUNTO NA PERSPETIVA DO OUTRO MUNICÍPIO



FONTE: Autora (2018).

Apesar de a Emili não achar o trajeto até as igrejas perigoso, continuando a conversa sobre essa questão, disse que havia pessoas que consideravam aquela região muito perigosa. Já em relação ao lugar onde morava considerava “mais ou menos perigoso” porque ela e o sobrinho já tinham presenciado “gente matando gente” e explicou:

Pesquisadora: Você já viu?

Emili: É, eu e minha so... eu e o Cacá tava andando assim, aí nós tava indo lá comprar pão, aí o cara, diz que tinha a mulher do cara, aí tals, aí o cara pegou, lá dentro da casa, pegou a arma e atirou, foi na cabeça.

Pesquisadora: Ah, mas você viu na hora que isso aconteceu?
 Emili: Vi, eu e o Cacá.
 Pesquisadora: Mas vocês estavam no mesmo lugar que ele, no mesmo apartamento?
 Emili: Não, foi lá embaixo, lá nos mercadinho.

Já em relação ao antigo bairro achava que era mais perigoso: *“porque lá tinha mais bandido, mais gente do comando, mais gente mais..., né?... Traficante”*.

Pesquisadora: E o quê que as pessoas do comando fazem?
 Emili: Ah, elas vendem droga, é... é... ficam com arma, e tals, e mata, e pega gente pra fazer lá sei o que.
 Pesquisadora: E você conhece alguém que sofreu violência por pessoas do comando?
 Emili: Sim.
 Pesquisadora: Quem?
 Emili: Meu primo.
 Pesquisadora: Quê que aconteceu com ele?
 Emili: Ele ficou devendo cem reais, aí ele ficou uma semana... três meses sem dar o dinheiro porque ele tava sem no dia, aí pegaram e mataram ele.
 Pesquisadora: Aí mataram ele como?
 Emili: Pegaram arma.

4.4.3 Emili e Infância “LÁ”: bairro Parolin

Esta visita aconteceu em um domingo no mês de março. A irmã Isabele e as sobrinhas gêmeas ficaram na casa dos tios enquanto a Emili mostrava alguns espaços do bairro. Durante o trajeto Isabele falou bastante e se queixou do comportamento Emili. Essa situação fez com que a Emili, em alguns momentos, mudasse de assunto e em seguida passou a ficar mais quieta durante boa parte do trajeto.

Isabele pediu que eu conversasse com Emili para que “obedecesse e, estudasse mais” e mencionou que quando tinha a mesma idade da Emili não tinha a mesma liberdade. Lembrou-se de uma situação ocorrida na adolescência quando ela e a mãe pararam para conversar com um colega da escola, o pai ao ver a cena ficou furioso, aproximou-se e a chutou. Disse que sentiu muita vergonha do colega pela atitude do pai. Também falou sobre o orgulho que tinha por ter se casado na igreja, aos dezesseis anos de idade.

Ao nos aproximarmos da casa da tia, bem próximo de onde tinha morado, Isabele descreveu como era a casa deles e explicou como se organizavam naquele espaço, que tinha duas peças, sendo um banheiro e um espaço usado como sala, cozinha e quartos:

Isabele: tinha um sofazinho do lado da beliche, e um colchão de casal que meu pai dobrava ele, que era dobrável, e colocava em cima da nossa cama beliche, e dessa mesma beliche aí meu pai quando era de noite estendia o colchão no chão, que usava o espaço inteiro, sala, cozinha e quarto junto, né? No caso, e estendia ali, daí durante o dia recolhia, dobrava e colocava em cima da beliche, daí tinha a beliche, como eu falei, o sofá, a nossa cozinha e do lado da cozinha tipo tinha um armário assim compridinho, colocava a televisão em cima, então era tudo junto, e no banheiro, que era meio compridinho, não muito grande, mas daí no banheiro tinha a parte do chuveiro ali e vaso, tals, perto, e um pequeno espacinho assim que a gente colocava nosso guarda-roupa ali dentro.

Como tinha chovido muito na noite anterior, algumas cenas me chocaram. Havia em todo lugar pessoas colocando móveis e roupas para secar em frente às casas e em algumas ruas tinham móveis amontoados danificados pela chuva. Enquanto cruzávamos uma ponte, já próximos à casa da tia das meninas, Isabele comentou que em dias de chuva, junto com o aumento do fluxo de água, vinham lixos e ratos e lembrou que além da irmã o pai também já havia sido mordido por ratos:

Mordeu meu pai, mordeu a Emili, tudo, é bem tipo... e daí nós tinha medo de dormir no chão, né? E eles eram obrigado, porque não tinha espaço, (...) Emili era pequenininha também, tinha que dormir com meu pai e com a minha mãe(...) e a beliche ficava pra mim e pro meu irmão, né? E daí ela dormia no chão, daí foi nessa época que ela mamou e foi dormir (...) e daí o rato pegou e mordeu a boca dela, (...) e mordeu duas vezes o dedão do meu pai, de noite, isso de noite, né, Emili?

Isabele explicou-me que, apesar da mãe ter feito cadastro há mais de dez anos na Cohab, foi só quando a Emili foi mordida por uma rato que conseguiram uma moradia no conjunto habitacional:

Aí minha mãe teve que... pra poder pegar a casa mais logo, que é a casa onde eles tão agora, tipo meu pai e minha mãe foi lá, que ela primeiro lutava bastante pra conseguir, foi lá e levou a Emili e falou, ó, não dá mais pra continuar aqui, como que vai ficar num lugar desses, um rato mordeu a boca da minha filha, levou ela lá, mostrou os exame médico, tudo, falou, como que vai continuar nessa situação? Aí eles pegaram e se explicaram mais rápido, sabe?

Assim que chegamos à casa dos tios onde Isabele e suas filhas ficariam, recebemos o convite para almoçarmos com eles. Apesar de informar que já tinha compromisso, eles insistiram e disseram que estavam felizes com a minha presença. O casal falou sobre a chuva que tinha acontecido na noite anterior e que inclusive

tinha entrado água na casa deles, conforme podia ser visto pelas marcas deixadas nas paredes, cerca de dez centímetros.

Falaram que as enchentes pioraram depois que foram iniciadas as obras para construção da avenida, pois moravam há muitos anos no local e nunca tinha entrado água na casa deles. O tio das meninas também mencionou que acreditava que isso tinha sido feito de propósito quando, segundo ele, fecharam com madeiras, uma parte por onde corria a água do rio. Contaram que os vizinhos ajudaram a levantar os móveis, pois ambos estavam com a saúde debilitada.

Em seguida, Emili e eu fomos caminhar pelo bairro e algumas ruas tinham muita água e lama acumulada. Vimos um caminhão da prefeitura recolhendo entulhos que tinham sido amontoados nas ruas. Havia muito lixo trazido pela chuva, pendurado nos canos e na ponte que dava acesso à casa da tia das meninas, conforme pode ser visto na figura do lado esquerdo a seguir.

FIGURA 27 – PONTE PRÓXIMA A CASA DA TIA/ RUA ONDE EMILI TINHA MORADO

A)



FONTE: Autora (2018).

B)



FONTE: Autora (2018).

A rua onde a Emili tinha morado, mostrada na figura 51, do lado direito, era um beco com cerca de 250 metros entre a entrada e a saída. Sobre a antiga casa, nessa rua, Emili disse: “... a casa não era tão grande, mas a gente dormia (...)” e

explicou o que a irmã já tinha mencionado sobre a forma de se organizarem naquele espaço para dormir.

Ao contrário do que já tinha dito enquanto caminhamos pelo bairro Santa Cândida, explicou que ela não achava o antigo bairro perigoso, pois: “(...) assim como eu já morei bastante aqui, eu acho que pra mim tipo não é perigoso, mas tem algumas pessoas que chegam que moram aqui ou vêm visitar acham perigoso, porque também tem bastante tiroteio por aqui”. Sobre “tiroteio” falou: “na verdade já teve, sabe, bastante coisa, e é porque tipo tem gente assim que pegam dinheiro e não devolve, daí fica um mês, uma semana, sem devolver, e vai...”.

Em outro momento, ao falar sobre o rio que passava próximo da antiga moradia, reafirmou a mesma situação que o tio já tinha relatado: “tipo lá onde a gente morava tinha um valetão também, só que foi fechado com um monte de madeira”. Na entrada da rua onde morava (Figura 51) era possível ver um enorme guincho usado nas obras que também podia ser visto de diferentes pontos do bairro. Ela e a irmã comentaram que apesar de morar ao lado deste “valetão” em dias de chuva o nível de água não chegava até a casa delas, mas até a de alguns vizinhos sim.

Ainda sobre o bairro, Emili falou: “eu gosto bastante daqui, eu tenho bastante amigos por aqui (...) só que tem algumas amigas que tipo elas não tão mais morando aqui, então a gente nunca mais se falou”. Também comentou que gostava de visitar os parentes e de ir ao mercado.

Ao chegarmos à frente da casa onde havia morado, conforme figura a seguir, Emili explicou: “a minha casa era dessa madeira aqui... dessa madeira pra cá, era a minha casa”; e ainda falou que o muro e o portão tinham sido construídos pelo ex-vizinho, que agora ocupava aquele espaço.

FIGURA 28 – ANTIGA CASA/ LOCAL DE FESTAS E COMEMORAÇÕES

A)



FONTE: Autora (2018).

B)



FONTE: Autora (2018)

Próximo dali encontramos outro tio da Emili e ela falou: “o meu tio mora aqui, olha meu tio ali, ó”, ele estava limpando o terreno com uma enxada. Sobre a chuva da noite anterior, ele explicou que a água tinha chegado próximo à altura da cintura dele, arrastou carros e levou pedaços de asfalto da rua. Sobre a chuva e o “valetão” falou:

Tio da Emili: Ó, aqui o valetão, eles tão mexendo com o valetão, mas não adianta nada, entendeu, os milímetro da água que teve pra móde... esse ano, que teve aqui, foi o bastante, foi até demais, inda, agora os governador já tão, né? Eles tão vendo isso aí, porque agora eles vão ter que terminar esse valetão, o problema é o valetão, né? O valetão que traz inseto, traz rato, traz um monte de coisa, entendeu? E a gente, pra ajudar, ontem eu tava ajudando o pessoal aí, que as criança tudo chorando, tudo... né?

Seguimos caminhando, Emili mostrou-me um terreno com algumas árvores e explicou como ela e o irmão faziam quando queriam apanhar caqui: “aqui a gente... meu irmão fazia pezinho, ou eu fazia pezinho pra ele e a gente pegava

caqui”. Mostrou uma casa e falou: “aqui morava uma amiga minha, só que aí ela foi embora, aí a tia dela veio morar pra cá”, mostrou outra casa “aqui também morava uma outra amiga minha”. Falou que conhecia bem aquela rua e as pessoas que ali moravam.

Mostrou um local onde os vizinhos costumavam se encontrar, conforme pode ser visto na Figura 28, e comentou: “aqui sempre tinha uma festa, ou de noite, ou de manhãzinha, assim, aniversário...”. Outra situação que lembrou e narrou enquanto passávamos em frente de outra casa nesta rua foi:

Aqui uma vez tava eu e minha amiga, aí a gente tava brincando de mãe-se-esconde, só que aí a gente subiu no telhado e caímos, o telhado que... ela tava pulando em cima do telhado, aí ela tava... eu falei, para de pular senão a gente vai se tombar aqui.

Depois, ela continua andando e contando a situação em que ela e a amiga caíram do telhado: “daí a gente... daí ela ficou pulando, pulando, aí na hora que a gente foi pra cair, eu me segurei na janela, ela segurou no meu pé, aí eu não tava aguentando de tanto peso, aí a gente caiu”. Falou que, apesar da queda, não se machucaram gravemente, a amiga machucou a testa e ela: “eu só ralei o braço e machuquei a perna e meio que fiz um cortinho aqui, assim”.

Mostrou-me outra casa e falou que ali morava um amigo, também comentou das brincadeiras com outras crianças: “ah, eu brincava de mãe-se-esconde, mãe-cola, mãe-pegar, é... a cola-no-sapato, a gente sempre tava brincando de alguma coisa”, e disse que a irmã não brincava com ela na rua porque já era casada.

Essa rua terminava no cruzamento de uma rua principal, com asfalto e movimento maior de pessoas. Ao sairmos desta rua ela mostrou um pequeno comércio e disse: “aí aqui era um mercadinho, só que daí aumentaram um pouco mais, e lá pra lá tem o posto de gasolina, lá pra lá”. Neste mercado costumavam fazer compras, lembra:

sempre quando a minha mãe recebia, ela comprava as coisas dentro de casa, pagava as contas, aí sempre sobrava 130, ou até mais, daí ela, a gente... a gente ia lá pro centro e comprava roupa pra nós e sapato.

Sobre a escola que tinha estudado, Emili comentou que era longe e explicou: “eu ia a pé com meu irmão, ou às vezes ele pegava a minha bicicleta e me levava, que daí eu ia atrás segurando nos pezinho”. Em seguida, mostrou outro

ponto comercial a “Casa da gula” e próximo dali o “postinho de saúde”. Esta unidade de saúde ficava bem próxima de onde morava e ela comentou que lá tomava vacinas e ia ao dentista.

Conforme já mencionado, no bairro Santa Cândida, as famílias reassentadas tiveram que aguardar por quatro anos até a finalização das obras da Unidade de Saúde mais próxima. Foi possível observar que tanto a Igreja quanto a Unidade de Saúde, no antigo bairro, estavam localizadas próximas de onde morava, situadas em ruas amplas e asfaltadas, situação bem diferente de onde morava atualmente. Sobre a antiga Igreja comentou: “a gente ia pra orar, pra cantar, ou a gente ia pra ouvir a palavra”.

Pesquisadora: E pras crianças, o quê que tinha na igreja?

Emili: Bolo, é... escolinha... brincadeiras na salinha, e tal.

Pesquisadora: Quê que você fazia na escolinha da igreja? Você lembra?

Emili: Eu ajudava as tia, porque eu era mais grande do que todo mundo lá.

Pesquisadora: E o quê que você ajudava?

Emili: Eu ajudava a entregar os folhetinho, as lição, várias coisas.

Em relação à atividade que a Emili realiza na igreja, parece ter proximidade com as atividades escolares. Caminhando mais um pouco, mostrou uma panificadora e disse que tinha ido várias vezes lá: “a gente vinha comprar uma coxinha, um salgadinho... um salgado ali”. Falou sobre um restaurante que tinha nesta mesma rua onde um dia tinha almoçado: “aí uma vez minha mãe tava com dinheiro, aí a gente tava com fome porque a gente tinha... a gente não tinha almoçado,...daí minha mãe falou, vamos comer, aí a gente parou e comemo”. Andamos até lá e ao chegarmos em frente ela comentou: “não é tipo bem um restaurante, mas que a gente... eu se acostumei de chamar de restaurante” e esclareceu: “é um lugar onde você pode escolher a sua comida, e você mesmo tira”.

Emili também falou sobre uma balança que tinha no terreno da antiga casa: “foi os amigo do meu pai junto com meu pai, porque daí um subia, outro jogava a corda, outro amarrava, outro sentava pra ver se tava firme, aí...”. E sobre as pessoas que brincavam nesta balança explicou:

Ah, todos meus amigo, e minhas amiga, ou pessoa que eu não conhecia, mas aí o meu pai ele quebrou um pedaço do muro, e fez assim, sabe, ele colocou só pra deixar a árvore pra fora, aí todo mundo brincava, não tinha só... eu brincava só a hora que eu quisesse, aí um dia eles colocaram em outra árvore a balança, [...].

Emili comentou sobre casas que tinham sido retiradas, conforme pode ser visto na figura a seguir, que ficavam próximas à entrada da rua onde morava, e naquele local gostava de brincar dentro do “valetão” com outras crianças, que já não moravam mais ali.

Pesquisadora: Aqui nesse rio vocês brincavam? Vocês entravam?

Emili: Entramo. Entrávamos, mas era mais limpo, assim, sabe, tipo ele não tinha filhote de cobra, de sapo, aí depois que começou a vim uma enchente e tampava tudo quase, aí ficou muito sujo, aí a gente nunca mais brincou aqui.

FIGURA 29 – LUGAR ONDE BRINCAVA E QUE TINHAM CASAS QUE FORAM RETIRADAS/BRINCAVA NO RIO



FONTE: Autora (2018)

Já em relação ao que não gostava neste bairro, falou:

eu não gostava... daqui onde eu morava, é... de brincar, é... tipo assim, sabe, quando tinha bastante água no chão, ou quando tinha briga, essas coisa, e também quando os carro ficava passando, aí a gente não podia brincar muito bem, aí eu não gostava,.....

E ainda explicou: “era o movimento e por causa dos barro, porque daí a gente queria brincar, correr, aí os barro ficava batendo e molhava nós”. Outra situação que Emili relatou foi o fato de terem de atravessar uma ponte, mostrada na

figura a seguir, até o ponto de ônibus mais próximo, disse que, além de ser um lugar muito sujo, havia muitos cachorros.

FIGURA 30 – A PONTE



FONTE: Autora (2018).

Naquele momento, enquanto conversávamos, passou um carro de polícia e ela disse “olha a polícia!”. Perguntei por que tinha dito aquilo e ela respondeu que tinha medo, mas não soube dizer o porquê. Sobre o policiamento no local, comentou: “sempre, eles ficam de olho porque às vezes tem assalto, ou eles machucam alguma criança, e tals... ui, o quê que é aquilo?”, mudando oportunamente de assunto.

Passamos também em frente à escola que tinha estudado no bairro Guaíra, divisa com o Parolin e lá ela comentou que, devido ao reassentamento, primeiro foi

matriculada na escola que ficava próxima ao centro e depois na escola integral mais próxima do conjunto habitacional.

Enquanto retornávamos à casa dos tios para o almoço, passamos em frente a um mercado e lá a Emili fez um comentário sobre organização financeira da família:

Eles ajuntavam o dinheiro, aí eles contavam quantos tinha, aí depois eles pegavam e lá em casa eles contavam tudo, e depois eles vinham, e o que sobrava, tipo se sobrasse 20, 30, ou até mais, eles deixavam eu escolher tudo que eu queria, daí.

Em relação à soma dos salários dos pais, se era pouco ou bastante, respondeu: bastante, “minha mãe recebia 320 e meu pai recebia 430”. Durante o almoço, o tio das meninas explicou que sempre moraram naquele local e que toda a região pertencia à família Parolin. Mas por não “terem pago impostos” a propriedade passou para a prefeitura, também disse que muitas famílias tinham sido retiradas dali.

Segundo ele, na última eleição, um político do bairro falou para os moradores que se “ganhasse a eleição”, elas poderiam voltar a morar naquele local e enfatizou “ele é um sem vergonha”, pois ajuda as pessoas a saírem e depois incentiva a voltarem.

Após o almoço, enquanto retornávamos, Isabele quis mostrar o barracão, no outro lado do bairro, onde a mãe havia feito a inscrição na Cohab, e outros espaços que ela e os irmãos frequentavam na infância e que a Emili não havia mencionado. Nesse barracão eram realizados eventos e reuniões com os moradores.

As paisagens daquele lado eram ainda mais desoladoras, devido às chuvas da noite anterior. Passamos na parte de trás da antiga moradia, local onde estavam concentradas as obras da avenida. Aquele era o lugar que os tios tinham mencionado que havia sido fechado de propósito pela prefeitura, conforme indica a figura abaixo. Isabele mostrou as marcas em um muro e disse: “ó, tá molhado o muro, você vê o tanto de água que entrou aqui”.

Embora, como a Emili falou que na casa onde tinham morado não entrava água: “mas pra sair de casa tinha que tá...É, tinha que passar pela água. Tinha que passar com a água pra cima da cintura. É que geralmente vem aqui no nosso peito assim a água, sabe?”. Ainda explicou: “muitas vezes a gente ajudava nossa família

na... a erguer os móveis, sabe, porque senão a casa deles iria por água abaixo junto com os móveis”.

FIGURA 31 – LUGAR BEM PRÓXIMO DA ANTIGA MORADIA QUE O TIO DISSE QUE FOI FECHADO DE PROPÓSITO



FONTE: Autora (2018).

Isabele explicou que, deste lado do bairro, o lugar é conhecido como a cidade de Deus: “então, aqui é um dos lugar mais perigoso que tem, que é o Parolin, né? Que é a Cidade de Deus, que dá mais traficante, que os cara não tão nem aí, arma na rua, e aquela coisarada toda”, disse que o lugar era perigoso para quem não conhecia, “mas eu, não tem quem que eu não conheça aqui, que eu cresci aqui, né?”.

Próximo dali, passamos em frente à casa do político que o tio dela havia comentado, ele estava sentado conversando com outro homem e Isabele falou que ali sempre faziam reuniões e: “ele e aquele homem ali, que meu tio tava falando, que ele não presta...”, e continuou: “mas foi ele que deu várias casa pra várias pessoas, que é o político (...) falam que o Beto Richa e a Fernanda Richa são padrinhos dele, (...) sei lá como é que funciona esse negócio aí, mas é uma coisa assim”.

Ainda sobre as reuniões, comentou que nas quintas-feiras havia doação de frutas para a comunidade e que faziam bazar no barracão. Neste espaço, que ela chamava de barracão, eram feitas doações, que segundo ela eram: “... na verdade é

a Fernanda, o Beto Richa, que dá tudo pra ele fazer e ele só encaminha, sabe?, é que sempre no dia das crianças a meninada ganhava alguma coisa”.

Emili pediu que Isabele contasse sobre o incidente de quando era bebê e caiu no “valetão”. Então, a irmã mais velha relatou: “quando eu tinha nove meses eu caí na água do valetão, tava na casa da minha tia, minha mãe tava ajudando a erguer as coisa e eu caí dentro da água [...] tomei muita água do valetão, fiquei muito tempo internada no hospital, quase morri..”. Devido a esse episódio, precisou tomar um tipo de soro especial que custava muito caro, e:

O patrão do meu pai bancou tudo, depois o pai foi trabalhando e pagando ele... (...) conforme trabalhava. O meu pai saiu da empresa devendo ainda pro patrão dele, e o patrão dele daí falou, não, vou deixar porque você trabalhava aqui comigo, tua filha ficou doente, [passei] a ajudar porque eu quis, ele falou, [...] era muito dinheiro assim pra pagar. E o... pelo SUS, ou pelo... eles não forneciam esse tipo de medicamento por ser muito caro, daí tinha que comprar.

Enquanto retornávamos para o bairro Santa Cândida, Isabele quis mostrar duas praças: a primeira ficava na mesma rua da escola onde a Emili havia estudado até o terceiro ano e a segunda, mais distante, ao lado do Paraná Clube. Nesta praça ela falou que brincavam de subir nas árvores junto com o pai. As duas praças eram amplas e tinham vários equipamentos. Paramos próximo da segunda praça, bairro Guaíra, e Emili subiu, em uma goiabeira para pegar algumas frutas, enquanto isso Isabele juntava as que estavam caídas.

Durante as conversas, Isabele trouxe algumas situações da infância dela e dos irmãos. Falou que o pai era “carrinheiro” e que eles sempre o acompanhavam e desta forma, disse, conhecia “tudo” na cidade:

Na verdade, com meu pai, catar papel, eu ia desde novinha, desde os... nossa, como eu nasci aqui, eu acho que desde os meu cinco ano o meu pai já me levava pra rua pra catar papel. A Emili era bebezinha, aí ia eu, o meu irmão, que era maiorzinho, que já andava, meu irmão tinha sete anos, e a Emili ela tinha uns dois aninho mais ou menos, um ano e pouquinho, meu pai colocava ela no cabo do carrinho de papel assim, e daí ela segurava com uma mão no cabo e outra mão num negocinho assim, meu pai ia levando ela assim, tanto é que uma vez um jornalista parou... não sei se era jornalista ou o quê que era, e ele parou nós e fez foto da Emili, que ia pro jornal, no carrinho, segurando assim no carrinho assim, tirou foto dela assim no carrinho cheio de papelão.

Enquanto relatava a essa situação, Emili e ela riam muito, no entanto, comentou: “(...) e eu morria de vergonha, ia pra escola, daí tinha vergonha dos meus

amigo me ver catando papel”. Falou que, na escola, as crianças não entendiam isso. Sobre lugares que conheceu enquanto andava com o pai, relatou:

Na verdade eu conheci um pouco de tudo aqui dentro de Curitiba, né? (...) Eu conheço tudo, tudo, tudo, porque eu ainda lembro que nós andava quilômetros e quilômetros a pé, assim, e na hora que às vezes eu ajudava a empurrar o carrinho, né? Que eu era maiorzinha, daí quando era subidona ele ia na frente e eu ia atrás empurrando pra ajudar, e em todos os lugares de Curitiba, até o parque Tanguá, que é lá pra... nossa, a gente ia de a pé e voltava.

Falou que o pai era bem magrinho, “miudinho”, e que sentia pena dele devido ao peso que puxava no carrinho e: “andando assim, empurrando o carrinho, enchendo... e meu pai trazia aquelas cargona enorme, assim, que às vez pegava no fio de luz, às vezes” e sorridente disse: “acho que era por isso que era “musculozinho”.

Pesquisadora: Ele tinha um carrinho grande?

Isabele: Não, o carrinho dele era pequeno, mas ele pegava tábua, tipo pedaço de pau, e encaixava, assim, quando a carga começava a aumentar, colocava papelão em volta, coisava com papelão e colocava aquelas tábua pra segurar os papelão pra não cair, aí tipo ele colocava assim daí meio que mantia, sabe, aí ele jogava os papel lá dentro.

Pesquisadora: E como vocês faziam pra comer, daí, nesses trajetos?

Isabele: Então, muitas... a gente não ia com dinheiro, né?

Pesquisadora: Aham.

Isabele: No caso a gente pedia as coisa.

Pesquisadora: Ah...

Isabele: A gente ia em lanchonete, restaurante, pedia alguma coisa pra comer ou pra beber e daí o pessoal dava, dava marmitta, às vezes dava lanche, pão, essas coisa assim, entendeu?

Pesquisadora: Aham.

Isabele: Ou mesmo no mercado, aconteceu muitas vezes da gente ir no mercado e aquela parte onde eles jogam alimento fora, sabe?

Pesquisadora: Aham.

Isabele: Às vezes falta um dia pra vencer, ou se tem um iorgute estragado... estragado não, um iorgute aberto, eles vão lá e jogam a bandeja inteira, sabe, e daí tinha muito disso, daí meu pai entrava lá por trás do mercado, ia lá naquele negócio e catava os que tava bom, e trazia... muitas vezes a gente trouxe sacolada de iorgute, coisarada boa, pra casa, muita coisa boa pra casa, e comia em casa, ou mesmo comia na rua, assim, tipo dava fome a gente ia comendo, até chegar em casa, guardava, às vezes dava para os vizinho também que tinha criança, no mais nós comia, ou às vezes... muitas vez a gente chegou a comer coisa vencida, como se diz assim, né?

Pesquisadora: Aham.

Isabele: Por não ter dinheiro pra comprar, e vontade, daí tinha lá, a gente ia comer. Nunca, graças a Deus, fez mal pra gente, a gente sempre foi bem de saúde, essas coisa a gente não pode reclamar, sabe, mas já comemos muita coisa vencida.

Pesquisadora: Aham.

Isabele: Porque era a forma da gente poder se alimentar mais fácil e ter o que a gente sentia vontade.

Ao chegarmos ao bairro onde morava, Isabele se queixou do comportamento do pai após o falecimento da mãe, disse que não aceitava que ele levasse outra mulher para morar no apartamento, pois a mãe havia lutado muito em vida para conquistá-lo. Comentou que a Emili brincava muito com meninos e que quando seu marido chamava sua atenção, ela não deveria responder, afinal de contas, “ele sustenta a casa”. Falou que o filho de quatro anos ajudava a cuidar da Emili, avisando quando ela desobedecia e brincava com os meninos.

A partir dos dados numéricos e dos dados quantitativos dos bairros do “AQUI” e “LÁ” de Emili, verifica-se que a rede de interdependência dela é tecida a partir da negação de alguns direitos básicos, que serão discutidos na sequência. Apesar dos dados numéricos indicarem que no bairro Santa Cândida há uma taxa menor de homicídios, no caso da Emili parece que desde que nasceu vive em regiões cercadas por violência relacionada ao tráfico de drogas.

Em relação aos espaços onde Emili viveu/vive, observa-se que há uma dicotomia. Primeiro, morou em áreas de ocupação irregular próxima da região central com lojas e comércios acessíveis e depois, ao adquirirem casa própria, ela sofre restrições em suas relações sociais e na mobilidade espacial.

Quando se pensa em direitos básicos de acesso a espaços de cultura (teatro, cinema e museu) e lazer, é possível observar que muitas vezes são precários ou inexistentes na rede da Emili. Já em relação ao caminho até as escolas em ambos os bairros não eram muito acessíveis.

Outra questão é o fato de que no bairro Santa Cândida a infância de Emili já não é mais tão brincante. Ao que parece é cobrada por responsabilidades não compatíveis com sua idade, o que ela expressa quando diz que “anda meio estressada”. Essa sobrecarga pode ter relação com o fato do seu rendimento escolar não ter sido o suficiente para que passasse de ano. Sobre a questão das meninas e o trabalho infantil doméstico, Porto e Dorz (2018) explicam que este é ofuscado por ser visto culturalmente “como uma forma de ajuda, de aprendizado em tempo integral, o qual, sufocado dentro das paredes do lar, não pode ser visualizado ou questionado, nem ao menos existem” (PORTO; DORZ 2018 p. 20)

Bauman (2007) menciona que a negação dos direitos sociais aos “pobres e indolentes” contribui para que não exerçam os direitos políticos que formalmente possuem e, dessa forma, “os pobres terão apenas as garantias que o governo julgue

necessário conceder-lhes, e que sejam aceitáveis para aqueles dotados da verdadeira musculatura política para ganhar e se manter no poder” (BAUMAN, 2007, p. 71).

Nesse sentido, as relações de poder observadas nas falas da Emili e de sua irmã, Isabele, sobre questões políticas do antigo bairro, contribuem para a manutenção da negação de direitos. Os “políticos” tanto “ajudam” na conquista da casa própria, por meio dos reassentamentos, quanto por meio de alianças com governantes, como citado por Isabele: “falam que o Beto Richa e a Fernanda Richa são padrinhos dele (deste político do bairro)”, se referindo à doação de brinquedos e alimentos que faziam.

Conforme Elias, para se entender as relações sociais, é preciso olhar para os processos históricos do passado e do presente. Nesse sentido, observa-se que há tensões na rede da Emili, que persistem desde o tempo de infância quando ela e a irmã relatam que era preciso pedir alimentos e viver de doações quando acompanhavam o pai que era “carrinheiro”. Outra possível tensão é a questão de machismo que aparece na fala de Isabele em relação ao pai, que não aceitava que as meninas conversassem com meninos, e o próprio marido de Isabele em relação ao comportamento de Emili. E, na continuidade, Emili é cuidada pelo sobrinho, de quatro anos, para que não brinque com meninos.

Sobre as redes de amizades no antigo bairro, foi possível observar que eram como fios que se desfazem e refazem. Isso pela característica do bairro ser de pessoas que moram em áreas de ocupação e além da relação delas com o político local que atua nas funções de ir e vir das pessoas.

Há uma relação de poder que se estabelece entre Emili e irmã, quando essa diz que a Emili deveria ficar mais em casa e ajudar na organização e, assim, evitaria que brincasse com meninos. Talvez isso possa ser entendido sobre a geração de mitos em relação à exploração do trabalho infantil doméstico, arraigados em crenças culturais, que, segundo Porto e Dorz (2018, p. 17), corroboram “[...] quanto ao abuso dissimulado em caridade, crença de desenvolvimento e educação da criança, que o melhor é a ocupação [...]”.

Sobre a definição de lugar e território para as crianças, quando Emili destaca “os tiros” e “o comando que protege as crianças”, conforme Lopes (2008) é “uma prática de lugar-território, posto que aprendem o espaço em suas escalas vivenciais,

a partir de seus pares, do mundo adulto, da sociedade em que estão inseridas” (LOPES, 2008, p. 78)

Existe uma rede de solidariedade que pode ser observada quando Emili fala da balança na árvore, feita pelo pai com a ajuda de um vizinho e que as crianças moradoras da rua podiam brincar. Outro momento de solidariedade observado foi quando relataram que dividiam com os vizinhos os iogurtes que ganhavam, muitas vezes com data vencida.

Já sobre os espaços de lazer e cultura utilizados por Emili, é possível pensar que o espaço mais próximo do conjunto era um pequeno parque que, além de distante, não tinha muito atrativo para as crianças. Conforme os dados numéricos, no bairro Santa Cândida há seis praças e no bairro Parolin há duas praças. No Santa Cândida, a praça mais próxima ficava a uma distância aproximada de cinco quilômetros. Emili foi a única criança que mencionou já ter ido nesta praça.

Conforme pode ser observado na figura a seguir, no bairro Parolin, Emili costumava frequentar duas praças próximas de onde morava, localizadas no bairro Guaíra, divisa com o Parolin. Eram espaços bem planejados com diversidade de equipamentos de lazer. A primeira, a Praça Ipiranga, ficava ao lado da escola onde estudava e lá existiam os seguintes equipamentos de lazer: uma cancha de futebol de areia, espaço para brincar na areia com um escorregador, um trepa-trepa, duas gangorras, uma academia ao ar livre e equipamentos de ferro e tronco para alongamentos e espaço coberto para jogo de bocha.

A segunda, Praça Bento Munhoz da Rocha Neto, no bairro Guaíra, ficava a cerca de dois quilômetros de onde Emili morava, ao lado da sede social de um clube de futebol, com amplo espaço de área verde, dois modelos de playground com escorregadores, trepa-trepa, cancha de futebol de areia, duas quadras, uma para futebol e outra para voleibol, uma academia ao ar livre, pista para caminhada, espaço para brincar na areia e muitos bancos distribuídos neste espaço. Já em relação a espaços de cultura, cinema, teatro e museu não há nenhum localizado no bairro Parolin. Em relação a espaços de lazer, é possível observar que a Emili sofre algumas restrições quanto ao acesso e a qualidade dos equipamentos no bairro Santa Cândida.

FIGURA 32 – PRAÇAS DO “LÁ” DA EMILI

a) Praça Bento Munhoz da Rocha Neto.



FONTE: Google Earth (2019)

b) Praça do Ipiranga

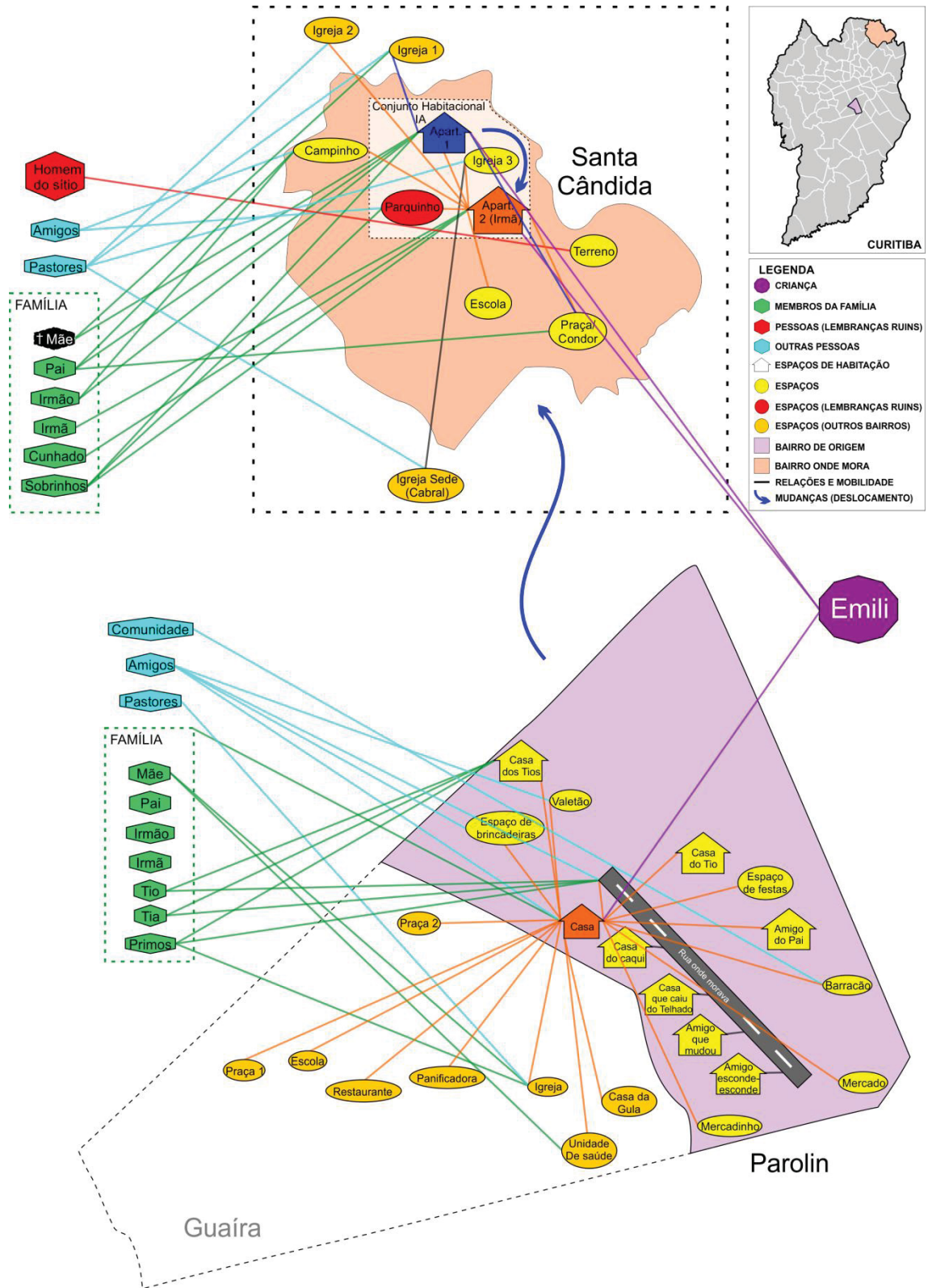


FONTE: Google Earth (2019)

Na figura a seguir, é possível observar uma síntese dos espaços frequentados e das relações sociais dos bairros do “AQUI” e “LÁ” de Emili.

- a) No Parolin, a rede de amizades e vizinhança de Emili era mais extensa, ela tinha uma infância brincante, mais mobilidade e acesso à rede de comércio e espaços de lazer entre os bairros Guaíra e Parolin e a mesma situação em relação à igreja e à Unidade de Saúde. Os espaços eram mais urbanizados. Havia medo da polícia e de dormir no chão, por causa dos ratos. A violência estava associada ao tráfico e usuários de drogas. A mãe estava presente.
- b) No bairro Santa Cândida, há uma redução de espaços de brincadeira e de contato com integrantes da família ampliada. Há Infância e trabalho infantil doméstico. Emili frequenta mais igrejas e tem menos mobilidade espacial à rede de comércio e espaços de lazer. A escola é longe. Há violência associada ao tráfico e usos de drogas. Ora mora com o pai ora com a irmã. Falecimento da mãe.

FIGURA 33 – SÍNTESE DOS ESPAÇOS FREQUENTADOS E DA REDE DE RELAÇÕES SOCIAIS DO “AQUI” E “LÁ” DA EMILI



Fonte A autora (2019) Elaboração: Daniel Basílio (2019).

4.5 CONTEXTUALIZANDO OS BAIRROS DO “AQUI” E DO “LÁ” DE VALTER

Os bairros que o Valter morou antes do reassentamento foram Butiatuvinha e Vila Hauer, denominados “INFÂNCIAS LÁ”, e o bairro atual, Santa Cândida, “INFÂNCIAS AQUI”. Foram selecionados alguns dados do IPPUC (2015) e Censo Demográfico do IBGE (2010) dos bairros “AQUI” e “LÁ” de Valter e, a partir desse contexto, foi possível uma breve contextualização dos bairros que oferecem mais qualidade de vida para as crianças.

Na Tabela 13, a seguir, os dados apontam que o bairro Butiatuvinha é o menos populoso e o que apresenta maior taxa de homicídios. Em relação ao déficit habitacional, é o segundo com maior taxa.

TABELA 13 – POPULAÇÃO, HABITAÇÃO E HOMICÍDIOS DO “AQUI” E DO “LÁ” DO VALTER

		População	Unidades de domicílios	Déficit habitacional	População dependente (0 a 14 anos)	Homicídios por 100.000
“AQUI”	Curitiba	1.751.907	635.631	5,34%	349.960	42,81
	Santa Cândida	32.808	11.343	7,76%	6.928	21,34
“LÁ”	Vila Hauer	13.315	4.877	5,46%	2.284	15,02
“LÁ”	Butiatuvinha	12.876	4251	5,98%	2.712	46,60

FONTE: IPPUC/IBGE CENSO DEMOGRÁFICO - 2010

Conforme indica a próxima tabela, sobre o número de estabelecimentos de indústria e comércio em relação ao total da população de cada bairro onde Valter morou/mora, é possível observar também que o bairro Hauer apresentava o maior número de estabelecimentos tanto comercial quanto de indústria em relação ao total da população do bairro. Já o Santa Cândida é o que tem menos estabelecimentos entre os três bairros.

Essa situação foi mencionada por algumas crianças, que disseram que era “chato” morar no bairro Santa Cândida, pois lá não tinha mercados e nem lojas próximas do local onde moravam. Na mesma tabela é possível verificar que o valor mediano da renda mensal no Hauer é maior que o do bairro Santa Cândida, estando acima do valor do município.

TABELA 14 – ESTABELECIMENTOS DE INDÚSTRIA/COMÉRCIO E RENDIMENTO MENSAL MEDIANO DO “AQUI” E DO “LÁ” DO VALTER

		% de estabelecimentos ativos - indústria em relação ao total de população	% de estabelecimentos ativos - comércio em relação ao total de população	Valor rendimento mensal mediano por domicílio
	Curitiba	0,73%	0,21%	2.300
“AQUI”	Santa Cândida	0,92%	2,45%	2.000
“LÁ”	Vila Hauer	3,70%	16,25%	2.520
“LÁ”	Butiatuvinha	0,92%	2,62%	2.000

FONTE: IPPUC/IBGE CENSO DEMOGRÁFICO, 2010/SME – Cadastro de lib. De alvarás e Ag. Curitiba, 2011.

Já na tabela seguinte (Tabela 15), é possível verificar, que, no período de 2005 a 2010, houve um aumento nas áreas de ocupação irregular no Butiatuvinha, valor que corresponde a (40%) do total da população deste bairro, enquanto na Vila Hauer essa questão é inexistente.

TABELA 15 – ÁREAS DE OCUPAÇÃO IRREGULAR 2005/2010 DO “AQUI” E DO “LÁ” DO VALTER

Cidade/bairros		Áreas de ocupação irregular 2005			Áreas de ocupação irregular 2010		
		População	Nº de unidades	Nº de ocupações	Nº de ocupações	Nº de unidades	População
	Curitiba	239.728	62.267	341	381	-	-
“AQUI”	Santa Cândida	3.611	938	25	25	-	-
“LÁ”	Vila Hauer	-	-	0	0	-	-
“LÁ”	Butiatuvinha	5171	1343	10	11	-	-

FONTE: COHAB e IPPUC - 2005/2010

Em relação a espaços de lazer (praças e parques), verifica-se que existem mais praças no bairro Santa Cândida e menos no Butiatuvinha. Já em relação a espaços de cultura (teatro, museu e cinema), no Hauer há um cinema e se observa a inexistência de teatro e museu em todos os bairros onde Valter morou, conforme indica a tabela abaixo.

TABELA 16 – ESPAÇOS DE CULTURA E LAZER DO “AQUI” E DO “LÁ” DO VALTER

	Parques	Praças	Teatro	Museu	Cinema
Curitiba	22	352	45	34	18
Santa Cândida	1 ²³	6	0	0	0
Vila Hauer	-	5	0	0	1
Butiatuvinha	1	2	0	0	0

FONTE: SMMA/PARQUES E PRAÇAS 2012 E IPPUC BANCO DE DADOS

A partir dos dados numéricos, é possível observar que entre os bairros onde o Valter morou, o que ofereceu mais qualidade de vida para as crianças foi o Hauer. Isso em relação à taxa menor de homicídios, acesso a um número maior de comércios e o valor mediano do salário acima do valor do município. Outra questão é o fato de não existir áreas de ocupação irregular nesta região que concentra 17,15% de crianças de 0 a 14 anos. O mesmo não ocorre com o Butiatuvinha, onde a taxa de homicídios é de 46,60% em relação ao Hauer (15,02 %) e ainda é o lugar onde 40% da população do bairro vive em áreas de ocupação irregular.

Na sequência, apresenta-se o que os dados qualitativos demonstram sobre os bairros “AQUI” e “LÁ” de Valter a partir das narrativas e visitas.

4.5.1 Valter, o menino que queria ser *youtuber*

Valter tinha onze anos de idade no momento da pesquisa, nasceu e morou no bairro Butiatuvinha até os cinco anos de idade. Depois, mudou-se para o bairro Hauer e foi nesse período que os pais se separaram. Lá morou por dois anos com a mãe e a avó materna, em casa de aluguel até o reassentamento, em 2014. No conjunto habitacional, ele e a mãe moram em um apartamento e a avó em outro. Comentou que gosta “mais ou menos” de morar no conjunto, devido a algumas situações com a síndica.

Em relação à antiga casa, gostava quando a mãe montava uma piscina: “porque lá tinha um monte de... tinha muito espaço. Eu acho que é tipo... tinha casa

²³ Apesar de ter sido inaugurado em 2013, o Parque das Várzeas do Atuba não consta nos dados do IPPUC.

no meio daí as borda assim era tudo livre assim, grama, tinha um monte de coisa (...). E comentou que não tinha ido mais neste bairro porque ficava muito longe.

No bairro atual, não frequenta nenhuma igreja, pois não tem mais “a célula²⁴ lá no salão de festas”, da qual gostava de participar. Devido a isso, ele disse que não tinha muito mais o que fazer no bairro. Em relação à organização da casa, disse que ajudava: “um pouco, a lavar louça, varrer a casa às vezes, passar o aspirador de pó no tapete...”.

Valter explicou que quando não está na escola, brinca no campinho de futebol com amigos e às vezes joga videogame. Gosta de morar no bairro porque tem muitos amigos. Sobre o antigo bairro, falou sobre um parque e o bar que tinha em frente da casa que morava e que frequentava com os pais.

Pesquisadora: Do quê que você brincava no bar?

Valter: No bar eu tinha... sobrava bastante bola assim, que... bola branca, assim, daí eu pegava bola e ficava jogando, assim. E também lá eu brincava em parque, em cancha, um monte de coisa.

Comentou que prefere morar no conjunto habitacional mesmo tendo menos lugares para brincar do que no bairro antigo:

Valter: Por causa que lá eu não tinha muitos amigos, aqui eu já tenho bastante.

Pesquisadora: E por quê que lá você não tinha muitos amigos?

Valter: Ah, quase todos... quase todo dia, todo mundo trabalhava, os meus amigos não tavam em casa...

4.5.2 Valter: infância “AQUI”: bairro Santa Cândida

No mês de março, Valter e eu caminhamos pelo bairro, durante um final de tarde, depois que ele chegou da escola. Mostrou o parquinho interno e disse que algumas crianças jogavam bola no gramado ao lado (espaço pequeno e íngreme), também comentou que não podiam jogar bola no espaço onde estacionavam carros (espaço mais amplo): “porque é perigoso acertar os carro”. Comentei com ele que Guinho tinha dito que não podiam jogar bola no gramado ao lado do parquinho e ele explicou:

²⁴ A célula que o Valter e outras crianças comentaram parecia ser uma filial de uma Igreja situada em outro bairro.

Valter: Não, poder pode, né? É que ele falou isso porque eles tavam jogando bola daí ele chutou a bola no vidro do salão de festas, daí quebrou, daí ele fala que não pode por causa disso.

Pesquisadora: E o que aconteceu, por ele ter quebrado o vidro?

Valter: Daí a mãe... por ele ter quebrado o vidro a mãe dele tá pagando o vidro, daí tá trincado o vidro, daí vão arrumar...

Depois mostrou a parte de trás do conjunto (um corredor com menos de três metros de largura por uns quinze de comprimento) “aqui nós brinca de mãe-se-esconde, anda de bicicleta... (aqui é) um espaço”. Ele também mostrou a lateral que dava de frente para a rua principal e para o campo de futebol. Sobre o relato de algumas crianças que disseram que ali não podiam brincar, pois seriam multados, ele explicou: “dizem que dá multa, tipo se ficar jogando bola ali, eles tipo vão dar uma multa de 500 reais e pouco, daí por isso que tipo quase ninguém brinca ali, daí teve... ontem os grande tava jogando bola, nós fomo ali jogar”. Falou que não sabia se já tinham multado alguém por brincar ali.

Fora do conjunto, ao lado do campo de futebol, me convidou para subir em um barranco de terra para mostrar o terreno onde costumavam brincar, como pode ser visto na figura a seguir. Até tentei subir com ele, mas com medo de escorregar desisti então ele indicou outro caminho. Sobre as brincadeiras ali falou: “aqui dá pra brincar de mãe-se-esconde, mãe-pegar, e na maioria das vezes nós brinca de mãe-se-esconde, que nós vai lá pra trás, assim, dá a volta e chega lá no canto”.

Este lugar era o mesmo que Mariana tinha mostrado, no entanto enquanto com ela seguimos em uma trilha para o lado esquerdo, ele apenas descreveu que seguindo o carreiro para o lado direito era possível chegar até o campo de futebol e a igreja.

FIGURA 34 – BRINCADEIRAS E ESPAÇOS DE BRINCADEIRAS/ VISTA DOS CONJUNTOS DO ESPAÇO ONDE BRINCAM



FONTE: Autora (2018).

Na Figura 34 é possível ver do terreno onde as crianças brincavam, o conjunto habitacional onde moravam. Valter comentou que não sabiam quem era o proprietário daquele terreno. Em seguida falou: “agora eu acho que dá pra ir lá pra pracinha, no Toni”. Esse era o parque que ficava no caminho do mercado mais próximo, que a Ingrid e o Guinho já tinham mostrado.

Valter: Eu venho nessa pracinha nos... mais nos final de semana mesmo, com a minha mãe, com a minha vó, com a minha tia, que a gente vem aqui, que a gente não tem nada pra fazer no final de semana, a gente vem aqui, ou vai num parque...

Assim como outras crianças, em outros momentos, a família também parava para descansar no parque: “porque tipo às vezes a gente vai ali no mercado, daí a gente compra muita coisa, daí tipo a gente fica cansado e a gente, às vezes, a gente senta ali naqueles banco que tem ali, daí a gente descansa, daí a gente volta”. Já o outro parque que mencionou foi o Bacacheri, que fica em outro bairro.

Valter estudou na escola integral e achava “um pouquinho longinho”, gostava de lá pelos amigos e brincadeiras. No início de 2017 ao passar para o sexto ano teve que mudar de escola. E nessa não tinha transporte gratuito como na escola

integral. Sobre não estudar na outra escola do bairro explicou: “porque tipo minha mãe... falam mal, mal, mal dessas escolas, que minha mãe tipo não me coloca assim (...) falam que dão droga pras crianças, essas coisa, bebida alcoólica”.

Ao passarmos em frente à Unidade de Saúde, comentou que antes da inauguração desta unidade, tinham que ir ao pronto atendimento 24 horas no bairro Boa Vista. Lá era preciso utilizar transporte e aqui podiam vir a pé. Naquela semana tinha ido buscar o resultado de alguns exames e tomado a vacina para HPV.

Valter gostava de assistir pelo canal do Youtube™ ao programa “Many Craft” e programas de youtubers em geral. Falou que gostaria de ser youtuber, pois “ganham muito dinheiro”. Sobre isso explicou:

Pesquisadora: Por quê que você gostaria de ganhar dinheiro?

Valter: Eu gostaria de ganhar dinheiro pra ajudar minha mãe a pagar as conta, comprar as coisas dentro de casa...

Pesquisadora: Que coisas você acha que seriam importantes ajudar tua mãe?

Valter: Pagar conta, comprar as coisas dentro de casa, ajudar a pagar a minha vó.

Pesquisadora: Que contas você gostaria de ajudar a pagar?

Valter: Ah, conta d'água, conta de luz, conta do gás.

Pesquisadora: E... conta pra tua vó. Quê que precisa pagar pra sua vó?

Valter: Pra minha vó, é que minha mãe tipo agora, como minha mãe tá desempregada, é minha vó que tá pagando as conta, daí minha mãe fala que com o dinheiro da pensão do meu pai que ele vai me dar ela vai pagar minha vó, e daí ela tem um cartão que ela vai usar pra comprar as coisa pra dentro de casa.

Comentou que, após os pais se separarem, o pai dele foi trabalhar e morar no litoral do Paraná, onde às vezes passava as férias.

Sobre o bairro atual, na opinião do Valter, é muito perigoso:

Valter: Porque já teve tiroteio, já teve traficante dando tiro pra cima.

Pesquisadora: E você já viu isso de perto?

Valter: Já.

Pesquisadora: Onde você estava?

Valter: Eu tava na minha janela, eu tava na verdade na janela da minha vó, daí os caras começaram a dar tiro pra cima, e teve troca de tiro com policial, ali pra baixo.

4.5.3 Valter: infância “LÁ”: bairro Vila Hauer

No mês de março, Valter, sua mãe e eu fomos até o bairro Hauer. Neste dia Valter estava ansioso, disse que também gostaria de ir ao bairro Butiatuvinha, lugar onde tinha nascido e naquele momento combinamos de agendar uma data.

A mãe de Valter foi indicando o caminho para chegarmos ao bairro Hauer, assim que Valter reconheceu que estávamos próximo, passou a indicar o trajeto. Primeiro fomos até o local da antiga casa que ficava na esquina de uma rua bem movimentada e lá mostrou o pé de pinheiro que tinha comentado e o espaço onde brincava com os primos na pequena piscina que a mãe montava. Falou que tinha amigos no bairro, mas não sabia se ainda moravam lá. Mostrou o bar, conforme já mencionado, que ficava em frente à antiga casa e falou sobre mudanças que observou.

é, que modificaram ele, que o muro dele era rosa, e ele também era rosa, e que quando meu pai queria beber ali, ele... eu perguntava se eu podia ir junto, ele deixava, ele ia beber, eu ficava do lado dele, daí ele ia jogar sinuca, eu ia jogar junto com ele.

Em seguida, fomos ao parque que costumava brincar, disse que não ia lá sozinho “porque é muito perigosa as ruas”. Nesse tempo, a mãe dele explicou como conseguiram um apartamento no conjunto habitacional.

É que assim, o dono... o rapaz da associação de moradores do Parolin, a minha tia indicou a gente pra ele, falou da minha mãe, falou que ela pagava aluguel, daí ela pegou e falou de nós pra ele, daí ele pegou e falou pra gente fazer a inscrição na Cohab, porque a gente não tinha ainda, daí a gente fez e levamos a inscrição lá pra ele, daí a gente conseguiu.

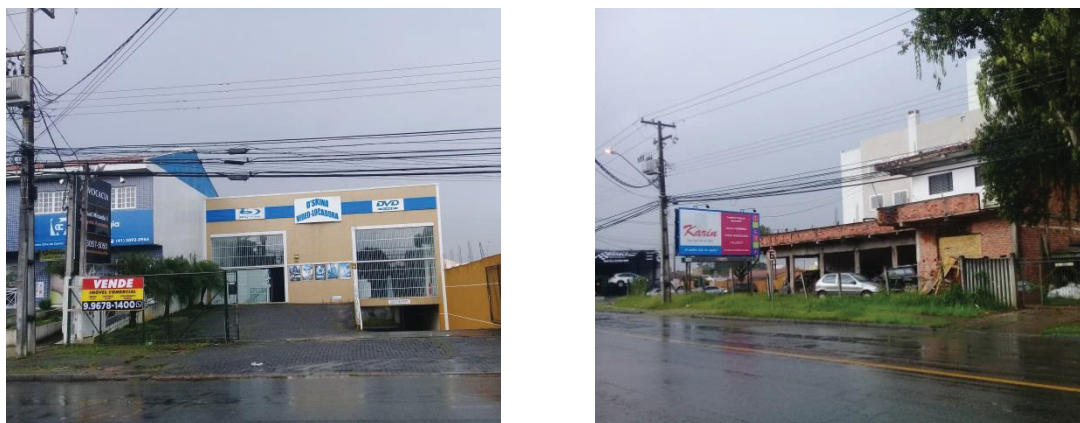
Após a inscrição, aguardaram por quatro anos até serem contemplados. Assim que chegamos na praça, Valter mostrou alguns espaços e falou sobre algumas brincadeiras: “eu ficava jogando bola e aqui nós andava de bicicleta, nós ficava dando a volta assim (...) com a minha tia, com a minhas prima, com a minha mãe, com a minha vó”. O parque ficava em um espaço amplo e tinha muitos equipamentos como: canchas de areia, de basquete, parquinho infantil e uma academia ao ar livre. Disse que ali conheceu muitas crianças que brincavam naquele espaço: “ninguém se conhecia, mas nós ia se enturmado”.

Enquanto brincava em um dos equipamentos da academia ao ar livre, Valter falou sobre uma escolinha de futebol que tinha frequentado por dois anos. Disse que na escola entregaram panfletos sobre essa escolinha e que no primeiro momento não pode participar: “ó, vou falar pra minha mãe direto me pôr, daí eu mostrei pra ela, ela falou bem assim, que ela não tinha dinheiro porque ela ainda não tava trabalhando, daí a hora que ela conseguiu trabalho ela me pôs e foi”.

Nesse dia ele estava usando o uniforme desta escolinha, no entanto já não frequentava mais devido a problemas financeiros. Queixou-se e disse que o uniforme da escola de futebol tinha sido muito caro e que as crianças que faziam escolinha não podiam entrar na piscina, que era apenas para pessoas associadas, mas tinha muita vontade de entrar. Disse que assim que a mãe conseguisse novamente um emprego ele voltaria para a escolinha de futebol.

Em seguida, quis mostrar a locadora de filmes onde costumava ir com o pai, a mãe disse que lá não tinha nada de interessante, mas mesmo assim ele fez questão de mostrar. Próximo a esta locadora ele mostrou uma empresa de “ferro-velho” e disse que gostava de olhar os carros velhos enquanto aguardavam o transporte público no ponto que ficava em frente, conforme figura abaixo.

FIGURA 35 – LOCADORA E LOJA DE FERRO VELHO



FONTE: Autora (2018).

Durante o período em que morou neste bairro não conseguiu vaga em escola próxima, e assim frequentava uma que ficava no bairro Parolin. Para chegar até essa escola era preciso atravessar a BR 116 e, quando não tinham dinheiro para a passagem, algumas vezes ele e a mãe iam caminhando, outras vezes a mãe o levava de bicicleta.

Ficou ansioso e perguntou se poderíamos ir até lá, pois gostaria de mostrar a cancha que ficava próxima desta escola, onde costumava brincar após o horário de aula, que pode ser visualizada na figura a seguir. Sobre esse espaço comentou:

Valter: Quase todo dia, quando a minha mãe vinha me buscar, ficava jogando bola, daí ela ficava na minha tia e eu ficava aqui jogando bola e quando a gente ia embora ela vinha me buscar e a gente ia lá pro ponto.

Pesquisadora: Você vinha lá da casa onde você me mostrou até aqui, como que você vinha?

Valter: Tem vezes que a gente vinha de a pé, e tem vezes que a gente vinha de bicicleta, ou de ônibus.

Pesquisadora: Você acha perto ou longe?

Valter: É longe.

FIGURA 36 – CANCHA AO LADO DA ESCOLA NO BAIRRO PAROLIN



FONTE: Autora (2018).

Já ao final do passeio, enquanto retornávamos para o bairro onde morava, Valter perguntou se poderíamos passar em frente do “Campo da Império”, Estádio do Coxa e do Estádio do Atlético Paranaense. Ainda não tinha conhecido o segundo e, assim que chegamos, pediu para a mãe tirar uma foto dele em frente a esse estádio. A mãe era torcedora do time rival e ele fez muitas brincadeiras sobre isso, ele falou que achava que ela não estava gostando de estar ali. Percebi que ela estava feliz pela alegria do filho.

Em seguida, fomos ao outro estádio, desta vez do time que a mãe torcia. Da mesma forma Valter quis tirar fotos. Na entrada tinha uma loja de produtos e Valter perguntou se podíamos entrar. Ao ver chuteiras e camisa deste time falou que estava quase mudando de time. Uma das chuteiras que mostrou tinha a marca CR7 e ele explicou o que significava (Cristiano Ronaldo).

4.5.4 Valter, ainda Infância “LÁ”: bairro Butiatuvinha

Foi em uma tarde de domingo, mês de setembro que Valter e sua mãe me acompanharam até o bairro onde Valter tinha nascido. Já nas mediações ele mostrou um consultório odontológico e disse que já tinha ido lá acompanhar o pai em uma consulta. Em seguida, fomos até a casa onde tinha nascido e morado até

um ano de vida, a casa ficava em um terreno grande com várias casas antigas de madeira construídas, uma atrás da outra para aluguel. A mãe dele contou que depois alugaram outra casa, no terreno ao lado desta primeira casa, melhor e com valor mais baixo de aluguel, onde moraram até o Valter completar cinco anos.

O menino disse que a madrinha dele ainda morava atrás da primeira casa e quis ir vê-la. Ambos ficaram felizes pelo reencontro e a madrinha deu a ele cinquenta reis. Ele aproveitou e pediu uma sacola para pegar alguns limões no terreno da antiga casa, enquanto isso, a mãe dele mostrou a casa onde o pai do Valter morava quando se conhecerem naquele bairro.

FIGURA 37 – PRIMEIRA CASA – VALTER



FONTE: Autora (2018).

FIGURA 38 – SEGUNDA CASA – VALTER



FONTE: Autora (2018).

Em seguida, Valter quis mostrar a creche que frequentou, ficava bem próxima dali. Antes de chegarmos, ele comentou sobre pés de amorinha que tinha no caminho da creche. Para chegar até lá era preciso dar a volta em um terreno, mas eles costumavam cortar caminho por um carreiro que se iniciava em frete da casa deles. Neste caminho tinha muito mato e lixo espalhado. A mãe dele disse que no terreno ao lado da entrada da creche, um tempo atrás, foram construídas casa provisórias para famílias que em seguida foram reassentadas. As casas já tinham sido desmanchadas.

Na sequência, ele quis mostrar a praça onde a mãe o levava para brincar. Assim que avistou esse espaço ficou impressionado, pois tinha um campo de futebol novo, agora com grama sintética, o que antes era de areia. Essa era a praça Vêneto, que já foi mencionada (ver Figura 4). Espaço amplo com academia ao ar livre e playground infantil em região próxima a comércios. Tinha algumas crianças jogando

futebol e ele passou um tempo observando. Na rua principal, em frente a essa praça, tinha uma locadora que ele disse que lembrava que ia com o pai.

Em seguida, pediu para mostrar uma pista de skate que ficava em outra praça, em frente ao terminal de ônibus, no bairro Santa Felicidade. Quando passavam pelo terminal disse que sempre pedia para ir lá, mas a mãe não o levava, pois se saíssem do terminal tinham que pagar outra passagem. Correu e subiu nas pistas.

Tínhamos combinado de fazer um lanche e ele sugeriu que fossemos na lanchonete que ficava dentro do terminal, o acesso era pelo terminal, mas ele mostrou um buraco entre na parede do terminal (tijolos vazados) e a Rua da Cidadania onde fizemos o pedido e pegamos o lanche. Assim não precisamos pagar a passagem para entrar no terminal e ir até a lanchonete. Valter insistiu em pagar o nosso lanche com o dinheiro que tinha ganhado da madrinha, mas lembrei a ele que não havíamos combinado isso. Após o lanche, mostrou a quadra que brincava na Rua da Cidadania e observou que tinha um parquinho novo.

FIGURA 39 – PISTA DE SKATE



FONTE: Autora (2018).

FIGURA 40 – ESPAÇO ONDE SE PAGA E PEGA O LANCHE



FONTE: Autora (2018).

A mãe dele comentou que quem depende de aluguel, mora em qualquer bairro, pois é o valor pago que geralmente direciona essa escolha. Explicou que antes do nascimento de Valter já tinha morado em vários bairros e só no Pinheiros, próximo dali, tinham morado em três casas diferentes. Ao final, Valter quis dividir os limões comigo, disse que dava para fazer muitas limonadas gostosas.

A partir dos dados quantitativos e qualitativos dos bairros do “AQUI” e “LÁ” de Vagner, observa-se que tanto os dados quantitativos quanto os qualitativos apontam para o bairro Hauer como lugar bom de viver a infância, com infraestrutura, equipamentos de lazer e comércios em geral.

O mesmo não acontece com o bairro Butiatuvinha, onde dados mostram que tem aumentado o número de ocupações e nesta região mais de 40% da população vive em áreas de ocupação irregular. Outro dado é que mais de 20% desta população é composta por crianças e adolescentes de (0 a 14 anos), sendo assim parte delas vive em espaços precários.

Com relação a áreas de lazer nos bairros onde Valter morou, percebe-se que, para além da quantidade, a qualidade dos espaços tem relação com o local onde se encontram. A Praça Vêneto está localizada próxima da divisa com o bairro Santa Felicidade, ponto turístico da cidade de Curitiba. Nesse bairro são preservadas culturas trazidas pelos imigrantes italianos e que têm forte tradição gastronômica com mais de trinta restaurantes, vinícolas e cantinas de vinho. Talvez esse seja o motivo da preservação e inovação deste espaço, onde circulam pessoas de outras cidades e países.

Já o bairro Santa Cândida não tem nenhum atrativo turístico a não ser os novos conjuntos habitacionais para população de baixa renda, que estão sendo construídos nas regiões mais afastadas do bairro. Bauman (2007) comenta que a estratégia mais comum em relação a vigilância a medo na cidade é de que “os moradores sem meios, e por isso vistos pelos outros como ameaças potenciais à sua segurança, tendem a ser forçados a se afastar das partes mais benignas e agradáveis da cidade [...]” (BAUMAN, 2007, p. 79).

Outra situação observada é que parece haver um miniprocessos civilizador em que a síndica, por meio de multas e normas internas, tenta impor às crianças e familiares. Em relação ao parque que existe no bairro Santa Cândida, mas, distante dos conjuntos, como já mencionado, esse é um lugar de passagem, sem atrativos para as crianças. Devido a isso, relatam que vão ao Parque Bacacheri, em outro bairro, que fica a uma distância aproximada de 7 km.

É interessante a questão que Valter relata sobre o trajeto até o terminal de ônibus que fica em Santa Felicidade, quando menciona o desejo que tinha de ir até a praça que fica em frente deste terminal, mas havia a restrição “financeira” que o impedia, o valor da passagem do ônibus. Em uma breve descrição do que

continham as praças Vêneto e Alfredo Hauer talvez seja possível entender que no bairro Santa Cândida há uma possível negação de direito ao lazer às crianças que vivem nessa região. Enquanto no parque do Santa Cândida Valter podia brincar em um espaço onde tinham dois bancos, um trepa-trepa e um escorregador, lá na Praça Venêto ele tinha acesso a espaço com uma quadra para futsal, com dois vestiários de container, uma academia ao ar livre, playground com um escorregador, um trepa-trepa, duas gangorras, espaço para andar de bicicleta e brincar na areia. Já na Praça Alfredo Hauer, ele tinha acesso a espaço para andar de bicicleta, playground infantil, academia ao ar livre, canchas de futebol, basquete e vôlei.

Pensando sobre isso, é possível lembrar que, para Rechia *et al.* (2015), o lazer é um dos campos de intervenção e atuação do poder público e um direito social garantido na constituição e, “desta forma, o governo e seus governantes devem atentar-se para a necessidade da construção de políticas públicas na área em questão que visem de fato a garantia deste direito a todos os cidadãos de forma democrática e com qualidade.” (RECHIA *et al.*, 2015, p. 226).

Ainda sobre os dados qualitativos, é possível observar mudanças que ocorrem nas redes familiares de Valter, uma delas é o distanciamento da figura do pai e outra é que, mesmo com as mudanças de residência, a avó e a mãe ainda estão por perto. A criança é um ser social que aprende pelos processos de interdependência. Os espaços relacionais da infância de Valter são tecidos por relações de poder tanto da Cohab quanto do presidente da associação de moradores do bairro onde a tia morava e que, de certa forma, colocaram ele, a mãe e avó para morar no Santa Cândida.

Na rede de interdependência do Valter, é possível observar que, em função das mudanças de bairros, as amizades são lembradas e os laços mais fortes são atualmente tecidos no campo de futebol, que em suas narrativas são bem significativas pelo fato da proximidade e continuidade.

Em relação a valores sociais, pelo fato de poder acessar a internet com mais facilidade que outras crianças moradoras no conjunto, ele tem consciência de privações que tem em sua rede e, devido a isso, passa um tempo de sua infância desejando ser um *youtuber* e, assim, poder ajudar a melhorar essa situação.

Outra questão são as cadeias de ligações mais complexas, como no caso da relação do espaço com a violência, onde Valter mora. Em alguns momentos, a violência parece normalizada e em outros trazem sentimento de medo. Ainda em

relação a cadeias mais complexas, como no caso da escola, para Valter, parece exigir sempre um esforço a mais para que frequente. No caso do Santa Cândida, parece haver uma negação do direito em frequentar uma escola, pois desde que chegaram pra morar, ainda aguardam a construção de uma escola próxima ao conjunto.

Já em relação a espaços de lazer (praças), é possível observar um número maior de equipamentos no Santa Cândida. A partir das narrativas das crianças e das visitas realizadas com elas é possível ter uma dimensão do que significa a quantidade de praças e parques em relação ao acesso e qualidade dos espaços na rotina das crianças.

Conforme se pode comparar na figura a seguir, no caso de Valter, quando morou no Butiatuvinha, das duas praças existentes no bairro, uma era próxima de sua casa e ele ia com frequência. Já no Hauer das cinco praças, uma delas era acessível e também ia com frequência. Enquanto no bairro Santa Cândida, das seis praças, nenhuma fica próxima de onde mora. O equipamento de lazer mais próximo é o Parque das Várzeas do Atuba, que, além de distante, não tem muitos atrativos para as crianças, tais como nas praças do Hauer e Butiatuvinha/Santa Felicidade.

FIGURA 41 – ESPAÇOS DE LAZER (PRAÇAS E PARQUES) DO “AQUI” E “LÁ” DE VALTER

A) Parque Várzeas do Atuba – Santa Cândida



FONTE: Autora (2017).

B) Praça Vêneto – Butiatuvinha



FONTE: Autora (2018).

C) Praça Alfredo Hauer -Vila Hauer



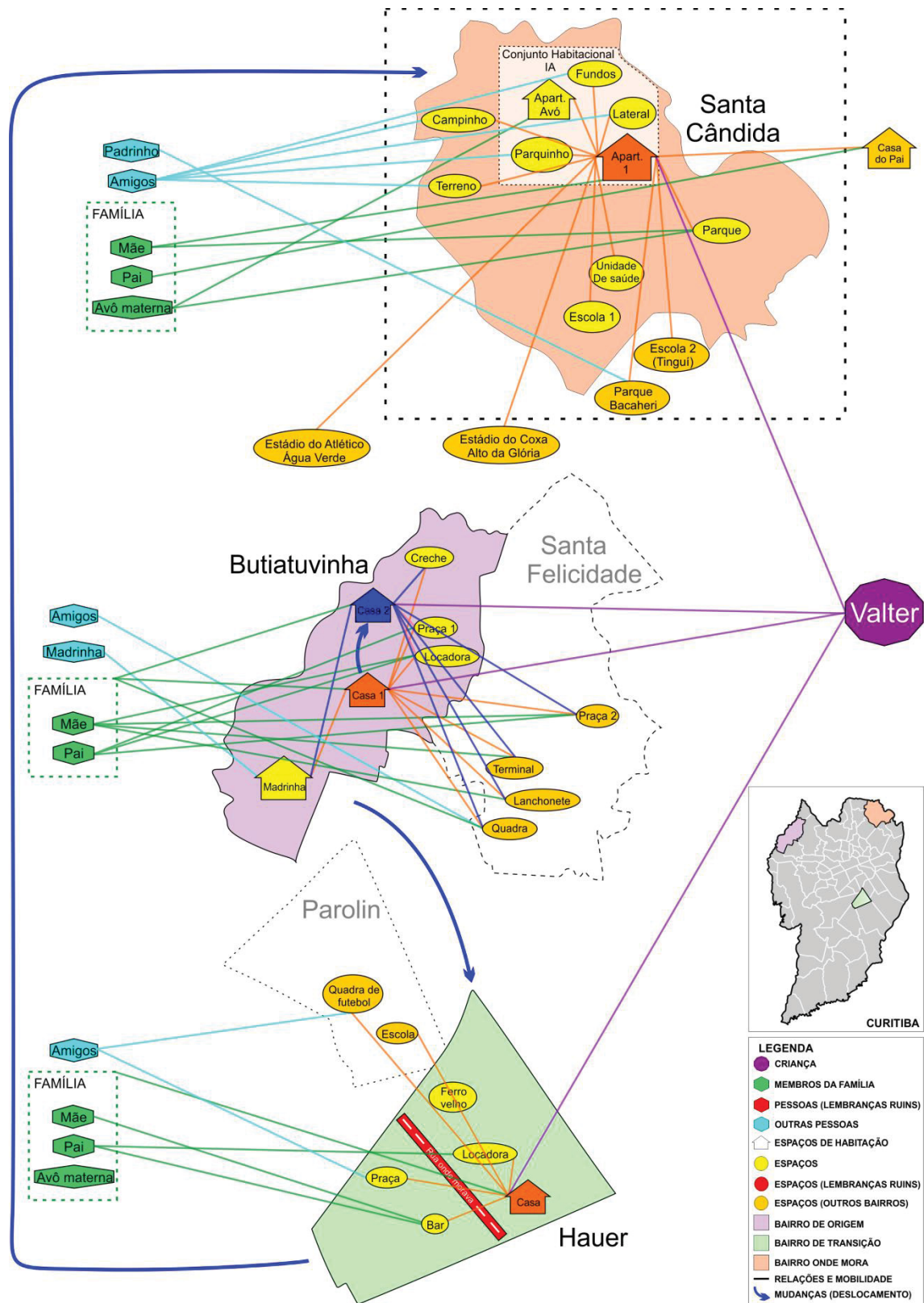
FONTE: Google Earth (2019).

Resumindo:

- c) No bairro Hauer, mais urbanizado, ele frequentava escola em outro bairro, as redes de amizades eram maiores e a praça mais próxima era mais ampla com muitos equipamentos lazer, menos violência, havia acesso a comércio, medo do movimento das ruas, o pai estava próximo, a mãe tinha emprego, existia uma infância brincante, havia relações de poder da figura de um político de outro bairro, uso da locadora/lembrança do pai.
- d) No bairro Santa Cândida, paixão pelo futebol, desejo de ser *youtuber*/ganhar dinheiro para ajudar nas contas (água, luz, gás e coisas de casa), redução de espaços de brincadeiras e de locais de comércio e lazer, amizades fixas, infância brincante, sonhos (ser jogador, conhecer espaços que tem relação com futebol), o pai não está próximo, há acesso à internet, desejo de frequentar escolinha de futebol e emprego para a mãe, escola longe.
- e) No bairro Butiativinha, proximidade com violência, lembrança do pai, mudou de casa duas vezes/aluguel, boas lembranças da creche e da madrinha, qualidade da praça que fica em Santa Felicidade, desejos (pista de skate).

Na figura a seguir é possível observar uma síntese dos espaços frequentados e das relações sociais dos bairros “AQUI” e “LÁ” de Valter.

FIGURA 42 – SÍNTESE DOS ESPAÇOS FREQUENTADOS E RELAÇÕES SOCIAIS DE VALTER



Fonte A autora (2019) Elaboração: Daniel Basílio (2019).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal da pesquisa era entender as mudanças que ocorrem nas redes de interdependência de crianças em processo de remoção-reassentamento quando mudam de bairro. Dessa forma, a partir de visitas e da fala das próprias crianças, identificou-se como essa mudança de bairro/reassentamento foi interferindo nas redes de interdependência das crianças nas questões referentes à moradia, ao lazer, à cultura, à família, às amizades, aos espaços de brincadeira, à mobilidade e à vizinhança de crianças reassentadas no bairro Santa Cândida.

Para isso, as visitas aos bairros e as falas das crianças a respeito de suas vivências nos bairros “AQUI” e “LÁ” foram as principais fontes de informação. Com essa opção metodológica, buscou-se conhecer, a partir de seu olhar e narrativa, os espaços de diferentes bairros. Dessa forma, e a partir dos atuais estudos sobre a infância na cidade, observa-se que há um reconhecimento, a partir da análise das percepções e perspectivas das próprias crianças, de que elas revelam um mundo social ímpar (SARMENTO, 2018 p. 233).

Para a estruturação desta pesquisa foi fundamental a compreensão dos estudos de Norbert Elias, dos conceitos de configuração, redes de interdependência e de “indivíduo e sociedade”, que constituíram o marco conceitual dessa pesquisa e que perpassaram a construção do objeto de estudo. Tais conceitos evidenciaram que, para se entender os problemas da sociedade, há a necessidade de conceber o indivíduo em uma rede de interdependência e, dessa forma, similar a um jogo, a configuração se dá a partir das ações de um grupo de indivíduos interdependentes. Ou seja, conforme a teoria das teias de interdependência de Elias é possível explicar os processos sociais de interação humana nos espaços da cidade.

O modelo de investigação que Elias defende é multifuncional, pois considera as interdependências como um conjunto de dimensões irreduzíveis no processo civilizador, sendo assim, nesta pesquisa, três dimensões são consideradas fundamentais. A primeira é a política como locus de economia da ordem legal e do monopólio legítimo da força. Nesta pesquisa isso ficou nítido na relação entre a política de cidade e a política imobiliária, quando incentiva-se a retirada de pessoas que supostamente ocupam “áreas de risco” e estas são reassentadas nas bordas da cidade, ou seja, “quase fora da cidade” em lugares precários sem infraestruturas e diferente dos locais de onde foram retiradas.

Já a segunda, a sociológica, evidenciou-se quando se verificou que as redes de interdependência das crianças sofreram alterações na separação da família ampliada, nas redes de amizades e vizinhança, além da restrição de acesso a espaços públicos relacionados à saúde, à educação, ao lazer e ao comércio em geral.

Em relação à terceira dimensão, a ordem psíquica, isso pôde ser visto na forma com que os reassentamentos, em muitos casos forçados, interferiram na ordem psicológica das pessoas que se sentiram ainda mais sem poder, sem prestígio, estigmatizadas e ainda mais periféricas do que já estavam. Outras questões observadas na rede de interdependência das crianças e que interferiam na ordem psíquica, foram relacionadas a questões de gênero. Eram as meninas que exerciam, na maioria das vezes, o trabalho doméstico e eram elas, crianças, que cuidavam de crianças menores o que demonstrou uma rede cheia de tensões e uma responsabilização precoce do cuidado com o outro. Houve ainda uma forte produção e circulação de significados, como meio de orientação na configuração, relacionado ao papel das avós. E pelo fato de, por muito tempo não terem tido uma moradia digna, e quando tiveram acesso, esta ficava distante de tudo, criaram um sentimento de que estavam “largados”, esquecidos, mais uma vez, pelas políticas públicas.

Assim, as manifestações das crianças da pesquisa foram analisadas dentro do seu contexto simbólico, da ações e dos significados que produziram e do que aprenderam dentro dessa configuração específica, na interdependência com seus pares e também com os adultos com os quais conviviam. Neste sentido, mais do que olhar cada resposta individual o que se procurou fazer nesta pesquisa foi uma análise configuracional, processual, de crianças pobres reassentadas em Curitiba neste momento histórico em que estão vivendo.

Foi muito importante conhecer e descrever de maneira o mais densa possível as histórias de vida das crianças, as dificuldades das famílias para, assim, compreender como suas configurações sociais se formavam. Assim o que essa dissertação objetivou foi mais do que observar e registrar pontualmente o que as crianças faziam no seu cotidiano, mas, a partir de Elias e da sociologia processual, criar os nexos do que ocorria nesse cotidiano, amarrar os fios, ver os significados, as interpretações e os discursos que configuravam essas crianças na relação com território, classe, gênero, geração.

Foi a partir dessa compreensão que foi possível analisar as configurações sociais das crianças reassentadas. Desse modo, ficou evidente que as redes de interdependências das crianças nos bairros de origem e atual são influenciadas não só pelas políticas de habitação popular, mas, também, por suas condições econômicas, espaciais e culturais. A compreensão dessas diferentes condições possibilitou pensar de que forma os reassentamentos alterariam as redes de interdependências das crianças reassentadas. Em relação às configurações de políticas de habitação popular no Brasil, verificou-se que nas últimas décadas muitas tensões vêm ocorrendo nas esferas econômicas e políticas. Tais esferas são potencializadas por ocupantes de certas posições sociais. Observou-se que o valor de “uso” dos espaços nas cidades vem perdendo espaço para o valor de “troca” e, assim, o valor social da moradia está em decadência em relação ao valor imobiliário. Isso pode ser evidenciado no caso de Luana, quando esta morava no bairro Pinheirinho, e que, devido à valorização imobiliária daquele espaço, sua família e várias outras foram removidas e reassentadas em outros bairros.

Ficou explícito, a partir dos estudos teóricos realizados, que remoções e reassentamentos têm ocorrido em escala global em função da financeirização da moradia, associados à implementação de grandes projetos em diferentes contextos. As remoções e reassentamentos podem ser violentas e realizadas por policiais ou militares. Escritura e registro em cartório de propriedades de terra são formas de exclusão e de perda territorial para projetos de expansão e infraestrutura, renovação pós-desastres e renovação urbana, que culminam em remoções e reassentamentos forçados (Rolnik, 2015).

O progresso do complexo imobiliário financeiro impacta o direito à moradia e o direito à cidade. Conforme observado, de forma geral, é o mercado imobiliário que define, e não as prefeituras, onde serão construídos conjuntos habitacionais populares. Dessa forma, a construção de conjuntos habitacionais populares é marcada pela exclusão que afetam o sistema de distribuição de capital social e cultural. Outra questão é o estigma territorial em relação à moradia popular, entendida como depósito de pobres, grupos que estão à margem da sociedade (BAUMAN, 2003).

Observa-se que a maioria das pesquisas sobre infâncias e crianças geralmente são realizadas dentro de instituições, como a escola, por exemplo. Para os propósitos desta investigação, optou-se por proceder à pesquisa no espaço de

moradia, entendendo que, assim, seria possível compreender/vivenciar como são tecidas as relações a partir de tal espaço.

Compreender a sociedade a partir das crianças só é possível se primeiro entendermos que elas são sujeitos singulares em relação de interdependência com muitas outras pessoas separadas, por isso não podem ser estudadas como parte da sociedade, mas, sim, como produzindo a sociedade como um todo. As configurações das infâncias na contemporaneidade são complexas e só podem ser compreendidas por meio das relações de interdependência, que são mutáveis e tecidas pela distribuição de poder e pelo equilíbrio de tensões.

Por meio dos relatos das crianças foi possível observar diferentes formas de poder, partindo de pessoas e instituições que se cruzam em suas redes de interdependência. A Cohab, em parceria com a Prefeitura, citada por várias crianças como responsável em determinar onde e como deveriam morar, inclusive orientava a destruição das antigas moradias. Outras formas de poder que ficaram evidentes foram às figuras do político e do líder comunitário, que também desempenham um papel importante nas configurações sociais das crianças. Em alguns momentos, eles ajudavam na conquista da moradia e, em outros, induziam a morar de forma inadequada, desde que seu interesse (o político, por exemplo) fosse atingido (que ele ganhasse a eleição).

Já a figura da síndica é aquela que tinha o poder de determinar o lugar da criança no conjunto habitacional, inclusive, o lugar de brincadeira de criança, enquanto, o poder relacionado à mãe deveria ser aquele de zelar pelo cuidado dos filhos, “eles tem de estar no olho delas”. As crianças tinham que estar em local onde o olhar da mãe alcançasse. Isso pode ser motivado pelas questões relacionadas à violência, relatadas pelas crianças. Já a professora era vista com uma pessoa que teria o poder de moralizar e dizer o que é certo ou errado.

Para se compreender as infâncias e as crianças é preciso compreender a estrutura social em que estão inseridas. No caso destas crianças, elas foram retiradas dos bairros antigos e colocadas em outro, algumas por escolha (induzida) e outras sem direito a escolha. Essas situações causaram constrangimentos e tensões na individualidade de cada criança.

Os reassentamentos interferiram de forma direta em suas relações afetivas, tanto com ruptura de laços de amizades antigos quanto na conquista de novas amizades. As relações familiares também sofreram interferências, no caso de Laura,

a avó e primos foram reassentados na região sul enquanto que ela, a mãe e os irmãos na região norte. Já no caso de Guinho e de sua irmã, Mariana, parece ter sido um alívio terem sido afastados dos tios, que tinham envolvimento com drogas, mas, no bairro atual, essas questões também estão presentes e ainda sofreram interferências em suas redes de lazer, contato com família ampliada e acesso à escola.

A vida social é uma trama carregada de discrepâncias e intenções de grupos e associações de pessoas com passado e futuro em um movimento contínuo com deslocamentos rápidos ou lentos, são configurações vivas e abertas. Cada indivíduo faz parte de um determinado lugar, tendo ou não uma casa para morar. Disposto em uma ordem oculta, pode lembrar-se do que vive ou viveu, se tem ou não uma renda, no entanto, por mais que queira, não pode, de forma espontânea, escolher mudar de função, lugar de moradia e emprego à hora que quiser. Neste sentido foi observado, conforme relatos, que algumas famílias tiveram interferência em suas redes de trabalho devido à distância e ainda no caso das famílias que trabalhavam com recicláveis, o local atual não permite esse tipo de trabalho.

A divisão do trabalho doméstico, mais especificamente o das meninas, foi trazida na fala das crianças. Isabela tinha a responsabilidade com os cuidados da casa e da avó materna, Laura cuidava do sobrinho e da organização da casa junto com a mãe, Mariana, com sete anos, ajudava na organização da casa, Emili cuidava dos sobrinhos e organizava a casa. Já Guinho ajudava o pai a instalar e regular antenas. Conforme UNICEF (2016), dados indicam que as meninas dedicam mais tempo ao trabalho doméstico que os meninos. Conforme as meninas vão crescendo esse tempo aumenta. Esse arranjo desigual de trabalho doméstico entre crianças inclusive da continuidade aos estereótipos de gênero e sobrecarrega as mulheres por gerações.

Dentro dos possíveis danos que o ingresso ao trabalho infantil pode manifestar está o “abandono da vida escolar, que reprisa o ciclo da pobreza e exclusão social, consolidando as desigualdades de gênero e raça, além de prejudicar o desenvolvimento físico e psicológico saudáveis da criança e do adolescente” (PORTO, DORZ, 2018, p. 16). Culturalmente, os serviços de casa são considerados como tarefa de meninas.

Várias situações relacionadas ao medo foram relatadas pelas crianças, medo de dormir no chão com ratos, medo de pessoas gritando, medo de policiais e armas,

de traficantes. A religião aparece como possibilidade de amenizar o estresse e as meninas são as que mais frequentam. A igreja é o único espaço nas mediações para convívio social e são as meninas quem mais frequentam. A figura da mulher como rede de apoio, no caso da avó de Valter, que em momentos de dificuldade financeira, parece ser a base de equilíbrio que dá suporte para ele e a para sua mãe dele. Zaluar (1995) coloca que a proporção de famílias chefiadas por mulheres tem aumentado, muitas destas vivem abaixo da linha da pobreza. Nesse sentido, observou-se que tanto a Luana quanto o Valter vivem essa realidade, mães com pouco estudo e dificuldade em acessar emprego.

Outra questão é o papel da avó na família contemporânea. Neste sentido Cardoso e Brito (2014) ao realizarem uma pesquisa com avós trazem temáticas tal como as modificações na família contemporânea e as relações intergeracionais e assim constataam que na atualidade “as avós ocupam lugar central na vida de suas famílias, participando ativamente do cotidiano dos netos, proporcionando apoio afetivo e, por vezes, financeiro.” (CARDOSO; BRITO, 2014, p.433)

Para finalizar, ressalta-se que as crianças reassentadas sofreram/sofrem restrições em suas redes, no que se refere ao acesso a espaços de cultura (teatro, cinema e museu), em todos os bairros por onde passaram. Mas, especificamente no bairro Santa Cândida, parece que, na visão das políticas de habitação popular, a escola não é direito e nem prioridade para crianças, já que tinham que andar mais de 2,5 km até a escola mais próxima. Outra questão é a do direito social ao lazer (praças, parques) que as crianças não tiveram garantido, quando foram morar no bairro. Entre as justificativas dos reassentamentos constava a de que foram retiradas de situações de vulnerabilidade, mas, no entanto, foram colocadas em lugares muito próximos de tal situação de vulnerabilidade, em local ainda mais afastado onde não existem nas proximidades equipamentos de lazer, comércio e escola. Dessa forma, o campo de futebol é o espaço mais próximo de lazer e socialização das crianças moradoras do conjunto habitacional. Assim, conclui-se que a configuração das infâncias dessas crianças pobres da pesquisa têm direitos básicos não efetivados e não cumpridos pelo poder público que interferem diretamente nas redes de interdependência destas crianças.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, S. Vinte e dois anos de política de habitação popular (1964-86): criação, trajetória e extinção do BNH. **Revista de Administração. Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n.4, p. 107-119, out./dez.1988.
- AZEVEDO, S.; ANDRADE, L. A. G. A trajetória recente da política de habitação popular. In: AZEVEDO, S.; ANDRADE, L. A. G. **Habitação e poder**: da Fundação da Casa Popular ao Banco Nacional Habitação. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2011, p. 69-96. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 05 mar. 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BONDUKI, N. G. Origens da habitação social no Brasil. **Análise Social**, v. 24, n. 127, p. 711-732, 1994.
- BRASIL. Ministério do Planejamento. Infraestrutura Social e Urbana. Urbanização de assentamentos precários. PAC 2018. Disponível em: <http://www.pac.gov.br/infraestrutura-social-e-urbana/urbanizacao-de-assentamentos-precarios>. Acesso em: 07/06/2018.
- BRASIL. Senado Federal. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=534256&id=14227624&idBinario=15638167&mime=application/rtf>. Acesso em: 18 jan. 2018.
- BRASIL DE FATO: UMA VISÃO POPULAR DO Brasil e do Mundo. Uma a cada oito famílias de Curitiba está na fila da Cohab. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/02/20/uma-a-cada-oito-familias-de-curitiba-esta-na-fila-da-cohab/>. Acesso em: 08/07/2018.
- CARDOSO, A. R.; BRITO, L. M. T. Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, p. 433-441, set./ dez. 2014.
- CASTELLS, M., **A Sociedade em Rede** vol. I. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORSARO, W. **Sociologia da Infância** 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- COSTA, S. S. A trajetória recente da política de habitação social no Brasil. **Revista de Pesquisa em Políticas Públicas**, n. 3, ago. 2014.
- CURITIBA. Prefeitura Municipal. **Portal de serviços de Curitiba**. 2019. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/servicos/cidadao/academia-ao-ar-livre/552>. Acesso em: 15 nov. 2018.

CURITIBA. Portal da Prefeitura de Curitiba. **Administrações regionais e bairros**. 2018a. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/o-que-sao-administracoes-regionais/80>. Acesso em: 02 mar. 2018.

CURITIBA. **Portal da prefeitura de Curitiba**. 2018b. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/boa-vista-administracao-regional/82>. Acesso em: 02 mar. 2018.

CURITIBA. **Agências de Notícias da Prefeitura de Curitiba**. 2018c. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/fotos/album-novo-mapa-regionais/23644>. Acesso em: 02 mar. 2018.

DEMARTINI, Z. B. Infância, Pesquisa e Relatos Orais. In: FARIA, A. L. G. et al. (Org.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2002.

GAITÁN, L. 1ª CONFERÊNCIA: Cambios en la Infância Durante las Últimas Décadas. In: CURA, P. *et al.* ENCuentro LA CIUDAD DE LOS NIÑOS – LA INFANCIA Y LA CIUDAD: UNA RELACIÓN DIFÍCIL, 5. Madrid, 2008. **Anais...2008**.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, N. A civilização dos pais. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 469-493, set./dez. 2012.

ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. 1970.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERREIRA, S. P. **Políticas Educacionais de Ampliação de Tempo e Espaço para a Infância em Territórios Urbanos: uma análise a partir do bairro do Pilarzinho da Cidade de Curitiba**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

FERREIRA, V. M.R. **Tecendo uma cidade modelar: relações entre currículo, educação escolar e projeto da cidade de Curitiba na década de 90**. 2008.261f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em História: História, Política, sociedade, PUC-SP, São Paulo, 2008.

FIGUEIREDO, S. **Infância e cidade: uma análise das redes de interdependência de crianças nos espaços institucionais e do bairro Tatuquara na cidade de Curitiba**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

FONTES, G. Prefeitura busca R\$ 250 milhões para área que gerou atrito entre Greca e Huck. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 20 ago. 2018a. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/parana/prefeitura-busca-r-250-milhoes->

para-area-que-gerou-atrito-entre-greca-e-huck-a6fs3wkv8je2bgkgliim209l/. Acesso em: 12 mar. 2019.

FONTES, G. Greca telefona para Luciano Huck e “impede” reforma de casa na Caximba. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 20 ago. 2018b. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/greca-telefona-para-luciano-huck-e-impede-reforma-de-casa-na-caximba-ag1e9dherf8b1qm6z5mzslsk9>. Acesso em: 12 mar. 2019.

FONTES, G. Curitiba quer oferecer incentivos para espalhar moradias populares pela cidade. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 24 ago. 2018c. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/parana/curitiba-quer-oferecer-incentivos-para-espalhar-moradias-populares-pela-cidade-77ueqro0vkqnpwi8lkibxfsnt>. Acesso em: 12 mar. 2019.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, 1995.

HAESBAERT, R. Território e Multiterritorialidade: um debate. **Revista GEOgraphia**, Niterói, v. 9, n. 17, p. 19-46, 2007.

HISTORY. ONU declara o dia mundial do habitat. **Hoje Na História**. Disponível em: <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/onu-declara-o-dia-mundial-do-habitat>. Acesso em: 12 out. 2018.

IANNI, O. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

IBGE. **Brasil, Paraná, Curitiba, panorama**. 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/curitiba/panorama>. Acesso em: 02 mar. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Nosso bairro/ Bairro alto**. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/36-Bairro%20Alto.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Nosso bairro/ Boa Vista**. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/34-Boa%20Vista.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Nosso bairro/ Butiatuvinha**. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/61-Butiatuvinha.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Nosso bairro/ Hauer**. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/38-Hauer.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Nosso bairro/ Parolin**. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/25-Parolin.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Nosso bairro/ Pinheirinho**. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/66-Pinheirinho.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Nosso bairro/ Santa Cândida**. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/53-Santa%20C%C3%A2ndida.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Nosso bairro/ Santa Felicidade**. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/63-Santa%20Felicidade.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Nosso bairro/ Bairro Tatuquara**. Disponível em: <http://www.ippuc.org.br/nossobairro/anexos/74-Tatuquara.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2018.

JORNAL CADERNO DO BAIRRO. **Caximba**. Disponível em <http://www.cadernodobairro.com.br/santana/conheca-o-bairro/caximba1.html>. Acesso em: 13 mar. 2019.

KOWARICK, L. **A Espoliação Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LEÃO, M. B. M. S.; LIMA, J. J. F. Reassentamento involuntário em projetos de saneamento em Belém do Pará. **E-metrópolis**, ano 7, n. 25, jul. 2016.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Itapevi: Nebli, 2016.

LOPES, J. M. L. Geografia das crianças, Geografia das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Contexto & Educação**. Editora Unijuí, ano 23, n. 79, jan/jun. 2008.

LUNA, S. V. **Planejamento de Pesquisa**: uma introdução. São Paulo: Educ, 1997.

MARGUTI, B. O. Políticas de habitação. In: Organizadores, COSTA, M. A.; THADEU, M.; FAVARÃO, C. B. A nova agenda urbana e o Brasil: Insumos para sua construção e desafios a sua implementação. Cap. 8, p. 119-133. Brasília: Ipeia, 2018.

MOBILIZA CURITIBA. **Quem Somos**. Disponível em: <http://www.mobilizacuritiba.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 14 mar. 2019.

MOLLO-BOUVIER, S. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 391-403, mai./ago., 2005.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. Trabalho doméstico ocupa 40% mais tempo das meninas no mundo. **ONU Brasil**. 11 out. 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/trabalho-domestico-ocupa-40-mais-tempo-das-meninas-no-mundo-diz-unicef/>. Acesso em: 15 jul. 2019.

NORONHA, M. M. S.; PARROM, S. F. **A Evolução do conceito de família**. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170602115104.pdf.

PORTO, R. T. C.; DORZ, S. D. Os Limites e as Possibilidades sobre as Políticas de Prevenção contra o Trabalho Doméstico de meninas no Brasil. **Revista Prolegômenos – Derechos y Valores**, v.2, p. 11-31, 2018.

QVORTRUP, J. Infância e política. **Cadernos de pesquisa**, n. 141, p. 777-792, set./dez., 2010.

QVORTRUP, J. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, v. 36, n. 2, p. 631-644, 2010.

RECHIA, S. *et al.* O Lugar do Lazer nas Políticas Públicas: um olhar sobre alguns cenários. **Licere**, Belo Horizonte, v. 18, n.1, mar/2015.

RIZEK, C. S. Prefácio. *In*: GOMES, M. F. C. M. et al. **Renovação urbana, mercantilização da cidade e desigualdades socioespaciais**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

ROLNIK, R. **Guerra dos lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

ROSEMBERG F.; FREITAS R. R. Participação de crianças brasileiras na força de trabalho e educação. **Educação e realidade**, v. 27, n. 1, p. 95-125, jan./jun. 2002.

ROSEMBERG, F. A convenção internacional sobre os direitos da criança: debates e tensões. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 141, p. 693-728, set./dez. 2010.

SARMENTO M. J. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

SARMENTO M. J. Infância e cidade: restrições e possibilidade. **Revista Educação**, Porto alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, maio-ago. 2018.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**. 13. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2008.

TERRA DE DIREITOS. **Sobre**. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/quem-somos/sobre>. Acesso em: 14 mar. 2019.

VOLOCHKO, D. Lutas urbanas na metrópole de Curitiba: moradia popular, ocupações de terra e resistências. **Geo Textos**, Salvador, v. 12, n. 1, p. 37-50, jul. 2016.

ZALUAR, A. Violência, pobreza, drogas. **Braudel Papers**, São Paulo, n. 12, 1995.

ANEXO 1 – AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO



CURITIBA

Prefeitura Municipal de Curitiba
Secretaria Municipal de Educação
Superintendência de Gestão Educacional
Departamento de Ensino Fundamental
Av. João Guarberto, 623 7º Andar Torre A
Alto da Glória
80030-000 Curitiba PR
Tel: 41 33203076
Fax: 41 3320 3047
www.curitiba.pr.gov.br

Curitiba, 14 de agosto de 2017.

AUTORIZAÇÃO

Informamos que a pesquisadora **Avelaine do Rocio Mielniczki**, aluna de Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, orientada pela Professora Dr^a Valéria Milena Röhrich Ferreira, está autorizada a realizar pesquisa sobre "Crianças e as vivências no bairro, na cidade de Curitiba".

O objetivo é analisar os significados da vivência no bairro e em outros espaços da cidade de Curitiba, de crianças entre oito e doze anos e as relações de interdependência desta vivência enquanto sujeitos sociais.

A pesquisadora pretende utilizar as seguintes estratégias:

- Compreender os significados trazidos pela vivência das crianças nos espaços do bairro;
- Identificar quais os espaços do bairro que são frequentados pelas crianças e a relação destes em suas relações de interdependências;
- Identificar as relações de interdependência das crianças em outros espaços da cidade de Curitiba;

Os instrumentos utilizados serão:

Para o desenvolvimento da pesquisa optou-se pela pesquisa qualitativa.

- Entrevista semiestruturada.

A escola eleita para pesquisa será:

- Escola Municipal [REDACTED]

ANEXO 2 – AUTORIZAÇÃO DAS FAMILIAS PARA A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



Senhores Pais e/ou Responsáveis:

Meu nome é Avelaine do Rocio Mielniczki Fonseca, estou cursando Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná e tenho como proposta da minha pesquisa compreender a vivência das crianças no bairro.

Nos próximos dias pretendo conversar com as crianças sobre as relações delas com o bairro em que moram e outros espaços da cidade de Curitiba. Sendo assim, solicito a sua autorização para que eu possa realizar essa pesquisa com o(a) seu(sua) filho(a). Comunico que, para otimizar o tempo e a qualidade, as entrevistas serão gravadas em forma de áudio, preservando a identidade da criança participante.

Agradeço desde já a atenção e caso permita que seu (sua) filho(a) participe dessa pesquisa, preencha a autorização abaixo.

Curitiba, ____ de _____ de 2017.

Avelaine do Rocio Mielniczki Fonseca
Mestranda – PPGE / UFPR

Fone / Whatsapp:
(41)999996741

avelainefonseca@gmail.com

Orientadora da pesquisa: Profª Drª Valéria Milena R. Ferreira

AUTORIZAÇÃO PARA A PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Eu, _____ autorizo o (a) meu (minha) filho (a) _____ a participar de conversas sobre suas vivências no bairro e na cidade de Curitiba (dentro do condomínio Aroeira IV), com a estudante Avelaine do Rocio Mielniczki Fonseca que pesquisa a vivência das crianças no bairro e na cidade de Curitiba.

Assinatura e RG.

Data: ____ / ____ / ____
